

Mavis Dora Álvarez Licea

*A louca de
Las Yagrumas
e outras
mulheres*



Mavis Dora Álvarez Licea

*A louca de
Las Yagrumas
e outras
mulheres*



DILMA ROUSSEFF
Presidenta da República

GILBERTO JOSÉ SPIER VARGAS
(Pepe Vargas)
Ministro de Estado do
Desenvolvimento Agrário

LAUDEMIR ANDRÉ MULLER
Secretário Executivo do Ministério do
Desenvolvimento Agrário

**CARLOS MÁRIO GUEDES DE
GUEDES**
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária

VALTER BIANCHINI
Secretário de Agricultura Familiar

ANDREA BUTTO ZARZAR
Secretária de Desenvolvimento
Territorial

ADHEMAR LOPES DE ALMEIDA
Secretário de Reordenamento Agrário

SÉRGIO ROBERTO LOPES
Secretário de Regularização Fundiária
na Amazônia Legal

JOAQUIM CALHEIROS SORIANO
Diretor do Núcleo de Estudos
Agrários e Desenvolvimento Rural

**JOÃO GUILHERME VOGADO
ABRAHÃO**
Coordenador executivo do Núcleo de
Estudos Agrários e Desenvolvimento
Rural

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
(MDA)
www.mda.gov.br

NÚCLEO DE ESTUDOS AGRÁRIOS
E DESENVOLVIMENTO RURAL
(NEAD)
SBN, Quadra 2, Edifício Sarkis - Bloco
D - Loja 10 - Sala S2 - Cep: 70.040-
910 - Brasília/DF - Telefone: (61) 2020
0189 - www.nead.gov.br

Título original:
**La Loca de Las Yagrumas y Otras
Mujeres**

TRADUÇÃO
**Soledad Del Carmen, Positive
Idiomas**

REVISÃO DA TRADUÇÃO
**Ana Carolina Fleury, Emma
Siliprandi, e Maria Auxiliadora César**

REVISÃO TÉCNICA
**Emma Siliprandi e Mavis Dora
Álvarez Licea**

REVISÃO ORTOGRÁFICA E
GRAMATICAL
Ideal Gráfica

PRODUÇÃO GRÁFICA E
EDITORIAL
Ana Carolina Fleury

PROJETO GRÁFICO, CAPA E
DIAGRAMAÇÃO
Leandro Celes (Curupira Design)

Mavis Dora Álvarez Licea

*A louca de
Las Yagrumas
e outras
mulheres*

Ministério do Desenvolvimento Agrário

Brasília, 2012

Série NEAD Especial 17

Copyright 2004 Ediciones Extramuros

Copyright 2012 MDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Licea, Mavis Dora Álvarez.

A louca de Las Yagrumas e outras mulheres. – Brasília :
Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012. (Série NEAD
Especial 17).

192p.

Título original: La Loca de Las Yagrumas y Otras Mujeres
Tradução de Soledad Del Carmen, Positive Idiomas

ISBN: 978-85-60548-91-0

1. Literatura cubana. 2. Licea, Mavis Dora Álvarez.

CDU: 821.134.2(729.1)

*Se um homem vulgar soubesse escrever sua vida,
escreveria a maior novela jamais escrita.*

Giovanni Pappini

*Primeiro é o sentimento, logo a sensação e, ao fim,
as palavras.*

José Hierro

A todas as mulheres do campo, de todas as partes do mundo, e, de maneira muito especial, às mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST - Brasil). Cubanãs e brasileiras, todas sofremos com os preconceitos e as discriminações, frutos de estruturas e de mentalidades machistas; mas seguimos teimosamente lutando ao mesmo tempo pela melhoria das nossas condições de vida e pela felicidade

Sumário

Apresentação.....	11
Prefácio.....	13
Introdução.....	15
Maio de 59.....	19
O lugar.....	23
As pessoas.....	27
O balcão.....	33
As viúvas do Alfre.....	41
Niguabo.....	49
Elvira, a negada.....	57
A louca de Las Yagrumas.....	65
Mulheres em abril.....	71
Girassol.....	83
Dona Maria del Pilar.....	89
Pichón.....	95
Felicia e a ceiba.....	103
Elvira encontra Pilar.....	115
Ana, a de Barrancas.....	123
A festa de Trocones e a havaneira do vestido vermelho.....	131
Lina, a do Chano.....	141
Rosadela.....	149
A amora e o calvo.....	159
A noite de Natal com o clã do Chano.....	173
Víctor e o rio.....	181

Apresentação

O compromisso do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) com a promoção do desenvolvimento rural sustentável e com o apoio à agricultura familiar se materializa não apenas por meio de um elenco de Políticas e Programas concretos, mas também na valorização desse segmento social como portador de uma história e de um modo de vida que têm muito a ensinar ao conjunto da sociedade.

Em Cuba, como no Brasil, e na América Latina como um todo, o olhar das camponesas e dos camponeses, “guajiras e guajiros”, foi, por muitos anos, negligenciado. Vistos muitas vezes apenas como objetos de estudos e de intervenções, ou folclorizados pela literatura enviesada de origem urbana, pouco se sabe sobre como as mulheres e homens do

meio rural latinoamericano vivenciaram as profundas transformações a que o campo foi submetido nas últimas décadas.

O livro de Mavis Dora Alvarez Licea, que agora trazemos a público, está na contramão dessa história.

Mavis é uma agrônoma-escritora cubana natural de Palma Soriano, província do Oriente. Com apenas dezenove anos, viu-se em meio ao processo revolucionário, trabalhando para consolidar a reforma agrária naquele país. Desde então, trabalha incansavelmente pela valorização da produção camponesa, tendo ajudado a criar inúmeras associações e cooperativas. Hoje aposentada, continua esse trabalho prestando consultorias para órgãos internacionais, levando para outros espaços a palavra das camponesas e dos camponeses com quem sempre conviveu.

Neste livro, retrata os conturbados anos de implantação da reforma agrária cubana a partir do ponto de vista das mulheres. Seus comoventes relatos nos falam de inúmeras violências – dadas pela ignorância, pelos preconceitos, pelo machismo – mas falam também de garra, de lutas, de solidariedade, de aprendizados recíprocos na busca de uma sociedade mais justa e, sobretudo, da possibilidade de construção de relações igualitárias entre homens e mulheres.

Resgatar esse olhar é lembrar, em primeiro lugar, que as mulheres também foram protagonistas nessas lutas. E que a história é feita de sentimentos, de indivíduos, de vidas vividas em primeira pessoa. É homenagear a participação de todas as camponesas nas lutas por um mundo mais justo.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), sente-se orgulhoso de poder apresentar este livro ao público brasileiro.

Pepe Vargas

Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário

Prefácio

Sinto uma alegria muito grande em ver *A Louca de Las Yagrumas* ser traduzido para o português e publicado no Brasil. Em primeiro lugar, porque creio que o livro será uma inspiração para todas as pessoas que trabalham com o meio rural, pelo lindo retrato que faz da vida das camponesas cubanas naqueles tempos de mudanças. Essa mirada atenta, carinhosa, apaixonada e compassiva me faz pensar em quantas “donas Marias” existem nas comunidades rurais brasileiras, cujas histórias ainda esperam para ser contadas.

Por outro lado, a publicação deste livro é também um reconhecimento à sua autora, que, como costuma dizer, longe de ser uma escritora, sempre foi uma militante social, e simplesmente queria registrar as histórias de que tinha sido testemunha. Mavis talvez não se dê conta, mas, ao fazer isso, está prestando um enorme serviço ao conjunto das mulheres rurais, mostrando-as como protagonistas das próprias vidas: mostrando a riqueza das vidas dessas “donas Marias” que sistematicamente têm sido negligenciadas nas histórias oficiais e não-oficiais do mundo rural.

Conheci Mavis Álvarez em meados da década de 1990, no contexto das articulações para a realização do Fórum Mundial pela Soberania Alimentar, que ocorreu em Havana no ano de 2001. Eu participava então da Rede Interamericana Agriculturas e Democracia, a RIAD, um coletivo de pesquisadores e militantes das questões agrárias que se articulou entre os anos 1993 e 2003 por iniciativa da Fundação Léopold Mayer pelo Progresso da Humanidade (FPH). Mavis participava da ANAP, a Associação Nacional dos Pequenos Agricultores de Cuba. O propósito da RIAD era apoiar os contatos entre os movimentos camponeses e indígenas latinoamericanos, promovendo discussões sobre as transformações que estavam ocorrendo e pensando estratégias políticas de resistência ao avanço do que depois veio a ser chamado de agronegócio. Os movimentos sociais rurais se consolidaram em outras redes e organizações, e muitas propostas vieram a concretizar-se em vários países no decorrer dos anos 2000, por pressão desses movimentos e com a eleição de governos populares: políticas de apoio à agricultura familiar, de reconhecimento dos direitos coletivos dos povos tradicionais e das mulheres rurais, entre outras.

Quando recebi um exemplar deste livro, que ela havia enviado para mim por intermédio de Francisco Menezes, um amigo comum, fiquei profundamente comovida. Mavis acabava de se aposentar e, com mais de 70 anos de idade, havia ingressado em um curso de mestrado sobre gênero... atitude que revela muito da sua disposição de continuar aprendendo, refletindo, e discutindo coletivamente sobre o que está por vir. A mesma disposição daquela garota, que décadas atrás, mergulhou fundo nas contradições da realidade cubana e foi capaz de nos trazer essas histórias tão emocionantes, tão bem contadas, inesquecíveis.

Campinas, 8 de novembro de 2012.

Emma Siliprandi

Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da Universidade Estadual de Campinas (Nepa/ Unicamp)

Introdução

A Primeira Lei de Reforma Agrária, promulgada em maio de 1959, marcou o caráter radical da Revolução Cubana e sua prioridade política de transformar as relações de exploração e marginalização existentes no campo. O conjunto de narrações apresentadas neste livro se apoia em acontecimentos e situações que giram ao redor da aplicação dessa primeira lei agrária e do impacto que produziu nos costumes, nas relações e, em geral, nas vidas de pessoas que se viram envolvidas diretamente em tão profundas mudanças sociais.

Construir uma estrutura institucional e pô-la em funcionamento, logo após terminada a guerra de liberação, para garantir o cumprimento das medidas agrárias tomadas pela revolução, requeria o esforço de muitas pessoas com preparação ou experiência em atividades agrícolas

e políticas. Na prática, esse pessoal escasseava, ainda mais em uma população provinciana como é a de nossa história. A alternativa era, pois, muito clara: apelar à vontade dos homens e das mulheres do povo.

Parte dessas pessoas fomos os estudantes. Muitos de nós, universitários e de ensino técnico profissional, ainda deveríamos esperar pela reabertura de nossos centros docentes, fechados pela ditadura de Batista. Compostos de muitos estudantes de agronomia, economia ou matérias afins, escolhemos para travar nossa batalha pessoal o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), a instituição emblemática responsável pelas mais radicais transformações, a qual levaria a cabo a revolução recentemente estreada no poder.

As vivências dessa etapa de encontros reais com a vida, de assumir responsabilidades e protagonismos, para os quais nem remotamente nos tínhamos preparado, moldaram-nos como uma correnteza marca a terra. Em pouco tempo, aprendemos realidades que, em outras circunstâncias, demoraríamos anos para assumir e entender, como a evidência traumática de que, às vezes, para construir, é preciso destruir, e, com frequência, o construído precisa ser reconstruído. Por sorte, contamos com excepcionais professores: o exercício cotidiano de viver a intensidade do momento histórico e essas maravilhas de pessoas ao nosso redor, homens e mulheres simples, cujos nomes podem não se encontrar nas anotações de feitos heroicos, mas cujas histórias pessoais e o privilégio de conviver com eles foram nossa mais efetiva didática revolucionária.

As mulheres do campo, tradicionalmente marginalizadas e em sua grande maioria excluídas de participar de atividades e processos externos ao âmbito doméstico, enfrentaram verdadeiros desafios pessoais, que muitas vezes significaram rupturas interiores e mutilações sentimentais, para inserir-se (ou não) em um espaço público aberto sem limites, onde poderiam (e teriam) que atuar como sujeito social, para exercer direitos e deveres que legalmente lhes reconheciam como cidadãs.

Através de histórias pessoais, são vivenciados momentos de tensão nas vidas de mulheres e também de homens relacionados com elas, curtos pedaços de vida que significaram pontos de inflexão para seus destinos, tomada de consciência para assumir o desconhecido, o novo, o amanhã, quando ainda se vivia o ontem. Transição violenta de uma etapa caracterizada pela servidão da mulher à família, preconceitos sociais e domínio machista em um contexto totalmente diferente, onde a mulher deveria tomar suas próprias decisões, assumir responsabilidades e construir uma relação familiar e social totalmente diferente da sua experiência anterior.

O enfrentamento individual das mulheres rurais no processo de mudanças revolucionárias na sociedade cubana é uma epopeia silenciosa, uma longa luta contra os preconceitos e os padrões do passado. Não poucas vezes, os indubitáveis avanços que em todos os aspectos do desenvolvimento humano e social alcançaram a mulher camponesa em Cuba, acabam deixando em segundo plano o alto custo em sofrimentos pessoais e rupturas íntimas, que pagou nesse processo em direção ao amanhã, em cada momento de sua vida. Este livro é só uma tentativa de contribuir com exemplos, tipificar situações que – em algum grau – mostrem essas experiências vitais e, o que é mais importante ainda, rendam tributo aos homens e às mulheres pioneiros dessa longa luta inacabada.

Os que semearam em nossa memória e consciência tantas razões, assombros, surpresas, alegrias e tristezas são coautores desta mínima obra, onde as histórias verdadeiras parecem contos e os contos são como histórias. Uns e outros são genuínos, nada inventei, salvo alguns nomes, que troquei por discrição; o resto são puras lembranças de pessoas que compartilharam tempos de ingenuidade e inexperiências, mas também de muito, muitíssimo amor. Tanto que ainda perdura.

A autora

Maio de 59

Os biombos estão fechados. Empurro-os para dentro e fico detida na soleira da porta, enquanto minhas pupilas se acomodam à penumbra interior. É violento o contraste entre a claridade intensa do pátio, por onde acabo de passar, e a sala à meia sombra. O homem sentado atrás da escrivaninha levanta a cabeça; parece surpreso, mais pela interrupção do reflexo de luz sobre seus papéis do que por minha presença. Olha-me um pouco assustado, como se não esperasse alguém como eu. Ainda não vejo claramente, mas sinto – ou melhor, pressinto – seu olhar rastreando meu corpo ombros abaixo, indo devagar pela borda da cintura e circulando pelos quadris e pelas coxas até o visível de minhas pernas desde sua posição. Eu sigo aí parada, desconcertada e confusa, praticamente nua ante esses olhos curiosos, que se entretêm

no desfrute da imagem translúcida que lhe oferece a luz do sol através do fino tecido do meu vestido branco.

– Entre – diz-me finalmente em um tom bastante ambíguo. Adiantome presa à tira de minha bolsa e, sentada em frente a ele, observo-o enquanto mexe e assina papéis. É um homem jovem, pouco mais de trinta, sem dúvida, atraente; com seu chapéu de vaqueiro, que combina com ele, mas não sei para que serve nesse quarto tão escuro. Por fim, levanta a cabeça e sussurra as primeiras palavras:

– Me disseram que quer trabalhar conosco.

Afirmo com um gesto.

– E o que sabe fazer?

– Bom, nunca trabalhei, estudava na universidade até que foi fechada, em Havana. Me disseram que precisavam de gente no Oriente, no INRA, por isso vim. Nasci neste povoado...

Detenho o discurso. O homem não presta atenção no que falo, seu olhar retrocede pelos botões de minha blusa; de repente troca de direção e, pela primeira vez, olha diretamente nos meus olhos. Os dele, bem abertos, incrédulos.

– E você vem de Havana? – a pergunta é um puro assombro.

– Sim, sim, moro lá. Mas tenho família aqui – respondo-lhe como me justificando por tamanha barbaridade.

– Moça, moça... Você deve estar louca! – e ri muito, empurrando o chapéu texano para trás.

– Todo mundo correndo para lá e você vem para cá! – diz quase afogado pelas gargalhadas. Quando recupera a compostura, move a cabeça compreensivo e em seu rosto aparece um sorriso suave, quase paternal, confidencial; sorriso de “não se preocupe”, “não direi a ninguém que é tão tola”, “isto fica entre você e eu”. Pisca pícaro um olho e aperta o botão de uma campainha à sua direita. Em seguida, vem um

homem – já mais velho, pulcro, com ares de empregado antigo – e me cumprimenta de modo cortês, embora o outro nem sequer o apresente.

– Vamos ver o que pode fazer esta moça, quer trabalhar conosco.

– Vira-se para mim em tom de mando.

– Vá com ele, logo nos vemos.

Não fica claro se é uma promessa ou uma ameaça. Sorri de novo. O sorriso descarado flui olhos abaixo como se fosse esperma derramado de uma vela acesa; levanto-me da cadeira e caminho sobressaltada para o foco contra a luz, com o olhar do homem pendurado no meu corpo até a porta de saída.

O cimento do pátio arde com o sol de maio.

O golpe de luz e calor me tira do marasmo, mas não do desassossego; olho para trás. Os biombos ainda se balançam. Acredito que o homem atrás deles não entendeu nada... e eu também não.

O lugar

Meu povoado, Palma Soriano. Escritório do Instituto Nacional da Reforma Agrária (INRA), dependência da Zona de Desenvolvimento Agrário O-21, uma das muitas partes em que se dividiu o país para facilitar a realização da reforma. A letra “O” é a inicial da província: Oriente. Dizer INRA é pensar em revolução. Assim é e assim se sente. O exército rebelde ganhou a guerra contra o exército de Batista, o povo saiu vitorioso sobre a ditadura e o INRA tem sua luta por diante, que, por ser nada fácil, vale reconhecê-lo.

Nosso escritório atende a um território imenso, de serra a serra, da Cristal à Maestra. Esse território chega a El Cobre, segue por Hongolosongo, Dos Palmas, Marsella e Marsellesa rumo a La Colorada e, sem parar, até o mesmo local do oeste da cordilheira serrana. De

lá sai a Palenque, Cambute, Caney, envolve a Aguacate, Ramón de Guaninao, Cruzamento de Lajas e termina em Bambá de Carolina, traçado imaginário do limite entre Palma e Contramaestre, que se estende pela borda direita do rio Cauto, indo até águas abaixo e por esses rumos, percorre as planícies da Lagoa Branca, Baraguá, Paso Estancia, Uvero.

Pelo outro lado, topamos com o rio Guaninicún, afluente do Cauto, e nem por isso manso quando traz muita água; e entre o povoado, o rio e mais à frente, El Alambre, Chaveco, Trocones, Palmarito, Cayo Rey... por aí também se chega às planícies do Baraguá e, se quiser, a Alto Cedro, Mayarí, a qualquer parte. E se você observa Santiago da parte de São Luis, pois aí tem Yarayabo, Santa Filomena e todas as Santas Ritas: de Lajas, de Orejón, de Burenes... nunca se soube por que tantas Santas e tantas Ritas.

Essa é a terra onde trabalhamos, esse é nosso mundo de vales e montanhas, rios e mananciais, solos ricos e *guajiros*¹ pobres. Cana e café, milho e batata-doce, safras e tempos mortos, engenhos ianques ou crioulos, muita terra e poucos donos, briga forte pela vida.

Esses campos, conheço desde pequena, são meu território, “a pátria do coração”, dizia José Ingenieros. Reconheço e levo na memória viva o aroma da terra seca quando caem as primeiras gotas, mesmo que chova longe; o roçar pungente da erva nos pés descalços pelos poteiros úmidos e o medo de brincar penduradas nos trilhos, arames farpados afiados para separar fazendas e espantar pobres. Conservo na pele o frio das águas profundas e no paladar o sabor dos peixes doces, mas também persiste no lado escuro da memória o aroma dos barracões de haitianos com seu cheiro de batata-doce, arenque assado e pessoas amontoadas, a lembrança de homens em busca de alguns trocados por um dia inteiro de trabalho, de espiga de milho à espiga de milho, no

.....

1 NT: Termo típico cubano que se refere a pessoas moradoras do meio rural; semelhante a “caipiras” no Brasil.

milharal ardente, com o almoço metido na mochila, comidas cozidas desde manhã bem cedo e o café frio na meia garrafa, junto com o medo permanente do “amanhã não precisa vir”.

Até que aconteceu o que tinha de acontecer, que nunca é tarde, se chega bem. Como esse INRA impetuoso e esse escritório que faz tudo como em uma colmeia, ou melhor dizendo, um vespeiro.

É um salão grande, sem divisões, com mesas e escritórios por todos os lados e onde cada qual conquista seu espaço para trabalhar. No fundo, lá no pátio, há dois quartos transformados em escritório para os principais chefes; são os únicos espaços disponíveis para falar algo sem que chegue ao conhecimento de todo o povo.

O INRA compra colheitas, gado. Intervém e nacionaliza latifúndios, administra fazendas, entrega títulos de propriedade da terra a quem a trabalha. Constrói moradias camponesas, oferece ajuda às vítimas da guerra, organiza e fornece as mercadorias para as novas lojas rurais (do povo, assim se chamam). Distribui materiais escolares para as escolas, sementes, adubos. Empréstimo dinheiro aos *guajiros* enquanto não chega a colheita. Apoia os dirigentes camponeses para organizar suas associações de base e, enfim, luta sua guerra contra o tempo e os inimigos, derrotados, mas não vencidos.

Todo o santo dia não param um minuto as quatro maquininhas de escrever e as duas de somar, a puro golpe de manivela. Às seis da tarde até a clavícula treme com as cacetadas, e nas noites, quando o cérebro quer dormir, os ossos de fazer contas resistem ao sono.

Aqui não se conhece o silêncio. O barulho é soberbo e perpétuo, marteladas nas paredes para pendurar algo, latões de qualquer coisa descem de um caminhão, camadas de sacos vazios se empilham no quintal dos fundos, motoristas cantam o último bolero do Vicentico Valdés, vozes chamando nomes no balcão, gritos de discussões nas mesas, tecele-tecele de maquininhas, ventiladores de pá zumbindo nos tetos, relinchos de cavalos nos portais, carros em vôo baixo pela estrada

central, os bombeiros – somos vizinhos do quartel – experimentam de vez em quando a sirene do alarme, para o caso de existir fogo – nunca se sabe – a vitrola engole-moedas do bar de Ñiquito com o Benny a coração aberto, e isto simplesmente é do caramba.

O dia inteiro e parte da santa noite esse local retumba com a multidão, o entra e sai e o barulho. Todo mundo apressado e lutando para conseguir o seu primeiro. Aqui se vê de tudo: uniformes verde-oliva, chapéus com abas, capacetes metálicos, boinas militares, *guayaberas*² muito bem passadas, camisas amassadas, calças jeans, esporas tintin, fivelões cabeça de vaca, botas sujas, limpas, brilhantes, perneiras, alpargatas e até terno e gravata!

Não acreditem que isto é fácil, na verdade, é algo assim como colocar um enxerto de fruta nova em árvore de copa velha e raiz profunda, com anos de crescimento de ramagens parasitas, insetos chupadores de seiva alheia. Tronco velho não aguenta enxerto, a reforma agrária derrubou esse tronco e plantou postura fresca, agora vamos ver quantas luas voltarão a Terra, para que as antigas raízes se sequem ao sol e dos ramos quebrados, caiam, uma a uma, as folhas, que por muito tempo apodrecerão no chão, antes de desaparecer.

.....
2 NT: Camisa masculina, de mangas curtas ou longas, decorada com pregas verticais, com bolsos no peito e, às vezes, bordados.

As pessoas

Os que vêm do campo ao nosso escritório chegam bem cedo, ao amanhecer. Formam grupos nos portais espaçosos, alguns se sentam nas sarjetas das calçadas e esperam. Os que estão a cavalo têm o costume de atar suas cavalgaduras às argolas de ferro das colunas. Conversam em grupos pequenos e fumam cigarros rústicos, torcidos com a própria mão. Alguns se mantêm distantes, silenciosos, pouco acostumados à multidão; de vez em quando, olham para as portas em busca de sinais de abertura, os mais curiosos colocam as suas cabeças nas janelas para ver o que acontece lá dentro.

Até que, por fim, com um forte e barulhento impulso de baixo para cima, levantam-se as cortinas e as portas metálicas – enrolam-se como um cigarro de latão encanado. Todas aquelas pessoas entram em blocos,

grudadas umas nas outras, empurrando para chegar primeiro ao balcão e soltar o mais rápido possível estes papéis que incomodam nas suas mãos.

Do outro lado, tão sobressaltados como eles, nós os recebemos.

À primeira avalanche de ansiosos, seguem outras mais calmas; quando todos entregaram seus papéis, o ambiente se relaxa e cada qual espera ser chamado por seus dados anotados em um documento (chamado “liquidação”), onde com maior ou menor legibilidade e ortografia, podem ser lidos, às vezes, nome e sobrenome, e em outras, simplesmente um nome ou apelido.

Com os dados dos papéis, fazemos contas, somamos, subtraímos. Ao final, fica um saldo. Isso é o que terá de se pagar a cada um pelo vendido. E aí chega o momento da verdade, o do balcão, onde enfrentamos – barreira de madeira e grade no meio – o ato inevitável de nos encontrarmos frente a frente uns e outros principiantes.

– Melquiades Pantoja, Felipe Santana, Juan de Dios...

Nos primeiros tempos, chamávamos somente levantando a cabeça dos papéis, urgência para sair daquela situação o mais breve possível: – Olhe, são xis sacos, tantos quintais, o preço é tal, menos desconto por perda de umidade, impurezas e você vai receber tanto, aqui tem o cheque. Vá ao outro guichê. Ali vão lhe pagar. De acordo?

A maioria responde afirmando, embora às vezes nos surpreenda o silêncio por resposta e o olhar duvidoso sobre o papel, alguém se preocupa, acredita que há um engano – isso é possível; mas não, diz-nos que não pode ser tanto, que com certeza nos enganamos. Ah, bom! E começo a explicar de novo a esse homem áspero e honesto, que não sabe multiplicar nem ler, que as contas estão certas. Instruíram-nos que devemos explicar quantas vezes for necessário, e ao nosso modo, é o que fazemos, e você volta a perguntar se entendeu, e ele diz que sim, embora talvez não tenha entendido nada, mas vai embora contente

com seu dinheiro no bolso e um montão de pensamentos novos em seu cérebro.

Do campo, também nos chegam outros menos mansos, os que ainda estão em guerra e com vontade de revanche. Trazem na memória lembranças ruins dos escritórios dos governos que sempre serviram mais aos poderosos do que aos fracos. Colocam cara séria, chegam ao balcão e entregam os papéis com um gesto autoritário. Os mais agressivos vêm vestidos de verde-oliva e ainda levam as armas como quando fizeram valer os seus direitos e não querem mudar de rumo. Se não entendem as contas ou o que é explicado a eles, pedem a presença dos chefes, pondo voz e gesto de “te atreva a me dizer não”, e lá vão; logo, quando saem – convencidos ou não –, pisam forte e olham elegantes para os lados, porque agora sim acabou o abuso com os *guajiros*, portanto é preciso que tudo esteja muito claro e que não se tenha medo.

Entre tantos e tantos, chegam outros que aliviam as tensões, falam em voz alta como também falam os que vivem em plena natureza, mas não gritam para convencer e tratam com respeito. São esses *guajiros* humildes e bem vivos, nunca humilhados, que agora dirigem a sua gente, organizam-nos para fazê-los mais fortes, andam e retrocedem caminhos e atalhos, soltando palavras deles mesmos e dos outros, porque assim terá que se falar com os homens do campo, que agora é quando começa de verdade a revolução e é necessário que todos, todos os camponeses se unam para defendê-la e para ter suas associações como os operários têm seus sindicatos. Alguns destes homens foram analfabetos até recentemente; outros, com mais sorte, estudaram até onde puderam, e as luzes do entendimento lhes serviram para escolher de que lado ficar. Existem aqueles que mais da metade da vida deles jogaram nessa luta de trabalhar com pessoas e consciências, passando por penúrias e perigos de todo tipo; agora não descansam, dizem que devemos estar alertas, porque o inimigo anda solto e se os camponeses não cuidarem do que ganharam, tudo se perde mais uma vez.

Razão não lhes falta, já vimos casos em assembleias de camponeses – homens e mulheres, menos mulheres do que homens – que têm proposto para dirigi-los, a quem antes exploravam, somente por favores bem cobrados, parentesco servil ou medo de que tudo mude, o que pode vir a acontecer. Os líderes mais espertos nos explicam que essas coisas acontecem porque ainda pensam no passado, o pulo foi muito grande e ainda estão no ar. Já cairão no presente, talvez já seja agora, até os animais se acostumam às selas ou ao jugo, tempo ao tempo e muito trabalho político, devemos ensinar às pessoas, vocês vão ver que ainda estão como cegas ou vesgas. E assim como a consciência, é também a vista; aos míopes, vamos ter de lhes colocar óculos.

Estes homens enérgicos e persistentes são uma brisa de ar fresco se comparados com outros que também vêm e até ficam – ao menos por um tempo. Com bom olho e muita malícia, é possível descobri-los à primeira vista.

Temos especialistas, os que sabem de tudo. Claro que aprenderam tudo em seus próprios negócios: entendem de comprar e vender, de armazenar, embarcar, transportar, calcular pesos e medidas, administrar contas de bancos, papéis e mais papéis, dinheiros e mais dinheiros. São inteligentes esses bichos, foram às escolas particulares, são filhos de comerciantes e latifundiários; não é que fossem muito ricos, mas nunca lhes faltou nem escola nem comida, isso não, porque tinham de garantir a herança e a administração em família. O que acontece é que aprenderam e, agora, os que ganharam a guerra precisam deles. Eles se aproveitam e fazem de conta. Aparentam acreditar na revolução triunfante, inclusive destacam alguma ou outra contribuição, o dinheirinho que deram, a mercadoria que alguma vez mandaram à serra, o guerrilheiro que esconderam na fazenda, qualquer coisa é boa para poder cobrar. E cobram bem... cobram o aluguel de seus próprios caminhões, de suas máquinas e tratores, alugam seus próprios secadores, navios, píeres, mulas, bois e se alugam a si mesmos. Mas isso, neste momento, não é o mais importante. Há outras urgências: não se podem perder as colheitas no campo, os camponeses – agora donos –

precisam vender seus produtos, e as pessoas, nos povoados, esperam por eles para comer.

Além dos que sabem de tudo, temos naufragos, sobreviventes dos escritórios públicos desativados, quase todos “*botellers*”³ de profissão, fantasmas de fim de mês que vêm só para receber o salário e até a próxima, fecharam-se para eles as cavernas e ficaram pendurados. Na realidade, não vieram espontaneamente, mas escolheram entre duas variantes possíveis: ou trabalha ou não recebe mais. E aqui estão, bons para nada, mas com ares de “não se enganem que não somos iguais”. Chegam tarde inventando desculpas, limpinhos, cheirosos à colônia da boa, unhas cortadas e rostos ainda avermelhados da ressaca matinal, porque as tardes e as noites são de farra contínua. Filhos de empregados, aproveitadores, pura classe média quase baixa e alternando com os da média para cima, fazendo de tudo pelas bebidas grátis e pela entrada no clube, onde é possível (e para alguns foi mesmo) juntar-se a uma filha de papai para melhorar a situação econômica e a posição na escala social.

São os vagabundos aristocráticos da farândola do povoado. A única diferença com os vagabundos das ruas é a bebida que tomam e as putas que frequentam. Esses vagabundos limpinhos consomem bebidas e putas finas. Os outros disparam para todos os lados, para qualquer coisa e se agarram ao que tiver cheiro de fêmea.

Essa tropinha é coesa e pesada; por sorte, são poucos. Custa fazê-los trabalhar, às vezes apertando muito, acabam se sentando e teclam, dedo a dedo, para mexer em um ou outro papel dos que cada dia nos chegam de todas as partes. Aos pouquinhos se levantam, esgotados e saem para a esquina, a recuperar-se no bar de Ñiquito, de onde voltam sorridentes, embriagados e olhando para as nossas bundas como se fossem vampiros no cio.

.....
3 NT: Termo local que designa um tipo de “funcionários-fantasma”, muitas vezes cabos eleitorais que eram contratados pelos coronéis para cargos públicos, mas não trabalhavam.

Os naufragos se dão muito bem com os especialistas, que sabem de tudo, são cupinchas de farras e amigos desde sempre. Uns aos outros se tapam com o mesmo lençol e jogam o mesmo jogo do tempo. Paciência e sobreviver à tempestade. O rio transbordado retornará às suas margens. Enquanto isso, conseguir o máximo que for possível, força total e vamos agir:

– Vamos, amigo, vamos ganhar a manhã. O Ñico já abriu.

Com as águas turbulentas, também chegaram homens de olhar limpo, obstinados, alegres e rudes, loucos por fazer tudo novo e diferente, que não dormem em suas camas, nem veem as suas mulheres por muito tempo, nervosos, de somente comer e pouco descanso, que não se impacientam e ouvem tudo o que chega e se preocupam para que ninguém vá embora daquele escritório sem ser atendido e que tenha seu problema resolvido. Todos os dias vão ao trabalho para ver como estão as coisas, se está tudo funcionando direito, porque há muitos falsos, hipócritas, que dizem sim com a cabeça quando na verdade querem dizer não. Esses homens, quase todos jovens, não são muito conhecedores dos negócios, nem sabem muito de escritórios e papéis, mas acreditam no que fazem e estão tão dispostos a fazê-lo, que não há outro remédio do que segui-los, embora não esteja muito claro do que se trata, nem aonde vai o caminho, mas que vai seguindo, isso sim. Pelo menos já sabemos onde estamos e com quem andamos.

O INRA é um campo de batalha situado em uma esquina direita da estrada central, na saída de Palma Soriano para Contramaestre. Na metade da próxima quadra e no mesmo lado da calçada, o bar de Ñiquito.

Quem disse que a guerra terminou?

O *balcão*

A cada manhã se renova a tinta nas almofadinhas colocadas no balcão. Nelas, molham os polegares dos que não sabem escrever os próprios nomes. Nos primeiros dias da semana, quando a afluência de público é maior, é necessário encher as almofadinhas com tinta mais de uma vez por jornada. Certamente, os que colocam suas digitais nos documentos não têm nem ideia do escrito nesses papéis, confiam em nossa palavra, e assim os vemos em frente ao balcão, desamparados em sua ignorância.

É tão frequente a questão das impressões digitais para identificar-se que às vezes nos adiantamos aos “não sei ler”, por um gesto entre susto e timidez, um chegar encolhido ao balcão, uma mão muito demorada em tomar a caneta – presa por uma corda à grade –, um olhar que

não se levanta até o nosso. Claro que às vezes também os sinais nos confundem e sucederam alguns casos de lhes pôr a caixinha metálica da almofadinha em frente e vimos que não serve para muita coisa, que não é necessário e alguém se alegra por isso e lhes pede desculpas, dizendo que é o costume.

Vêm poucas mulheres a esse escritório. São homens os que tramitam assuntos sobre a terra, vendem produtos, solicitam créditos, administram avais ou simplesmente se relacionam e coordenam com o INRA para qualquer uma das tantas tarefas que se realizam no campo. Bastaria observar este detalhe de mulheres minoritárias para perceber – sem esforçar muito a inteligência – como lhes tocou mais sorte ser menos entre os menores. É curioso que algumas das poucas mulheres que aqui vêm, costumam fazê-lo acompanhadas de um homem, para que as represente, e são eles – filhos, irmãos, parentes próximos ou distantes – quem assina por ordem da mulher, a mesma mulher a quem a revolução acaba de reconhecer igualdade de direitos nesses assuntos.

– Senhora, assine aqui a solicitação do dinheiro.

– Não, assina o meu irmão, ele me representa.

– Companheira, você é a proprietária da fazenda. Se não sabe assinar, coloque as suas digitais.

– Não é necessário, ele sabe ler, por isso o trouxe.

– Se ele assinar, o cheque sai no nome dele.

– Não importa, é de minha confiança.

E não há mais remédio do que cumprir a vontade dela.

Casos houve, e não poucos, em que os leais assinantes deixaram os seus parentes próximos ou distantes sem terra e sem bolsa.

Também vêm os outros – que remédio! – que no princípio não levam as coisas a sério, ou, pelo menos, não muito a sério. Alguns não ocultam sua soberba nos gestos bruscos; outros simulam indiferença, afinal

com a terra que conservam, ainda podem passar bem. Só é questão de esperar um pouco.

Vinham aos nossos escritórios com ares de senhores, bem vestidos, elegantes, não falavam, entregavam seus papéis limpos, com suas mãos limpas, sem nos olhar e sem pedir permissão entravam para cumprimentar seus conhecidos, para fazer notar a diferença entre eles e as baratas jovens que atendíamos no balcão. Antes de assinar com sua boa letra, pediam explicações de cada número e detalhe e se lhes perguntávamos os nomes para identificar, pronunciavam-nos com todos os sobrenomes, como quem lança projéteis. Afinal, quem não conhecia os fulanos e beltranos ilustres desse pedaço de mundo, do qual sempre se sentiram donos? Estes crioulos arrogantes e assustados querem nos enganar. Saem dizendo “muito obrigado” com a boca e “já nos veremos” com a alma.

O balcão é uma caixinha de surpresas. Pode ocorrer de tudo. Quando se chama alguém, quando se pronuncia um nome, nunca se sabe o que se enfrentará.

A rotina é aproximar-nos do guichê com um conjunto de papéis nas mãos e chamar de uma vez vários nomes e depois identificar cada um:

– Vamos ver. Quem é Alberto... Cabrera? Seu cheque, assine o recibo.

Ponho-lhe o recibo em frente e lhe digo que assine na última linha, que ponha seu nome aí, em cima da linha.

Alberto vacila, joga o chapéu para trás e fica em transe.

– O que houve, Alberto? – pergunto e ajeito a almofadinha.

– Bom, é que eu não escrevo muito claro.

– Não importa, faça como sempre faz – e retorno a almofadinha ao seu lugar.

– É que eu nunca assinei nada.

– Pois esta é a primeira.

E ponho a caneta entre seus dedos rígidos, indico a linha negra, no final da folha. Alberto procura a linha perdida e não a encontra, indico-a novamente com meu dedo no papel. Alberto se afunda, afoga-se no espaço em branco sobre a tal linha. Ao redor, todos nos calamos, os mais próximos olham o papel e sua mão, os de trás esperam para ver o que acontece. Alberto começa a escrever, várias dezenas de olhos curiosos seguem o movimento de seus dedos duros e grossos tentando desenhar consoantes e vogais, e o que se formam é uma cadeia de balões e palitos agitados.

Quando termina, todos, incluído ele, suspiramos aliviados.

– Caramba, isto é mais difícil do que retirar mandioca de terra seca!
– diz Alberto em um vozeirão saído da alma depois de um profundo respiro.

Uma risada geral celebra a vitória do homem como se fosse própria.

Alberto, confiante, pergunta-me se eu alguma vez retirei mandioca de um campo quando a terra está dura e ressecada.

– Não, claro que não, nunca.

– Pois prove, que você vai se lembrar de mim.

– Com certeza eu tentarei, você vai ver.

E seguimos. Vem outro: – Juan...

– Sim. Aqui – responde sem esperar o sobrenome.

– Aproxime-se, Juan. Assine aqui, sobre a linha.

Silêncio. O homem não move um dedo. Vamos ver o que acontece agora... e olho o rosto do tal Juan. Tenho de levantar a cabeça porque é um *guajiro* grande, jovem, queimado de muito sol e vento, mais ou menos de minha idade, mas belo, belo e viril como esses cavaleiros *guajiros* ladrões de mulatas, que pintou Carlos Enríquez (vá você saber

por que me veio à mente essa imagem, quando olhei este homem com seu bigode grande e esse chapéu em cima).

Nós dois ficamos desconcertados e a seguir lhe repito a indicação, pondo meu dedo sobre o papel. Juan não reage e eu lastimo, porque não posso seguir encantada em sua contemplação.

– Vamos Juan, que a caneta não morde. Faça igual aos outros.

– Não sei escrever.

Essa sim eu não esperava. E muito menos pronunciada dessa maneira, em voz muito baixa, como de pena. Nós dois ficamos vermelhos como cerejas de café maduro e o público circundante já começa a notar o embaraço de ambos. Acredito que se sente humilhado porque sou mulher e tão jovem como ele. Se lhe digo que pusesse os dedos na almofadinha, morria ali mesmo de vergonha.

– Conhece algumas letras? – digo-lhe em um tom de “que não é o fim do mundo e nem é para tanto”.

O recurso surte efeito e balbucia em resposta que sim, que algumas.

– Pois me dê essa mão, Juanito. Vamos escrever juntos.

E a cereja madura do seu rosto formoso parece arrebentar quando eu tomo suavemente a sua mão com a minha e começamos a desenhar, dedo sobre dedo, as letras de seu nome (pena que o nome e sobrenome sejam tão curtos!).

Agradece quase sem me olhar e quando termina seus trâmites, sai em direção ao portão, onde tem cavalo amarrado; de onde estou, vejo-o subir em sua montaria, vai sem olhar para trás e eu (não sei por que) volto a lembrar das pinturas do Carlos Enríquez e suas mulatas raptadas por cavaleiros.

– Pichón?... Pichón... Pichooooonnn...

E Pichón se aproximou, melhor dizendo, aproximam-no do balcão.

Negro tinta de sapato, testa redonda e brilhante, de barba rala, a cabeça enterrada no esterno. – Você é Pichón?

Move a cabeça que sim.

Reviso o papel da liquidação, não há sobrenome. Somente isso: Pichón.

Alguém ao seu lado me diz que ele não sabe assinar. Isso eu já supunha.

– Vamos ver, Pichón, me dê seu polegar – o jovem levanta o braço direito e põe o dedão de unha dura sobre a almofadinha; quando o enche de tinta, seguro-o sobre a folha e aperto para que marque bem a digital em cima da linha.

– Agora me dê o esquerdo.

Mas Pichón afunda mais a cabeça no pescoço e não obedece. Olho seu braço esquerdo. O cotovelo e o resto parecem um gancho de ferro retorcido. Faça como se não tivesse visto e lhe digo que está bem assim, que com um dedo já está bom. Pichón vai embora com seu dinheiro recebido e o observo sair, perguntando-me o que aconteceu com esse braço e por que não tem um nome de pessoa.

Cada vez que o haitiano vem ao escritório se aproxima de uma esquina do balcão, calado, com seus papéis na mão, e aí fica todo o tempo como se estivesse colado à madeira. Qualquer um dos companheiros se aproxima para atendê-lo, mas Pichón não solta os comprovantes, somente olha para onde eu estou, até chamar minha atenção, então baixa a vista e espera tranquilamente encostado no balcão.

Conhecido seu capricho, meus companheiros ao vê-lo chegar me avisam com um, “olha, aí está teu pichón”, e eu procuro entre o grupo seu olhar ansioso, faço-lhe um sinal para tranquilizá-lo e ele me espera.

Um dia, finalmente, falou-me algo, sem elevar os olhos da folha onde colocava suas digitais.

– Eu te vi o outro dia, na serra, na reunião.

– Caramba Pichón!, Eu não vi você. E por que você não falou comigo?

– Muita gente... vai!

– Pois quando voltar por lá te faço uma visita, você vai ver!

– Que nada, você não pode chegar lá onde eu vivo! – diz-me um pouco pícaro com sorriso infantil de “quero, não quero” e um sorriso meio triste de gente desamparada.

– Como que não chego, você vai ver!

Pichón recolhe o que é seu e vai em direção à saída, mas de vez em quando olha atrás e repete: “Que nada! Que nada!”.

Eu, do balcão, igual lhe repito: “Você vai ver! Você vai ver!”.

As viúvas do Alfre

Anunciaram sua chegada com um simples “está chegando o Alfredinho”.

Parecia que todo mundo o conhecia, menos nós, os novos, que de tanto ouvir falar dele, bem pouco nos faltava por saber.

Brincavam com o nome por ser muito magro e pela cara de moço safado. Tinha sobrenome de gente rica, mas disso nada, porque lhe tocou o ramo mais fraco da árvore genealógica. Saiu muito esperto e com mais guelra do que corpo, quatro anos de escolinha rural, um sobrenome para capitalizar e a fértil verborreia de seu próspero parentesco. Diziam seus amigos que a revolução lhe caiu do céu e à medida, porque já desde antes – não se esclarecia bem quanto antes – defendia-se com bastante sorte como um malandro profissional.

Pintam-no simpático, de palavra fácil e caráter alegre, boa presença e elegante; gostava das mulheres e elas gostavam dele; para dizer a verdade, preferia viúvas, não muito jovens. Este último, incomum detalhe, chamava-nos a atenção dia após dia e aumentava o interesse por conhecer o personagem de tão seletas preferências.

Chegou uma manhã, súbito e estrondoso.

Entrou no povoado pela rua central como entra um raio no coração de uma palmeira real. Dirigia um Buick negro, grande, com adornos resplandecentes por todos os lados. Sobre o capô, à frente, uma figura metálica prateada – uma mulher nua iniciando decolagem em ponta –, todo um convite para se lançar à aventura deste mundo; buzinas em três tons, cada qual mais aguda, bancos de couro cinza perolado, reclináveis, sensuais, cabine dormitório, o delírio sobre rodas.

Alfredinho, já o tinham identificado, estacionou próximo ao escritório. Dentro, tudo paralisado pela sequência da aterrissagem: as buzinas, a visão do carro-alegórico de carnaval e a descida do homem vestido de terno branco, gravata vermelha e chapéu de pano de abas curtas, lenço fazendo jogo com a gravata-borboleta, sapatos combinados em avelã e branco. Como em um filme de matinê, entrava em nosso humilde local o híbrido de Arturo de Córdova e James Cagney!

O pensamento coletivo se pergunta: o que deve fazer este tipo por aqui?

Entrou, cumprimentou sorridente, fino, cortês; primeiro estendeu a mão às moças, uma a uma, perguntando nomes – voz suave –, mostrando-se – voz fiozinho de mel. Saudações aos homens, com igual cortesia, mas menos suavidade e menos mel. Terminado o protocolo de introdução, apoderou-se da mais próxima das poltronas e sentado confortavelmente perguntou pelo chefe “disto”.

O dito cujo, avisado da ilustre aparição, saiu de seu escritório e mal viu o homem, caiu-lhe em cima e quase se nocauteiam à força de abraços, palmadas e apertões.

– Compadre, faz uma semana que estou te esperando! Venha, venha comigo. Nossa! Como estás elegante! “Como sempre” – e o levou portas adentro, braço sobre o ombro. Em pouco tempo, soa a rolha da garrafa e logo silêncio...

No salão, pasmo absoluto. E a mesma pergunta nas cabeças: o que vinha fazer aqui esse Alfredinho?

Naquela tarde, não conseguimos sabê-lo – ele e o chefe foram embora juntos, sorridentes, felizes e abraçados – mas, uma semana depois retornou, desta vez não na cabine dormitório e sim em um veículo mais adequado às empresas rurais, um jipe Willy 52, sem capota, tração dupla e diferencial, com adaptação para guincho. E entrou igualmente como um trovão, com o mesmo sorriso feliz e um impoluto, engomado e bem passado uniforme verde-oliva, chapéu de palha de fina palmeira e botas negras mais que brilhantes. Na cintura, uma impressionante pistola calibre 45. As saudações e abraços se repetiram com igual calor.

De que vinha disposto a ficar ninguém teve dúvidas, logo que entrou se esparramou em uma pilha de sacos vazios, tirou um cigarro do bolso e depois de acendê-lo começou a explicar sua estratégia para acelerar a organização de todos os camponeses nesta zona.

– Porque isso terá que ser resolvido de uma vez, já sabemos quem está colocando fogo por baixo para desunir as pessoas, acabou-se. Teremos que ir em cima deles agora, porque se deixarmos, podem até chegar aos *guajiros*. Os ricos ainda têm influência, isso vai ter que acabar, vamos ter que abrir os olhos das pessoas, lhes dizer as coisas claramente, bater nisso todos os dias e acabar com o fingimento dos que se escondem, para que sintam a força do povo, dos que temos o poder agora. Basta de contemplação. À luta!

Um verdadeiro toque de trombeta chamando para o combate!

Que discurso incrível! Fascinou-nos Alfredinho. Era dos nossos: língua e ação! A tropa jovem se rendeu à sua liderança e com ele saímos para compartilhar sua apaixonante peregrinação por montanhas e

planícies. Conversava com as pessoas, contava anedotas, fazia piadas de duplo sentido, cantava boleros da moda e até improvisava alguns versos. Apaixonado pelos discursos, soltava-os em qualquer lugar e circunstância; subia a qualquer tribuna – convidado ou não – e se não havia tribunas, improvisava-as, caixas de madeira vazias, troncos de paus, latas de ferro, pedras, os degraus de um portal, a questão era elevar-se um pouco para ser visto por todos, seu espetáculo era com imagem e som. Já colocado em posição adequada, começava pelo passado do camponês pobre e de como o haviam judiado e explorado, esse tema lhe doía na própria carne e lhe saía autêntico, profundo, olhos avermelhados, chapéu tremendo no alto da cabeça ossuda, mãos em redemoinho e aquele anel enorme de pedra negra, maçônico, ímã de olhares para a mão direita do profeta anunciador dos novos tempos.

Era um gozo observar as expressões dos ouvintes enquanto ele discursava. Moviam a cabeça que sim, que sim, dando-lhe razão, muito sérios; algumas mulheres choravam quando Alfredinho lembrava o caminhar e caminhar em busca de médicos e remédios, de um trabalho, de uma telha... com certeza essas lágrimas lhes geravam lembranças muito pessoais. Conhecia esses sofrimentos e sabia administrá-los como um bom instrumentista faz para conduzir o auditório ao ápice da sensibilidade. Logo começava a fazer perguntas.

– Quem eram os culpados? Vamos ver: quem não sabe?

As descrições dos culpados eram de sua própria autoria, no ponto máximo de indignação, podia chegar a particularizar nomes e sobrenomes. Quando terminava a surra dos desprezíveis exploradores, começava o dos miseráveis explorados.

– E vocês vão deixar tirarem de vocês as terras que a revolução lhes deu? Vão voltar para a fome e a miséria? Voltarão a ficar cheios de dívidas depois de trabalhar como mulas? E o que dirão aos seus filhos se perderem o que custou tanto sacrifício? E vão deixar o mesmo que seus pais deixaram a vocês: fome, miséria, ignorância? – assim seguia por um momento, perguntas e mais perguntas e as pessoas

respondendo, primeiro os “não” dispersos, dos menos tímidos, mas pouco a pouco outros se somavam, tomavam impulso e se formava um “não” total, compacto, em uma única e raivosa nota afirmativa, e aí é quando Alfre selava sua partida: definitivo, contundente, apocalíptico: nunca mais será igual.

– Nunca, nunca! – gritos e aplausos da multidão e algum palavrão crioulo para temperar. Era o delírio escutar este homem! E suas anedotas?

Eu acredito que as inventava, nunca ouvi repeti-las, eu acho que saíam ao acaso e logo as esquecia. Mas houve algumas tão exageradas e imaginativas que são inesquecíveis, como aquela da arenga lutando contra os inimigos, e no meio da ardente argumentação, fixa a vista em um arvoredado próximo parido de frondosos abacates e solta o seguinte:

– E se não temos armas, igualmente brigamos, até com abacates como munições. Quem resiste a um abacataço verde bem dado? Em qualquer parte do corpo, mas caso se afina a pontaria e se acerta na cabeça... Mortal! Acabou-se o problema!

Aquilo foi espantoso, o assombro paralisou até os mais acostumados, e nós estávamos incluídos. Ninguém esperava semelhante exagero, na multidão cresceu um sussurro:

– E se o abacate está maduro?

– O comentário chegou ao orador, quem não se descontrolou nem minimamente, reagiu a seu favor e concluiu brilhantemente, respondendo:

– Se os abacates estiverem maduros, pois, então, o golpe será dado pela semente!

Ovação inenarrável. Que esporas tem este galo de briga!

Em poucas semanas, a presença do personagem em uma discussão ou qualquer ato público garantia lotação total; não importa onde, nem

quando, nem sol, nem chuva, nem rio cheio, nem tremores de terra, as pessoas iam a pé ou a cavalo, em caminhões ou carretas, de qualquer jeito, mas aí estavam. A fama do Alfredinho transbordava pela zona, não tinha rival, com esse ar de arrebatamento e essa lábia torrencial, voava ao estrelato político com asas de gavião; que lástima seu vício às viúvas maduras, aí perdemos o nosso gavião galinheiro!

O primeiro acontecimento foi numa tarde, retornando das colônias de cana. Fomos alcançados por uma enorme tormenta, que deixou as estradas acabadas e o jipe enterrado na lama até os faróis. E aí veio o destino jogar o seu papel, porque a única casa onde podíamos pedir ajuda era a da Carmen, a viúva de Planas; morena de quarenta, olhos muito negros, o único que tinha de plano era o sobrenome, o resto eram curvas fechadas de alta periculosidade. Alfredinho foi em busca de bois e, efetivamente, voltou com a junta e algumas pessoas, e saímos do pântano. Uma vez terminada a operação de resgate, nosso salvador entregou a chave do carro a um companheiro e pronunciou, solene, só duas palavras: – Vou ficar. – voltamos a vê-lo somente três dias depois. E essa foi a primeira de tantas.

Apenas uns meses depois de sua chegada, já conhecíamos o registro territorial de viúvas pelos lugares por onde passava Alfre. Não havia nenhum lugar onde não encontrasse proteção para comer e passar a noite e, se era necessário, convidava-nos com grande generosidade a compartilhar seu bem-estar; qualidade meritória, porque muitas vezes acalmamos a fome e o cansaço naquelas casas de mulheres sadias, fortes e entediadas, que alegravam a vida delas – ainda que brevemente – com a presença desse homem magro e nervoso capaz de amanhecer tocando violão e fazendo amor.

Mas, nesses lugares, quase todo mundo se conhece, as pessoas se movimentam de um lado para outro, levam e trazem notícias, contam histórias, reais ou imaginadas, e pouco a pouco as viúvas foram sabendo que seu galã se repartia prodigamente; as reações variaram desde as filosoficamente resignadas – porque é melhor ter algo do que

nada –, até as que ameaçaram desaparecer deste mundo ou privá-lo das partes mais desejadas de seu corpo. Possivelmente as coisas não teriam chegado a tanto se não tivesse sido por Esterlina, a mulata viúva do galego Isidoro, famosa por sua fogueira e formosura. A mulher apareceu numa manhã bem cedo no escritório, perguntando por Alfre e dizendo que dali não iria embora até que ele aparecesse. Para azar – há dias assim –, o procurado apareceu quando Esterlina explodia em insultos contra sua pessoa; e, nos chamou a atenção a quantidade de homens presentes nesse momento, porque faltaram suas forças para tirá-la de cima, do ossudo e magro amante, os noventa quilos e quase dois metros de Esterlina, a mulata viúva do galego Isidoro, popularmente conhecida como o Fogo de Olho d'Água.

Com aquele escândalo em pleno escritório do INRA, começou o declive da carreira de nosso ídolo mundano, porque depois da briga veio um dilúvio de reclamações de revanche, dívidas de dinheiro e amor; enfim um matagal que o enredou em uns dois por três e o precipitou a desaparecer com seu jipe sem capota à mesma velocidade com que tinha aparecido em seu Buick negro prateado.

Como sentimos saudades!

Alfredinho nos levou aos campos onde viviam e trabalhavam esses homens e mulheres que chegavam cada dia ao nosso escritório com papéis amassados em suas mãos duras. Dele, recebemos lições inesquecíveis para entender o motivo de acontecer o que acontecia e como nos relacionarmos melhor com os *guajiros*. Foi uma sorte que chegou naquela época e uma pena vê-lo sair assim como uma lufada de vento, fugindo de seu próprio redemoinho.

Que pena não ter se dado conta dos sinais dos novos tempos, tanto que os anunciou! Confundiram-lhe suas duas grandes paixões: a justiça revolucionária e as viúvas maduras. O passado, sim, que tinha de arrasá-lo, mas em relação às viúvas, preferia não mudar nada, apreciação confirmada cinco ou seis anos depois, quando o encontrei por acaso em um lugar da costa sul oriental, tão inefável e brilhante

como sempre, à frente de uma fazenda que a proprietária tinha herdado de seu defunto marido. Não estava mal a fazenda, e tampouco a mulher, ambas as razões para que Alfre me garantisse formalmente – ao nos despedir, depois de um abundante almoço – que essa mulher seria para ele. – Juro-lhe isso, Mavis, dedos cruzados e tudo, “a última viúva de sua infatigável carreira”.

*Morte do tempo que não tem nome,
fome dos cortadores de cana solitários,
fome das colônias silenciosas;
fome, mas fome sem cor apenas.
Dor errante que se arrasta insone,
desesperada e sozinha. De-ses-pe-ra-da!*

Angel Augier

Niguabo

O capitão chefe da zona prometeu levar-nos ao Niguabo, esse lugar de nome indígena onde vivem muitos dos haitianos que cada dia vêm ao nosso escritório. O tal Niguabo está perto do antigo engenho Central Oriente, já demolido.

Por que a promessa do capitão?

Uns dias desses quaisquer, falando coisas dos haitianos, uma das moças comentou que lhe dava muita pena como chegavam ao escritório somente sabendo o nome deles. Mais ou menos todos nós sentíamos a mesma coisa quando os víamos chegar sobressaltados, manuseando os papéis, desconcertados e perdidos naquele mundo novo que lhes caía em cima. Às vezes nem sequer respondem quando lhes chamam, porque não se identificam com os nomes dos papéis, chamam-se Pol,

Fis, Pí, assim simplesmente, nada de patronímicos nem sobrenomes, como se não fossem pessoas.

Por curiosidade, perguntamos aos mais velhos o motivo desses apelidos tão simples. Disseram-nos que em alguns casos assim soavam em castelhano os nomes que traziam do Haiti, onomatopeia do francês, crioulo ou *patoá*⁴ e que a outros, nascidos em Cuba, quase sempre os chamavam com os nomes dos donos das plantações de cana ou de café onde trabalhavam. Qualquer pessoa que escuta isso, pensa que lhe contam histórias de séculos atrás, mas estamos falando de algo acontecido na primeira metade do século XX depois de Cristo.

Com essas explicações, apegamo-nos aos haitianos e sempre nos apressávamos para chamá-los primeiro e lhes entregar seu dinheiro ou papéis com um pouco de afeto e simpatia. Nos momentos de sobressalto, nem lhes perguntávamos se sabiam assinar, colocávamos a almofadinha em frente deles e lhes apertávamos os polegares enrugados e disformes, para logo levá-los cheios de tinta até o documento para ser assinado.

Só vendo essa fascinação nos olhos e rostos contemplando aquelas linhas curvas e escuras das impressões digitais sobre o papel!

Magia, pura magia... e logo saíam, humildes e surpreendidos, esfregando as gemas escuras dos dedos contra o tecido áspero de suas rústicas calças.

O capitão diz que devemos conhecer mais aos haitianos e que vai nos levar lá onde eles vivem, que não se trata de ter pena deles, mas de lhes abrir os olhos e lhes ensinar quem é o verdadeiro causador de suas misérias e que entendam que a revolução é para acabar com tudo isso e que a vida mudou e segue, inspirado, mas sem gritar nem gesticular, como fazem outros. Às vezes a gente acha que eles gritam tanto, na

.....

4 NT: dialeto haitiano.

verdade, para convencer a si mesmos do que querem convencer aos outros.

– Isso é o que deve ser feito e é para isso que estamos aqui.

E como diz o capitão: “Assim é e assim será”.

Para mim, as suas palavras dificultam o nosso entendimento, mas isso de ir ao Niguabo soa a aventura e entusiasmo, embora a viagem não seja muito distante, somente um pouco depois de Candonga e não muito mais para lá do desativado Central Oriente. Seja como for, é uma aventura e para lá partimos com nosso capitão no controle, montados em seu jipe sem teto nem portas e desejosos de demonstrar que com esse chefe iríamos até mesmo ao inferno.

Vamos ao Niguabo, passando pelo velho *batey*⁵. Do engenho, somente restam alguns pilares de ferro, vigas, partes metálicas torcidas, por onde parece que estava a casa de caldeiras. Entre os arbustos altos, sobrevivem trilhos da linha ferroviária e umas impressionantes rodas dentadas, enferrujadas pelo tempo, tão quietas depois de tanto trabalhar e trabalhar, junto às máquinas trituradoras de bagaço. De qualquer forma, as relíquias estão aí desmoronando em pedacinhos, minadas pelo óxido e assediadas pelos matagais, ervas ressecadas no verão, renascidas e agressivas na primavera chuvosa. O mato ganhará a briga com os minerais, questão de tempo.

Uma vez que se cruza a linha do trem e ficam atrás os escombros da chaminé do antigo engenho, desvia-se da estrada à direita pelos caminhos nos campos de cana-de-açúcar. O dia é bom para andar por esses atalhos de terra branca, dura e seca como gosta o jipe descapotado para voar, pomba empoeirada, estralando suas bielas, soprando radiador e rangendo parafusos e engrenagens do chassi. Com essa fanfarra, chega triunfante, estrondoso e quase fundido, em meio de

.....

5 NT: vilarejo onde se concentravam as casas no interior, normalmente em volta de uma fábrica ou engenho.

uma poeirada tremenda, o jipinho – como lhe dizemos por carinho – ao campo raso diante dos barracões. Vamos ter de esperar um momento, até que se assente a nuvem de pó branco, para ver algo ao redor. O primeiro a se jogar para fora é o capitão, magro e rápido, salta e se sacode com a boina, logo descemos nós tão empoeirados como ele, mas menos decididos.

Nosso chefe encosta no tronco de uma árvore raquítica, única vida vegetal no local, e pouco a pouco se forma um grupinho ao redor dele, todos homens; o primeiro a aproximar-se é um que parecia esperar sua chegada. Mulheres e crianças, mais afastadas, agrupam-se umas com outras, como que procurando proteção, os menos audazes se escondem nos barracões e ficam olhando pelas frestas.

Enquanto se desenvolve a conversa do chefe, nós do grupo acompanhante nos afastamos para observar o entorno. Há algo assim como dois galpões grandes de tijolos, tipo armazéns com tetos de zinco, um ao lado do outro, ao fundo uma fileira de poucos quartinhos estreitos, mas sem cobertura; são os banheiros, a maioria sem portas; em alguns, penduram tiras de sacos no buraco de entrada; de cada quartinho, sai uma vala por onde correm as sãs podridões para um atoleiro de natas e espumas fedorentas, a não mais de vinte metros de distância dos albergues. É insuportável o fedor e voltamos à parte da frente; quase clandestinos nos aproximamos um pouco dos barracões, o grupo de meninos magros e barrigudos correm para esconder-se ainda mais. Dentro está escuro, mesmo que do lado de fora seja quase meio-dia e a claridade seja intensa. As janelas são pequenas para a passagem da luz ao interior, mas quando as pupilas se acomodam, é possível ver o que alguém teria preferido não ver.

Tudo está revirado e misturado, catres e redes feitas de sacos de juta, camas de armar com estruturas de arame penduradas, pedras ajuntadas formando fogões para cozinhar com lenha, cinzas amontoadas, vasilhas

ordinárias tisanadas de carvão, trapos sujos pendurados ou jogados por toda parte, lâmpadas de querosene com pavios desgrenhados.

O piso dessas peças comuns é de terra e daí mesmo sobe um bafo úmido de urina e excrementos misturado com os vapores persistentes de arenque, batata-doce assada, aguardente, fumaça de lenha, suores velhos. Paredes e tetos escurecidos de fuligem e sujeira, buracos nas telhas de zinco por onde entram sol e chuva, misturando-se com a terra do piso.

Olhamos e olhamos. As crianças sujas mastigam pedaços de cana tão sujos como eles e também nos olham. Das bocas, jorra o suco açucarado sobre suas panças infladas, a sacarose ressecada desenha esteiras cristalinas sobre as peles negras e ao redor dos umbigos. A garapa, perseguida por muitas moscas gulosas, segue viagem ventre abaixo nos miúdos corpos nus. Os olhos dessas crianças nos olham sérios, muito sérios. Não há nada infantil em seus olhares.

Retornamos em silêncio à esquelada árvore onde o capitão incansável continua na mesma ladainha com seu público. Uma de minhas companheiras, a mais jovem – menina caseira, urbana e repleta de amores paternos –, sai do grupo e se esconde atrás do jipe, não quer que a vejam chorar. Eu não choro, embora quisesse. Paralisa-me o horror das imagens e o sofrimento desses infelizes que nascem e morrem/vivem nos barracões do Niguabo.

O grupo se abre, parece que terminou a conversa. Vem o capitão com dois ou três mais, está contente, percebe-se porque sorri e seus olhos pequenos se perdem entre sobrancelhas e nariz. Sobe no carro quando nós já estamos sentados, esperando por ele.

Despede-se dos homens que o acompanharam até ali e repete várias vezes a mesma frase:

– Semeiem os caminhos, as valas, as estradas, semeiem tudo. Nada de medo, isso é seu agora. Entendeu?

Os outros movem a cabeça, afirmando, o motor arranca e começamos a voltar pela mesma estrada.

Passado um momento, o silêncio do grupo chama a atenção do nosso chefe.

– Ehhh! O que está acontecendo aqui?

Ninguém responde e ele nos olha sem precisar parar. A moça jovenzinha no final responde:

– Olhe, esses barracões, minha nossa... as crianças. Prestou atenção nas crianças? Diz com voz meio chorosa ainda.

Logo, de novo o silêncio.

O capitão parece ocupadíssimo na operação de passar as quatro rodas de seu carro justo sobre os canjirões do caminho, onde a correnteza forma um lodaçal bastante difícil de sair. Já em terreno seguro nos olha novamente.

– Olhem moços, os pesadelos são sonhos ruins, e é bom acordar e a pessoa perceber que está viva e que pode lutar. O pesadelo desta gente já durou muito tempo. Teremos que despertá-los para que se sacudam e lutem. Isso é o que deve ser feito. Ter pena não ajuda. Devemos ensiná-los a ajudar-se a si mesmos. Me ajude que eu te ajudarei. Isso é o que nos cabe: despertá-los; por isso estamos aqui.

E nem uma palavra a mais.

Chegamos à estrada, ao ponto onde aparece, próxima, a chaminé da Central Palma, que logo se chamará Dois Rios, para honrar a Martí, que assim se chama o lugar próximo onde morreu em combate.

Tudo em ambos os lados é verde: a cana, os laranjais, as pastagens, as palmeiras reais, as florestas próximas onde parece que chove, porque começa a refrescar o ar pesado e quente da meia tarde oriental.

A passagem rápida do veículo sobre o pavimento brilhante de tanto aquecimento faz com que o tudo-verde vá e volte. Vem o ar, vão e vêm as palavras, e as visões ficam... ficam lá dentro. As palavras persistem, como o aroma de chuva da manhã e a garapa cozida:

... por isso estamos aqui...

Elvira, a negada

Esta mulher disse “não”, quando todos diziam “sim”; disse da primeira vez e o repete cada vez que lhe falam do mesmo.

– Que não.

Chama-se Elvira e é o único caso conhecido de rejeição em receber a terra que em boa lei lhe pertence. No escritório, não a conhecemos pessoalmente, mas de nome sim. Aparece nas listas de camponeses com direito a reclamar a posse legal conforme o estipulado pela nova lei de reforma agrária. Elvira é a cabeça da família desde a morte de seu marido, antigo colono do maior latifundiário de Santa María de Loreto.

E é também um quebra-cabeça para o corajoso encarregado de aplicar as medidas revolucionárias nessa zona, que não encontra maneira

de convencê-la a fazer as formalidades da solicitação. O homem se desespera, porque Elvira persiste em sua negativa e ele não cumpre seu dever no tempo e na forma, como deve ser, segundo indicações e recados urgentes. Na última reunião sobre o assunto, disse claramente:

– Eu me rendo, vão vocês, porque eu não posso mais com essa mulher.

Outros irão – que remédio! – enfrentar o problema. Fica encarregado da missão um dos mais convincentes ou convencedores políticos, um de lábia fina e prática em explicar coisas às pessoas de cabeça dura. O escolhido, não muito feliz, digamos pela escolha, promete que assim que for possível vai para Loretina encontrar-se com a teimosa Elvira. A curiosidade nos come, ele escolhe somente mais dois para acompanhá-lo: o advogado e eu, que me ocupo dos créditos.

Na quinta-feira da semana seguinte, saímos cedo em direção à serra, e quando o sol ainda não tinha secado o orvalho, aparecemos na casa da tão nomeada e receosa *guajira*. A família nos cumprimentou quando chegamos, um pouco encolhidos, mãos frias e soltas, sem nos olhar nos olhos; mandaram coar café, mas é evidente que não era do gosto deles a visita.

Entramos na pequena sala da casa: ela, seu filho mais velho e nós, os três do INRA. As velhas cadeiras mancam sobre o piso de cimento desnivelado e cheio de rachaduras. No princípio, a conversa é como todas no campo, que se chover pouco, não se pode semear, nem os poços têm água, os poteiros parecem que não vão dar conta e os animais mais magros não podem estar!... Logo, a família, o defunto, memórias disto e daquilo e quando já não sobra mais nada para divagar, ao ponto:

– Elvira, você sabe a que viemos? Sabe? – pergunta o diretor.

– Algo me disseram – responde a senhora e se cala, esperando.

– É que revisamos os formulários para a entrega de terras e falta o seu. Também não solicitou ajuda para a colheita de inverno e já está

no tempo de plantação de milho e feijão. E os poteiros têm que ser reformados. Com certeza você precisa desse dinheiro.

É o filho quem responde e parece que ele esperava a pergunta faz muito tempo.

– Não, não precisamos de nada.

– Bom – insiste o que falou primeiro –, talvez dinheiro não, mas o título de propriedade da fazenda é sim necessário para legalizar a posse.

Novamente responde o filho, com igual urgência.

– Não, também não.

Silêncio total, uma lagartixa sobe pela esquadria da única janela da salinha e todos os olhares se direcionam para o rabo do bichinho. Em seguida, o pobre réptil cai no piso, pelo malefício de tantos maus-olhados puxando seu rabo. Depois do café – uma pausa –, o porta-voz volta à carga, desta vez evita o filho e pergunta diretamente à mulher.

– Elvira, qual é sua opinião?

– A mesma de meu filho, ele é o homem da casa.

– Mas você é a viúva, a lei lhe reconhece direito.

– Olhe, eu não entendo de papelada nem quero saber disso. Não queremos nada alheio.

Alheio? Assombro total frente à revelação da causa para a negativa.

– Elvira – insiste o porta-voz – Por que diz alheio? Vocês têm mais direito que ninguém a tudo isto. Quem fez tudo aqui? Seu falecido marido, em paz descansa, com o sacrifício e o trabalho de uma vida inteira, por isso tudo é seu e de seus filhos. Não o rejeite, você também ganhou lutando junto a ele por sua família, que conforme me dizem é trabalhadora e decente. Pense no que lhe digo, não me responda agora – o homem diz tudo isto muito sério, em voz muito baixa, como se lhe doesse.

Nem a mulher, nem o filho respondem, rostos fixos, ausentes. Protegem-se com o silêncio, está claro que não querem continuar com a conversa.

O político fala um pouco mais, não muito, não quer angustiar a esses infelizes e não gosta de discursos, outras vezes disse: “Se soltas um monte de palavras, atordoas e não convences”.

Termina a argumentação e fica de pé. Nós também.

– Vamos embora, Elvira. Deixo-lhe os formulários e outro dia voltamos e continuamos a conversa com mais tempo.

A mulher não segura os papéis. É o filho quem fica com eles sem olhá-los. Saímos da pequena sala e nos damos as mãos para nos despedir, as deles estão mais frias do que quando chegamos.

Pelo caminho, os homens comentam que Elvira é ignorante, bruta, que continuamos na mesma situação. Não tenho tanta certeza, eu a senti mais assustada que outra coisa, com medo, como se toda essa historia de transformá-la em proprietária fosse grande demais para ela. Parece que o encarregado de convencer a Elvira pensou o mesmo, porque aos comentários meio zombadores e ressentidos dos outros dois, respondeu com muita calma.

– Olhem, vamos deixá-la tranquila, já que ninguém vai lhe tirar a terra e temos tempo para que ela mesma se convença.

Acredito que o homem tem razão e que não está desanimado. Agora, isso sim, eu sou tão cabeçuda como essa camponesa e se ela não quer preencher planilhas, então que não as preencha, mas eu quero saber o motivo e de onde tirou isso de “alheio”.

Voltei uma e muitas outras vezes à Loretina por assuntos de trabalho e sempre inventava algum pretexto para ir ao sítio de Elvira, como de passagem, como por acaso, que ando por aqui e cheguei para cumprimentar. Quando eu ia sozinha, estava mais disposta para conversar e em pouco tempo já me recebia como pessoa conhecida;

admirava-se de me ver chegar dirigindo o jipe sem teto, puros ferros velhos de salto em salto pelos pedregais; ela nunca tinha visto uma mulher nesses trajes de homem e muito menos por esses caminhos do diabo.

A melhor oportunidade chegou no dia que me perguntou, enquanto o filho jogava um balde de água fresca no radiador fumegante de meu bufante e valente jipe:

– Você não tem medo de andar por aí sozinha, com esse traste e a qualquer hora?

– Sim, sim tenho medo, mas ando, tenho que andar.

E aí mesmo aproveito para lhe devolver a pergunta:

– E a senhora, não teve medo quando veio viver por aqui, quase uma menina, neste lugar perdido do mundo, tão longe de seus pais, das pessoas?...

A pergunta lhe pega desprevenida e a resposta lhe escapa na surpresa.

– Pois olhe que sim, se você soubesse.

– Bom, se me contar, vou saber.

E sem muito pensar me aproprio de um banquinho desmantelado e me acomodo em frente à Elvira, sentada debaixo de uma amendoeira, ocupada em debulhar vagens secas de feijão, que nisso estava quando apareci no pátio envolta nos vapores fumegantes de meu reaquecido *carromato*⁶.

Meu dia de sorte, cedo e sem pressa.

Elvira move as mãos incansáveis, mão hábeis pelo trabalho de toda uma vida, tem os dedos enrugados, deformados por tanto trabalho

.....

6 NT: Carro velho e mal conservado, incômodo e barulhento, para uso em condições ruins de terreno.

e pouco cuidado. As unhas curtas e quadradas, enterradas na carne, junto com a gordura das louças velhas lavadas tantas e tantas vezes, e da queimação do uso do esfregão. Debulha que debulha, as duas. Ela fala e eu a escuto.

– Conheço o medo sim, pois olhe você, quando Ernesto me trouxe aqui, a única casa a léguas de distância era esta. De noite, as luzes de outras cabanas pareciam vagalumes, de tão longe que estavam. E durante o dia, sozinha de verdade, privada de espanto, via espíritos e bandoleiros por toda parte, era melhor ir ao campo do que ficar naquele desconsolo. Mas, quando começaram as gravidezes e os partos, o que ia fazer?

E Elvira seguia contando coisas de sua vida, e de vez em vez eu lhe fazia novas perguntas para que não perdesse o fio. E os grãos de feijão preto, limpos de palha, caíam do avental à panela em uma cascata brilhante de futuras sopas.

– No que estava pensando?

– Sim, no Ernesto, quando me trouxe para esta terra pela primeira vez, a uma cabana que tinha acabado de ser feita: ainda cheirava a *yagua* e a *guano*⁷ de palmeiras frescas. Pobre Ernesto! Desde então começou a me prometer um piso lindo para a casa, com mosaicos de cores, e nunca pudemos passar do cimento cinza e das paredes de tábuas, e isso porque ele mesmo tirou os paus do bosque, com permissão do senhor Alfonso, o dono. Dizia Ernesto que tínhamos que lhe agradecer por não andar pelas estradas procurando trabalho e teto. Por isso nunca me atrevi a lhe contar que esse sem vergonha o observava para vir a casa quando ele não estava e me pedir, fingindo, um copinho de água e, se houver, café, “bem, mas fique à vontade”, e se metia na cozinha a me roçar, sorte que um dia me subiu à cabeça o sangue galego e agarrei a jarra de água fervendo e “se voltar a me tocar, o esfolo como uma

.....

7 NT: Pencas de folhas de palmeira real, usadas para cobertura das casas camponesas.

galinha”. Eu achei que aí mesmo ia nos expulsar da fazenda, mas parece que ficou com medo do meu marido, que se ficasse sabendo, minha nossa, o matava; e assim tirei ele de cima de mim, e nunca mais descia do cavalo quando vinha por aqui.

– E a esposa, a senhora Pilar, conhecia os costumes do marido?

– Acredito que sim, porque ele era um babaca, espalhou filhos por todo lugar, mas sem registrá-los. Nunca lhe disse nada de suas frescuras comigo. Não me atrevi, porque a respeitava muito e me tratava bem. Essa senhora é uma bela pessoa, sou muito agradecida a ela. Eu, sempre que ela precisava de mim, lhe atendia. Quando vinham os filhos de Havana com seus amigos, davam umas festas tremendas, duravam dias, a senhora Pilar mandava me buscar para ajudar na cozinha e na limpeza, nas vésperas do Natal também. Não pagava com dinheiro, mas depois das festas dividia com a gente o que ficava e precisava ver como ficavam os meninos quando eu chegava em casa com essas quinquilharias!

– Não, na verdade, da senhora Pilar não tenho do que reclamar. Boa pessoa com a minha família, me lembro que às vezes a colheita não dava para pagar o aluguel e ela pedia para o senhor Alfonso que deixasse a dívida para o outro ano. Não me esqueço de nada, nem quando mandou trazer o médico para meu filho, que tinha febre por causa do tifo e quase morria. E depois comprou as injeções, que nós não tínhamos dinheiro; eu não me esqueço.

E continua contando da senhora Pilar e repete “eu não me esqueço”, e em seu rosto de gente simples e clara, um sorriso suave, agradecido, ilumina as dobras da velhice adiantada pelos rigores da vida difícil.

Nessa manhã a conversa terminou com o último punhado de feijões limpos na panela grande de alumínio. E com a convicção, por minha parte, de que essa mulher – a menos que ocorra um milagre impensado – nunca faria nada para deixar de merecer a “bondade” de Pilar. Não sei se as minhas luzes são curtas ou se me falta tempo de vida, mas

não vejo forma de perguntar a essa mulher se ela sabe o motivo de não haver médicos nem remédios para os pobres e por que eles não tinham dinheiro para as injeções se trabalhavam o ano inteiro nessa terra alheia. É possível que me falte coragem ou experiência política, mas como se diz a uma mãe que de onde mesmo recebeu ajuda para salvar seu filho moribundo, é que vem a causa de sua miséria? Melhor me calar, porque é provável que me expulsem do sítio e isso sim é que não...

Continuei com as visitas à Elvira, dava gosto conversar com ela para conhecer o passado desse lugar e as suas pessoas. E não voltei a lhe mencionar os formulários, pois andávamos tranquilas de história em história, sem faltar as cachorradas do senhor Alfonso, que bem feias eram, até com mortes e tudo.

No final do outono, em novembro, contei a Elvira que já tinham sido divididas quase todas as terras do antigo latifúndio e que tinham deixado para Pilar e seus filhos o suficiente para viverem ricos até a morte.

E então lhe disse, rapidamente, que somente faltava a sua terra para ser legalizada. No começo, não respondeu, só moveu a cabeça meio distraída, como quando alguém escuta, enquanto por dentro pensa, possivelmente, em outra coisa.

– Se quiser, Elvira, quando eu voltar a ajudo a preencher esses formulários que lhe deixaram, e eu mesma os levo ao escritório.

Fico esperando a reação, mas vem inesperada.

– Olhe, eu vou falar com a dona Pilar esta semana. Depois veremos.

*E murmuram ao me ver as pessoas que passam:
“Não ves que está louca? Levem-na de volta à sua casa.
Diz que nas mãos lhe nasceram rosas
e vai sacudindo-as como borboletas!”*

Juana do Ibarbourou

A louca de Las Yagrumas

Passado o bueiro sobre o córrego, e um pouco mais à frente do bosquezinho de *yagrumas*⁸, aparece a casa. No alto, à margem do caminho, visível e invisível, segundo e de onde se olhe, parecida com as demais e, entretanto, diferente. Madeira, zinco, teto de duas águas, portal em esquina. À frente um pequeno jardim extrapolando os limites do declive, repleto de trepadeiras e cipós de todos os tipos. Nada no exterior a diferencia de outras casas do lugar. Qualquer pessoa cruza

.....

8 NT: Yagruma, árvore da família Moraceae, conhecida no Brasil como cecrópia ou embaúba. Neste livro, como veremos, refere-se também ao nome de uma propriedade rural (Las Yagrumas).

esse caminho sem prestar maior atenção ao casarão de tábuas cinza e telhas oxidadas, é um detalhe a mais da paisagem, como outros, tão presentes como ausentes no costume de sempre.

De tanto passar e passar pelo mesmo lugar, um dia qualquer, mais aborrecido do que curioso, alguém pergunta se nessa fazenda moram pessoas, porque nunca se vê uma alma. Todos olhamos a casa e pela primeira vez nos damos conta desse detalhe. Efetivamente, sempre parece solitária, silenciosa no meio de tanta vida, portas e janelas fechadas, nem animais nem pessoas perambulam por seu entorno, nada nem ninguém; entretanto se veem os pátios limpos e o jardim cuidado. A curiosidade se instala em cada um e mesmo depois de passar pela frente, continuamos olhando o casarão até que desaparece.

A partir desse dia da pergunta, a casa deixou de ser um componente a mais da paisagem habitual. Assim que passávamos o córrego e víamos o verde e branco das primeiras árvores, concentrávamo-nos à espera da misteriosa casa até vê-la aparecer – alta e desolada – sempre no mesmo lugar. Todos, de uma vez, procuramos ansiosos, com os olhares, algum indício de vida humana: uma criança correndo, uma mulher estendendo roupas, um cavaleiro a cavalo, um fogo aceso, algo para nos tirar do mistério que já dura muito para um povoado pequeno, onde os segredos não sobrevivem por muito tempo aos encontros de cantinas e bodegas e aos cochichos de vizinhas.

Em poucos dias, acabou-se a incógnita. Sem muito perguntar, consegue-se a identidade do dono, seus antecedentes, aventuras familiares e extrafamiliares, e muito mais do que interessa. Quando se dispara a língua do povo, é árdua tarefa contê-la.

Benigno Artiles, descendente de uma pessoa da ilha, produtor de café e comerciante, pai de igual nome e sobrenome, chegou a esse canto do mundo com uma mão na frente e outra atrás. Comentam isso os que falaram; trabalhou duro e até tocador de mulas foi. A cada filho, deixou seu pedaço de terra ao morrer, porque não queria contrariedades entre irmãos pela divisão da herança. O Benigno atual, além da posse,

herdou habilidades e em pouco tempo já tinha mais terra e alguns negócios. Antes de completar trinta anos, pôs o primeiro armazém de mantimentos do povoado, casou-se com a camponesa mais linda da zona e fabricou um chalé de alvenaria e telhas, esse que ainda existe, ali em frente ao parque. Homem de mão firme para levar os negócios e a família.

É o dono da propriedade chamada Las Yagrumas. Foi o que herdou do pai. Considerada a melhor em seu tempo, não havia café como o dessa fazenda, de primeira. Não, na casa não mora ninguém desde que morreu sua filha, a menor, linda a menina, isso foi triste, acabou com a família: o pobre Benigno, e a mãe, louca, louca de internar.

Mais coisas contaram, mas não vale a pena lembrá-las. Em relação ao Benigno, o vendaval da revolução lhe aliviou parte dos negócios; conservou os cafezais, a casa no povoado e a casa em Las Yagrumas, suficiente para viver bem e sem passar necessidade. Claro que o conhecíamos, era pessoa séria e cumpridora, o primeiro a vender e nunca o último a pagar.

Das filhas de Benigno, a mais inteligente lhe saiu a mais nova. Desde pequena, brincava de consultas de médico, sentava o grupo de crianças no pátio debaixo do flamboyant e brincava que dava injeções e remédios. Repreenderam-na muito por estripar lagartixas para ver como eram por dentro, coisas de menino, mas isso era o que ela gostava. Já tinha terminado o primeiro grau, quando chegou a notícia de que iam dar bolsas de estudo aos filhos de camponeses, para que estudassem, e, até, quem sabe, chegassem a entrar na universidade. A filha de Benigno meteu a ideia na cabeça e se apresentou para uma dessas bolsas.

E Benigno enfiou na cabeça que nenhuma filha sua saía de casa para andar por aí sozinha, mesmo que fosse para ser médica, ou seja lá o que quisesse ser. Aquela luta entre pai e filha durou bastante, repreensões e até bofetadas no meio, mas inútil; visto e comprovado que quando uma mulher quer algo, não há homem que a impeça. O pai se cansou de ter

toda a família e meio povoado contra ele. Uma tarde chamou a moça e lhe disse:

– Preste atenção, vou deixá-la ir, mas faça de conta que lá é como aqui.

– Advertiu-lhe, sobretudo, a respeito do que não devia fazer e terminou sentenciando:

– Se fizer algo errado, fique por lá, aqui não volte nem morta.

A mãe disse: – Benigno, não fale assim com a menina, Deus a ajude.

– Após poucos dias, uma madrugada, ainda escuro, buscaram os jovens do povoado que iam estudar em Santiago, a capital da província, subiram no caminhão e foram embora cantando a canção dos brigadistas.

Linda que vinha a filha mais nova de Benigno nos dias de passeio. A rapaziada do parque tremia quando ela ia passear com essas blusas bem ajustadas e as saias largas, flutuantes sobre as pernas, com as quais os homens – mais novos e mais velhos – deliciavam-se enquanto ela caminhava e parava para conversar em cada grupinho, banco por banco. E Benigno sentado, vigia do portal, cigarro na boca e desassossego na mente. Ao seu lado, na poltrona de mogno, sua mulher olhava o parque de vez em quando e tecia, ponto a ponto da agulha de crochê, uma colcha amarela.

Em um dos dias de feriado escolar, a filha mais nova de Benigno não chegou com outros companheiros. Disseram à mãe – sempre esperava a chegada do caminhão – que tinha saído desde terça-feira da semana anterior, dizendo que sua mãe estava doente. A agitação no povoado foi grande e depois de uns dias sem a moça aparecer, o cochicho oficial opinou que o mais seguro era que a flor dos Artilos tivesse sido “levada” por um homem, acontecimento nada novo e bem comum por aqueles lares. O pai, com sua severidade habitual, lançou-se pelas brechas da lei e da ordem e entrou com uma denúncia por sequestro sem precisar o acusado. A mãe, mulher, imaginava uma desgraça maior.

E a desgraça chegou pela boca de um vizinho da fazenda Las Yagrumas, que ali acontecia algo estranho, porque fazia dias que, olhando nesse rumo, viam-se aves de rapina voando em círculo sobre a casa, como quando tem algum animal morto, e que ele chegou perto e tudo estava fechado, mas as tinhosas continuavam voando, e que a porta do fundo, aquela que dá para a cozinha, estava como que meio aberta, assim como quando a empurram à força, mas ele não se atreveu a entrar e veio correndo para o povoado para avisar.

No chão, na sala, envolta em um atoleiro de sangue seco, inchada e podre, assim encontraram a moça. Enrolado nos lençóis, seus últimos desesperados desejos de viver à procura de uma saída. No dormitório, sobre uma cadeira, seu uniforme de estudante, e na mesinha, uma garrafa derrubada com restos de um líquido pardusco e nada mais, exceto aquele terrível fedor de carne decomposta e sangue estragado tão atraentes para os abutres, que insistiam em seu voo circular sobre a casa.

O resto foi trazido pela lei. Vieram os especialistas, não houve crime, morreu por falta de responsabilidade. Não, suicídio não; tomou uma bebida para abortar, estava pelo menos com três meses de gravidez e se esvaiu em sangue, pouco a pouco, escondida de todos, sozinha, tremendamente sozinha, com a única companhia da dor e do medo.

Benigno Artiles quis velar os restos de sua filha na casa do povoado, como correspondia a uma pessoa importante, mas a mãe não permitiu.

– Lembra, Benigno? Disseste que se ela se desse mal não voltasse para casa nem morta. Por isso se foi para Las Yagrumas. Ali é onde vamos velá-la.

Foi a primeira e única vez em sua vida que contrariou seu marido.

Desde o dia do enterro de sua filha, a mulher começou a ir embora deste mundo. Como se nada tivesse acontecido, ia à parada do caminhão a esperar a jovem, guardava guloseimas e preparava comidas especiais para o dia do passeio. Conversava com a morta, no portal, em

frente ao parque, enquanto tecia suas intermináveis colchas e toalhas. No dia em que inauguraram a escola nova de seis séries – com sala de jantar e dormitório para os que moram longe –, apareceu com o retrato de sua filha, “que quando terminasse de estudar Medicina, viria para cuidar e curar os meninos dessa escola”, e não houve maneira de convencê-la do contrário. A foto ampliada da moça ficou pendurada na parede da direção. Ninguém se atreveu a contradizê-la. Um tempo depois, os vizinhos e alunos pediram que se colocasse na sua escola o nome da filha de Benigno. Mas, possivelmente, a mãe louca nem sabe.

Ela vai toda semana, um dia qualquer, sozinha, a pé, à casa de Las Yagrumas, para varrer os pátios e o jardim e semear as flores preferidas de sua filha mais nova. Ninguém, nem marido nem filhos se atrevem a detê-la, quando sai caminhando morro acima, somente a cuidam de longe. Também ninguém mais se atreveu a entrar naquela casa, onde a cada semana a infeliz mulher limpa com escova e sabão o piso da sala, tentando retirar essa mancha tão feia na madeira, “para quando vier a menina”.

*E tomara possas sentir na alegria de teu coração
a alegria viva que esta manhã de abril te mandou,
através de cem anos, cantando feliz!*

R. Tagore

Mulheres em abril

– Permissão para falar, sargento, a tropa está cansada. Poderíamos parar e descansar um momento?

– Está bem, companheira política, mas suponha que o inimigo vem nos perseguindo ou que vem para cá e temos a ordem de não deixá-los passar. Você acredita que eles vão dar permissão para descansar?

– Compreendido, companheiro sargento, continuamos, mas há uma grávida cansada. O que fazemos com ela?

O problema surpreende ao sargento, em suas colunas masculinas não acontecem coisas como essa, a primeira reação lhe sai abrupta:

– Quem teve a ideia de mobilizar a uma mulher grávida?

Quase cai a boina de sua cabeça de tanto lhe dar voltas, enquanto pensa como resolver o assunto. Mas ele não é homem de esgotar-se por qualquer imprevisto.

– Vamos ver; uma mulher grávida é mais ou menos como um ferido, uma baixa em combate. Então, está certo. Que uma profissional a atenda e, se não for nada muito sério, deixe-a com proteção no caminho, na volta a recolhemos.

E volta a ladainha:

– Que ideia foi essa de trazer uma mulher grávida às práticas?

– Companheiro sargento, ela ficou sabendo ontem, não sabia, tem um mês e meio sem menstruação – tenta explicar a responsável política.

Nesse momento, o sargento fica avermelhado e olha para outro lado:

– Está bem, está bem, não me dê mais detalhes. Cumpra a ordem.

As mulheres em fileiras em ambos os lados do caminho, uma no fundo, continuam a marcha, silenciosas.

O instrutor disse na madrugada, ao sair do acampamento: “O menor ruído é a morte”. Com o calor, o sol e o esforço da caminhada é desnecessário reiterar a advertência, mas o sargento prefere acreditar em sua autoridade.

– Como se **comportam** bem as suas milicianas!

– É verdade, bem caladinhas, disciplina, muita disciplina.

– Companheiro sargento, tomara que seja disciplina, eu acho é que o ar não chega aos pulmões delas, esta colina não acaba nunca e o pó afoga. Falta muito para chegar ao potreiro?

– Uma meia légua, cruzamos e já estamos no rio na descida da colina.

– E teremos que descer a colina?

Outra das mulheres – uma das mais velhas de idade – mete o bedelho na conversa se achando muito experiente:

– Filha, tudo o que sobe, desce.

O sargento se finge de surdo e apressa o passo. Com essas mulheres não se pode; se fossem homens, eu mesmo resolvia o caso.

No final, chega-se à cota mais alta, por sorte é uma mata densa e o sol apenas filtra alguma luz no meio da confusão. Agora vem a parte boa: o lugar escolhido para descer é um trilho na ladeira escorregadia, sem esperança de segurança para botas lisas. Duas mãos não são suficientes, uma com a arma – metralhadora sagrada, se soltar, te tornas um cadáver – e a outra para agarrar tudo o que cresce na beirada para não rodar monte abaixo.

– Não mexa em qualquer coisa, se mexer arrebenta, controla a mochila, com o peso te empurra, não deixem rastros.

Duas exploradoras rolam colina abaixo, um tronco de algaroba lhes serve de apoio antes de cair de cabeça na poça. O sargento as alcança e logo o resto do pelotão.

– Vamos andando, que agora seguiremos pela beirada do córrego até alcançar a posição desejada. O descanso será depois do potreiro. Alguém diz em voz muito baixa:

– Como as vacas.

Ao prado, entra-se passando por baixo das cercas de arame, cada soldado – deveria dizer *soldada*, mas soa estranho – camuflado com muitos arbustos em cima.

– Vocês têm que parecer uma moita de erva e já sabem: cabeça levantada, mulher enterrada – repete com cadência o instrutor.

O cruzamento é lento, o enredamento entre pontas de arame farpado, galhos, trapos e cabelos é imenso, umas ajudam as outras a escapar como podem, e, já dentro da área, a procurar pontos de referência para

avançar uns duzentos metros, arrastando-se sobre cotovelos, joelhos e tudo o que sirva para isso. O sargento observa a operação de entrada no terreno, checa cada posto da extensa tropa e, sem comentários, ordena prosseguir a marcha, arrastando-se.

As pombas são as primeiras a incomodar-se, levantam voo desde seus ninhos, chiando avisos de alarme; as vacas deixam de comer o pasto e levantam a cabeça para o bando de pombas; o touro pai entra em estado de alerta e fareja o ar, ameaçador com seus beiços e narinas irradiando sinais de emergência – se o touro tiver vontade de entrar em combate, as milicianas esparramadas vão chegar até a ponte do Cauto... cuidadosamente seguem seu avançar sem tirar o olho do zebu mal-encarado. Os pardais nos arames das cercas observam surpreendidos a esses estranhos animais herbáceos e peludos que atravessam as pastagens a nado.

As pedras, os espinhos, os tocos, os ramos secos, os galhos de ervas, as formigas, os insetos, tudo espeta, pica, corta, arranha, morde; e o que não, suja, fede, assusta...mas a tropinha segue sem desanimar, abrindo passagem com a barriga; as vacas se tranquilizam e o touro – por garantia – leva-as à sombra das árvores para ruminar placidamente o capim. É quase meio-dia.

Na cerca de arame farpado do outro lado, repete-se a operação de passar por debaixo para sair do disfarce, com mais habilidade e menos dificuldade. No final, consegue-se chegar ao topo da colina, onde o pelotão ocupará posições para o combate. O ar é fresco no matagal, o suor nas roupas e na pele começa a arejar; os machucados, em qualquer parte, a ressecar e a arder. A ordem é esconder-se e esperar; o batalhão de mulheres, dividido em pelotões ao longo da faixa da floresta, deve impedir a passagem do inimigo, envolvê-lo em um cerco e aniquilá-lo.

Os lagartos verdes sobem assustados entre os ramos, as jovens exploradoras, as mesmas que rolaram antes até o córrego, competem com os lagartos para subir o mais alto possível, para observar com os binóculos além do que podem ver seus olhos.

– Eu não vejo nada. E você?

– Eu também não, espera, busca a algaroba grande, a mais alta, algo se movimentou atrás, à esquerda. Vê uma bola escura? São pessoas, estão se separando e correm para cá.

– Caramba! São eles, aí estão. Sargento, sargento, estão vindo!

– Sem gritar, companheira exploradora, indique posição, posição.

A chefe do pelotão põe em atenção a sua equipe, acima ou abaixo, seja como for.

– Todo mundo preparado. Cubram-se.

O inimigo são os homens de outro batalhão miliciano. Aproximam-se desconfiados do pedaço de floresta, as armas prontas para disparar, passo a passo e olhando para todos os lados, penetram entre as árvores e continuam avançando; a verdade é que sabem que em algum lugar da frente de combate serão surpreendidos, mas não sabem por quem nem onde. A vitória consiste nisso precisamente: em surpreender antes de ser surpreendido, em não deixar-se emboscar. Mas, em raras ocasiões acontece dos homens serem mais preparados que as mulheres, nisso de espreitar e surpreender, de tal forma que quando o grosso de milicianos entra na mata, os pelotões femininos dos dois extremos se lançam às suas costas e começa o tiroteio de saudações, os homens giram e ocupam posições para responder, mas por sua vez são atacados desde o fundo por outros pelotões. Estão perdidos, cai em cima deles a gritaria de fêmeas.

– Que não escape nenhum, não atirem por gosto, economizem munições.

Ninguém controla a gritaria, nem a chefe do pelotão, nem a delegada política do batalhão.

– Agarramos eles, sargento... Caramba! Onde se meteu o sargento?

– Solte o fuzil e jogue-se no chão, não se aproxime que lhe arrebento uma granada na cabeça, iaque bandido, levante as mãos e fique quietinho.

– Joguem os prisioneiros no campo raso, limpem e revistem a mata, não pode ficar nenhum aí dentro.

A chefe do batalhão aparece com a metralhadora em bandoleira e o rosto sujo de terra e suor, as profissionais recolhendo os supostos feridos.

– Vamos, que vamos. Isso aqui acabou.

Bancar a esperta em uma clareira de mata. A operação termina, é feita a recontagem e chegam os caminhões, a tropa está louca de fome. Os discursos são adiados para depois do almoço (sábria decisão do chefe responsável). Os caminhões arrancam e se direcionam ao acampamento, carregando de varanda a varanda esse montão de homens e mulheres cansados, sujos e felizes.

Pelo caminho, os soldados aguentam as brincadeiras das *soldadas*, gritarias de ambas as partes.

– Tanta confusão e tanta fanfarronada e pegamos vocês mansinhos, que nem sentiram o cheiro.

– Acreditem se quiserem, nós nos deixamos surpreender.

– Vamos, que vocês nem sabiam que estávamos aí, mas olhe que deixar-se surpreender por um grupinho de mulheres quase indefesas!

– Como indefesas, se tinham de tudo e eram como dez vezes mais que nós?

– Equivoca-te, neguinho, dez vezes mais bonitas que vocês, isso sim.

Descer dos caminhões e voar aos caldeirões, venham as bandejas que a farinha está fervendo e as batata-doces fumegam; atrás das pilhas

de lenha o amontoado de latas vazias anuncia a onipresença da carne russa. Está na hora de comer.

– Troco farinha por batata-doce. Quem quer?

O descanso depois do almoço, uma hora, e reunir-se para avaliação, o chefe de operações no centro e todos ao redor sentados no chão, caderneta de anotações aberta e atenção que lá vêm os chefes de seções a informar sobre as baixas próprias e inimigas, munições gastas, incidências, posições tomadas e etc. Quando conclui com a ideia de que os pelotões de mulheres cumpriram o objetivo de emboscar e surpreender aos invasores, o grito feminino coletivo é um trovão de arrebentar tímpanos. A *jacarandosa*⁹ do grupo é a mais gritona e o sargento, para fazer uma brincadeira, dirige-se a ela e lhe fala:

– Você se cale que os mortos não falam. Você morreu no potreiro, sua cabeça se via desde o povoado.

– Ah, não, isso é que não. Minha cabeça, você diz minha cabeça? Licença, capitão – e se joga esticada de barriga para baixo bem esmagada contra o chão, o promontório de suas nádegas é visível a todo o batalhão qualquer que fosse o ponto de observação. A risada é generalizada na tropa. A mulher se levanta, sacode-se e diz ao oficial:

– Você vê, capitão? Isso é o que me sobressaía e não a minha cabeça. O que quer que eu faça? Onde as escondo?

O capitão não pode controlar a risada e diz ao sargento:

– Acredito que o melhor é dar missões especiais à companheira, nada de disfarços.

– Sim, correto, às suas ordens, capitão.

É sábado, é noite, é primavera, mas nesta trincheira ninguém dorme.

.....

9 NT: alegre, desenvolta, graciosa.

No céu não cabe mais nenhuma estrela e a brisa sopra fresca sobre a terra aberta. O exercício é enfrentar um desembarque aéreo noturno, o silêncio deve ser absoluto, nada de fumar, uma mínima luz e se descobre tudo. O sinal de assalto chegará com os rojões de luzes lançados do posto de mando. Os “invasores” serão companheiros que já foram disfarçados para a zona de desembarque.

À meia-noite a lua se perde, afundada em nuvens imensas somente visíveis quando os relâmpagos as iluminam estalando em suas entranhas e marcando suas bordas multiformes.

O ruído dos trovões não chega ainda, a tormenta se esparrama longe, mas as estrelas se perderam com a lua. Somente resta entreter-se calculando o momento do próximo raio. Santa mãe! Que não chova, que este buraco se torna um lamaçal assim que caem quatro gotas de água. E o pior de tudo: as rãs, a coaxar e saltar na festa do aguaceiro. São Isidro Lavrador, tira a água e ponha o sol, mas é de noite. De onde vai tirar sol a essa hora o santo bondoso? Então, que ponha a lua, o importante é que não chova.

Como demoram a lançar esses rojões de luzes! Já não há como acomodar-se nos cocurutos. Algumas milicianas – as mais intrépidas – esticam-se no fundo, de vez se escuta alguma coisa por baixo; os insetos de toda espécie se avivam assustados e se arrastam, correm e saltam sobre as botas, calças, costas e cabeças da heróica equipe de mulheres que resistem, sofrendo silenciosamente à presença de lagartixas e rãs e ao deslizar sinuoso de uma ou outra cobra.

Aguentam a vontade de correr ao descampado, esperando os tais rojões de luzes, para sair das terríveis trincheiras. Mentalmente se repassa a sequência da ordem recebida: saltar o talude, correr em direção à cerca de malmequer, esconder-se sem tirar o olho dos paraquedistas quando caírem na terra, assaltá-los antes que se soltem dos equipamentos. Tratar de agarrá-los vivos. Se eles resistirem e atacarem, atirar para matar.

– Os rojões de luzes! Aí vêm os rojões de luzes! Vamos milicianas, ao malmequer!

– Vamos agarrá-los antes que se desenredem!

Anteontem aviões inimigos disfarçados com a bandeira cubana atacaram a base aérea de Santo Antonio. Ontem desembarcaram mercenários pela praia Girón. Querem acabar de uma vez por todas com este atrevimento de um povo pequeno e empobrecido – por eles mesmos – que procura um caminho próprio para outro destino. Não gostam da reforma agrária, nem das outras medidas revolucionárias, mas a ideia de que os camponeses e trabalhadores agrícolas sejam proprietários da terra os atingiu na medula de seu egoísmo. Por este motivo, gente de todo tipo se reuniu e procurou os aviões, os navios e as armas de seus patrões ianques, que dizem que vêm nos resgatar do comunismo, e, por isso, trazem-nos o passado e as mortes, todas elas que não somente matam com balas, mas também com a fome, a miséria, a ignorância e o abandono.

E nessa aldeia embutida entre ladeiras de serra e leitos de rios, cada um de nós ocupa seu posto de combate e espera para que a morte não seja verdade e a vida seja como queremos. Treinamos para quando chegasse esse momento e aqui estamos, no edifício de dois andares onde situaram o posto de comando local. As milicianas preparam os carregadores cilíndricos das metralhadoras – os instrutores dizem que as metralhadoras se chamam *pepeceache*, mas não há quem lhes tire o *pepechá*, soa mais a cubano, a dialeto oriental. Não ficam unhas nas mãos das mulheres, os cartuchos devem ser empurrados à pressão no tambor, um atrás do outro, como em uma engarrafadora, e cada vez é mais difícil colocar o seguinte; é uma resistência entre a mola do carregador e a força de quem o carrega, qualquer descuido ou moleza a mola aproveita e ganha o jogo, lançando pelo ar as munições. Vai embora o armazém inteiro e temos de começar de novo.

É permitido subir ao terraço para fumar – embaixo é proibido por causa das munições –, sobem também as mulheres para se curar, umas

às outras, os dedos machucados, e para olhar o céu, esse espaço limpo e aberto por onde pode chegar a morte, sem avisar, com rojões de luzes. As notícias se escutam no rádio portátil, são três dias que dura a luta no Girón e começam a chegar os nomes da fatalidade. Esta manhã, avisaram do primeiro, um moço que todos conheciam no povoado.

Levam-se as armas prontas e trazem outras para continuar no mesmo; em uma peça do edifício, colocaram colchonetes nos pisos, dorme-se por turnos. Somente resta esperar e não descuidar-se. A vigília na madrugada é grande, as mulheres comentam as notícias e falam de suas vidas, de suas famílias. Uma moça muito jovem permanece calada, sentada no piso ao pé da metralhadora; encosta a cabeça na caixa de munições e desaba a chorar de costas para que não a vejam.

– Mas, mulher, o que aconteceu? Você vai afrouxar agora? Se ainda nem soou um tiro.

– Eu não tenho medo, mas não quero morrer, meu filho tem cinco anos. Eu quero viver e que meu filho viva também – e já não aguenta o pranto, que lhe sai desse medo profundo que diz não ter.

– Vamos, não seja boba, todas sentimos medo, ninguém quer morrer.

– Olhe, mulher, se tranquilize, não chore mais, que isso não resolve nada.

– Não, e se nos amontoamos aqui a chorar, nos caem os ianques na cabeça sem que ninguém fique sabendo. Vamos, anima-te.

– Ei, você, não seria mal cantar um pouco. Vamos ver. Por que não cantamos baixinho uma canção bonita? Dessas que todo mundo sabe, vamos ver, a preferida da minha avó.

E arranca desafinada, mas corajosa:

– Pensamento, diga a Fragância que eu a quero...

– Que não a posso esquecer – seguem outras.

– Que ela vive em minha alma... – e a moça jovem que não quer morrer completa a estrofe.

– Vá e lhe diga assim.

E o coro completo:

– Diga que penso nela, embora não pense em mim.

Girassol

Que gira com o sol, segue-o e persegue.

Inflorescência dissimulada, amorosamente protegida pelas sépalas verdes de seu cálice. Corola de flores delicadas, bem coladinhas umas nas outras, ocultando as pétalas, esperando... esperando pela luz precisa para abrir-se no momento oportuno em uma esplendorosa erupção de amarelos brilhantes prontos a perseguir o sol a céu aberto.

E a alcançá-lo.

A pequena flor solar chegou uma manhã, disposta a ajudar no que fosse necessário.

– Em que posso servir? – perguntou humildemente, e imediatamente a sentaram em uma cadeira em frente a uma mesa repleta de papéis

para fazer contas, porque disse ela saber de contabilidade. Essa primeira jornada foi somente o começo, na hora do almoço saiu correndo e retornou para afundar-se novamente na montanha de faturas até que lhe avisaram do fechamento do escritório.

Bom começo, a garota é das boas, foi o comentário geral.

Seguiu pontual, chegava entre as primeiras, disciplinada e educada, só levantava a vista de suas tarefas quando entravam os chefes. E depois de não muito tempo, já cumprimentava a todos por seus nomes de batismo, ágil de memória que era. E também de pescoço, porque fazia de tudo para segui-los com a vista sem mover-se de forma alguma de seu lugar. Um certo dia alguém teve a ideia, notando essa virtude, de compará-la a um girassol. E prestando muita atenção, não ficava ruim o apelido porque ela resplandecia em amarelo, não o de cor pálida, como de anemia, não, no outro, no intenso e vibrante do açafão.

Seus cabelos compridos, encaracolados e soltos, pintados de loiro, eram um tragal ondulante, e na falta de vento, ela os arrumava para sacudir sua esplendorosa cabeleira diante dos olhos pasmados e perturbados... dos chefes.

Finalmente, para economizar movimentos excessivos e porque, segundo ela, o calor era insuportável naquele canto onde a colocaram quando chegou, mudou sua escrivaninha exatamente para o centro do salão até situá-la debaixo de um dos ventiladores que se penduravam no teto, com o qual dispôs de uma forte corrente de ar para manter a juba flutuando a todo vapor, o tempo todo.

Flor do sol, pouco a pouco ia colocando em ação sua reserva de habilidades, e devemos admitir que as tinha em abundância. Como dirigia as olhadas!

Tinha-as de todo tipo, ilimitadas em intensidade e intenção, especializadas por destinatário. A verdade é que seus olhos se prestavam – com esse fundo dourado combinando com a cabeleira e essa destreza muito útil de conseguir graduar os olhares segundo as

circunstâncias – a pôr o olhar mais cândido imaginável, pálpebras bem abertas e expressão assombrada: “é possível?”, “nunca tinha ouvido isso”, “de verdade?”, “eu não sabia” e a piscada fraca, suave, lenta sobre o amarelo pálido.

Todo um repertório...Que estilo e variedade! Mas o sublime era o olhar de espreita e captura, o profundo e sensual, o que cravava na presa até tê-la bem agarrada para então rematar com uma piscada pudica de intimidade descoberta. Irresistível! Eram poucos os que, estando perto dela, conseguiam escapar ilesos de tão traiçoeiro ataque.

A efetividade de nosso Girassol era notável. Não se registra lembrança de um só caso fracassado. Chefes que antes de sua chegada ao escritório apenas se detinham um momento no salão grande, agora se sentavam, procuravam assuntos de conversa para entreter-se e observar a tentadora florzinha, estendiam-se horas – eles que sempre estavam apressados – e tomavam café, contavam histórias para parecer simpáticos. Um tempo depois nem disfarçavam, entravam e iam direto à mesa dela, a cumprimentá-la de primeira e venham cortesias, “se quiser te levo prá casa no carro”, “está chovendo (ou vai chover)”, “você vai se molhar...”.

Era fácil localizar o grau de intimidade entre os sujeitos em questão. A vítima se tornava melosa e assídua, e a caçadora, tão logo o via chegar, ia correndo à cozinha do pátio para buscar uma xícara de café, e “se não tiver pronto, eu preparo prá você”.

Caramba, caramba. Como se movimenta essa mocinha!

O chefe imediato de Girassol foi um dos primeiros a render-se. Um certo dia se deu conta de que o casulo amarelo não devia estar sempre folheando papéis espremidos naquela mesa e que ele precisava tê-la perto e a postos, em campo, porque o trabalho era muito e ele precisava de apoio logístico. E lá se vai ela, calça cáqui bem ajustada, botas de zíper, blusinha arregaçada e coque amarrado com lenço e com as pontas ao ar. Nos primeiros dias – discreta, a moça –, sentava-se no

assento traseiro da caminhonete, quase esmagada pelos rolos de planos e mapas, pastas e até caixas de instrumentos, mas depois de poucos dias já a diligente criaturinha tinha tomado posse do assento dianteiro direito, como correspondia, ao lado do chefe. E dá-lhe rodar pelas matas e veredas desde o orvalho até o sereno. Que tempos felizes!

Mas está dito e comprovado que não há felicidade que dure para sempre. Ao chefinho popular, apareceu-lhe um rival inesperado.

E tudo tão simples: chegou uma equipe de inspeção da província sob o comando de um moreno bonitão de olhos claros, que, não bastando isso, carregava barrinhas brilhantes nas ombreiras.

Girassol assumiu a tarefa com o rigor de costume. Tensos, todos observamos passo a passo o processo. Temia-se uma tragédia pela competição. Quem adivinhou tudo desde o começo foi o moço da limpeza, quem adiantou o resultado em uma vulgar e simples frase de rua: “cavalo morto na estrada”, pronunciada enquanto olhava aos dois chefes, um a ponto de cair e outro recém-chegado, que a ambos podia prognosticar-se igual destino.

Girassol não perdeu tempo, nada de giros leves, nada de guerrilha, foi direto ao assalto com táticas fortes, tirou para o primeiro enfrentamento o arsenal completo e atacou maldosamente ao moreno bonitão com piscadas bem envolventes e tremores labiais com linguinha para fora. Fez migalhas dele, mostrando cabelos, sorrisos e biquinhos. Que dissertação! Que maravilha! O salão era uma festa permanente. Aquilo sim que eram cornadas. Todos nós gostaríamos que esse momento tivesse durado mais. Até apostas fazíamos, mas não se requereu tempo extra, em uma semana terminou a inspeção e com ela a batalha por nossa formosa flor do sol.

Pobre chefinho de município interiorano! O desenlace se completou uns quinze dias depois, mais ou menos.

Girassol entrou e começou a tirar coisas das gavetas de sua escrivaninha, mudou o magrinho que ficava ao lado para ocupar o

seu lugar, deu de presente o enfeite de vidro com flores de papel à companheira que lhe ajudava a levar a caixa, e no meio da manhã nos disse que ia embora, que tinha sido transferida para o escritório da sede da província, que lá precisavam de funcionários que soubessem de números, de contabilidade e com experiência de campo, principalmente isso, de campo. E antes do meio-dia já tinha ido embora. Ninguém, exceto a esposa do chefinho popular, alegrou-se com a sua partida.

Ficamos sem a cor e a luz de nossa inflorescência, a mesa parecia um vaso de barro vazio no meio do salão; ainda bem que o magrelo decidiu trocá-la de lugar (incomodava-lhe tanto vento na cabeça) e a colocou de volta no seu canto original, com o qual aliviou de certa maneira o efeito de nostalgia coletiva pela ausente.

De vez em quando Girassol passava pelo povoado e descia para nos cumprimentar, alegre, esplendorosa, triunfante e flutuante em sua nuvem coberta de candura e inocência.

A última vez que veio, seu sorriso era um turbilhão de pétalas esparramadas; fazia borbulhas e biquinhos quando nos anunciou que, agora sim, demoraríamos para nos ver, porque tinha sido chamada na capital, do escritório do chefe dos chefes, porque lá precisavam de funcionários que soubessem de números, de contabilidade e com muita, mas muita “experiência de campo”. Ninguém lhe perguntou pelo destino do lindo moreno das barrinhas douradas.

E foi embora, vitoriosa, veloz, a perseguir o sol.

– Está certo, não há razões para se espantar, o sol se move de leste a oeste, não é mesmo? – comentou alguém.

– A mesma coisa fazem os girassóis, seguir o sol em seu movimento.

– Ou persegui-lo, mas o que isso tem a ver?

– Caramba! Havana não está no ocidente?

O moço da limpeza escuta, sacode o espanador e comenta baixinho:
Próximo cavalo morto na Estrada Central!

Dona Maria del Pilar

Pilar é a viúva do senhor Alfonso, o maior latifundiário de Santa Maria de Loreto. Como pessoas letradas – que são –, já sabem que seu latifúndio agoniza.

No mesmo dia da primeira visita à Elvira, avisaram à Pilar sobre a intervenção.

Quando chegaram os funcionários do INRA, cumprimentou-os como era previsível, com muito pouco entusiasmo, e os levou para sentar no terraço aberto que havia na lateral da casa. A senhora dona Pilar – assim a chamam – escutou os elogios às suas folhagens decorativas sem

alterar-se, sem tirar o olho da entrada, por onde esperava a chegada de alguém.

O alguém chegou, um homem alto e avermelhado, bastante parecido com a dona. Ela o apresentou como seu filho mais velho e ele cumprimentou, correto e rígido.

As cadeiras do terraço são de vime, de vime natural, muito confortáveis; balançam-se sem nenhuma dificuldade sobre as lajotas com desenhos de flores, tão belas e polidas, as lajotas e as flores. Oferecem água fresca e em seguida quem traz é uma mulher grisalha, com avental muito limpo e sorriso fino, bandeja nas mãos com os copos suados de frio, serve a cada um e acomoda a bandeja vazia na mesa do centro; logo, sem dizer uma palavra, retira-se com o mesmo sorriso fino com que entrou.

– Suponho que você sabe a razão de nossa visita, Pilar – começou direto o principal do grupo.

– Maria del Pilar – retificou-lhe ela, para pô-lo em seu lugar – mas sempre me chamam dona Pilar. Sim, suponho que vem para o assunto da intervenção da propriedade, mas aqui está o meu filho, ele é o administrador dos bens da família e também é advogado – põe um especial tom irônico nisso de ad-vo-ga-do.

– Na verdade, Pilar – tom irônico marcado pela omissão do dona –, para isso viemos, trago-lhe a resolução oficial de intervenção e a nomeação como administrador do companheiro aqui presente; também está aqui o assessor legal da província, que prefiro que seja quem vai lhe explicar.

O mencionado assessor abriu a maleta repleta de papéis e das tangerinas recolhidas no caminho – caso fosse necessário –, pigarreou um pouco esclarecendo a voz, para que lhe saísse como de advogado e tomou mais tempo que o devido na procura de documentos dentro da pastas. Todos em silêncio, uns e outros esperaram ansiosos o prólogo

do que sem dúvida alguma viria a ser um contraponto fenomenal, embora o desenlace fosse conhecido. Finalmente, o advogado falou.

– Queria esclarecer alguns termos para evitar confusões. À família, lhe deixam em propriedade trinta *caballerías*¹⁰, um pouco mais de quatrocentos hectares, todos cultiváveis e de proveito, as restantes são as que se nacionalizam e passam à propriedade do Estado, essas são as que vamos entregar aos atuais arrendatários e o que ficar será administrado pelo INRA. Entendido?

A senhora recebeu a notícia – já anunciada – e respondeu em seguida.

– Acredito que não, eu tenho três filhos legítimos e todos são herdeiros, igual a mim. O justo e legal é que cada um de nós receba trinta *caballerías*, o máximo estabelecido pela lei para um proprietário. Definitivamente, mesmo assim, o governo fica com mais de duzentas, sem contar as cabeças de gado e as benfeitorias.

– Desculpe, Pilar, mas essa interpretação não atende aos princípios da lei de reforma agrária. Seu filho é advogado, quem sabe ele possa lhe explicar.

O aludido abriu pela primeira vez a boca e a voz lhe saiu oprimida, áspera. Olhou a sua mãe e pondo cara de entendido na matéria expôs que essa interpretação era questionável, pois a lei não distinguia exatamente...E por esse caminho, lançou-se durante uns quinze minutos, mais ou menos.

O duelo verbal entre os dois letrados ameaçou esquentar-se, dona Pilar como que a ponto de perder a paciência e a postura de dama elegante; o sereno azul claro de seus olhos se tornou um verde raivoso, quase negro. Outros olhos também faiscaram, os do dirigente do INRA, impaciente e irritado de tanto bate-papo e daquelas firulas meio aburguesadas; o assunto se prolongava muito para seu gosto. Os dois

.....

10 NT: *Caballería* é uma antiga medida de terra de origem espanhola, ainda em uso em algumas regiões de Cuba. Equivale a 13,4 ha.

que se faziam de advogados não entraram em acordo, e o filho mais velho anunciou conclusivo que recorreriam aos tribunais competentes.

– Correto – disse o assessor – vocês têm esse direito.

– E aí mesmo naufragou a paciência do chefe.

– Olhe, dona Maria del Pilar – pronunciou o nome completo para marcar distâncias –, vocês podem fazer o que quiserem, eu lhe deixo absolutamente claro agora mesmo que este *latifúndio* – recalcou a última palavra – segue sob intervenção, que o interventor é o companheiro aqui e é ele o único autorizado a administrar. Você tem cópia do inventário dos bens. Até que não se demarquem as suas trinta *caballerías*, ninguém toca em nada, nem um bezerro sai dos poteiros, nem se derruba um pau sem a sua aprovação. Entenderam?

Ficou de pé e outros o imitaram. Pilar pasmada em sua poltrona e o filho, imóvel como uma pedra.

– Certamente, você pode dispor desta casa, o *batey* ao redor e as criações do quintal; para alimento, podem servir-se, como até agora, de leite e dos demais produtos.

Nisso, apareceu a mulher do sorriso fino com uma bandeja cheia de xícaras preciosas com o café acabado de ser feito. O aroma pôs freio à despedida um pouco precipitada, bocas fazendo água, mas o chefe parou em seco o saboreio.

– Não, obrigado, acabamos de tomar na casa da senhora dona Elvira.

Colocou o “dona” na *guajira* Elvira!!!

Saiu o grupo e subiram ao carro.

– Caramba, capitão! Pelo menos poderíamos ter tomado o café, estamos com fome – queixou-se um, mas ele não respondeu. O assessor legal abriu a maleta e repartiu tangerinas.

Dona Maria del Pilar, viúva do senhor Alfonso, nem sequer se levantou da poltrona para despedir-se da desagradável visita. Por pouco, não lhe arrebatam os nódulos de apertar os braços no elegante vime natural. Os dedos já estavam roxos. Sem dizer uma palavra, o filho advogado saiu rumo à sua caminhonete estacionada debaixo de um mamão macho, que, é obvio, nunca tinha florescido.

Pilar, derrubada, nem alívio em chorar encontra, a fúria torce o caminho das lágrimas e a mulher divaga consigo mesma.

– Se Alfonso estivesse vivo, tudo seria diferente. Ele faria algo, sempre sabia o que fazer. Embora, não sei, agora tudo é muito estranho. Estas pessoas não têm lei nem respeito por nada. Que não posso tirar nem um bezerro do que é meu. Sim, do que é meu, porque tudo isto é meu desde antes de eu nascer, de meus pais e dos pais de meus pais. Pobre Alfonso, melhor que tenha falecido, porque se esse desastre o pegasse vivo...Imagine, ter que pedir permissão a esse inútil, a esse filho da Elvira, para tirar uma jarra de leite de minhas vacas. O que vocês acham? Minha nossa! Começou a pontada da enxaqueca. Não, não vou almoçar. Talvez seja melhor tomar uma taça de chá de tília.

*O bisavô é feliz porque perdeu a memória que tinha.
O bisneto é feliz porque não tem, ainda, nenhuma memória.
Está aqui, penso, a felicidade perfeita. Eu não a quero.*

Eduardo Galeano

Pichón

A Pichón, propus-me surpreendê-lo.

Essa risadinha desafiadora que me lançou da porta com um “que nada, que nada, você não vai conseguir chegar aonde eu moro!”, provoca-me por dentro.

Hoje passei por perto e pedi aos da base camponesa que me guiassem até suas terras. Disseram-me que era viagem difícil, que de carro só chegaríamos a um riacho, lá embaixo da serra, e daí em diante teria de ser subindo por um caminho de mulas.

– Então, se deixar para logo já é tarde.

E no meio da manhã, já estávamos à procura de Pichón.

– Por que o chamam de Pichón? – perguntei aos meus acompanhantes.
– Isso não é um nome.

– Porque é filho de haitianos. Assim se chamam os filhos de haitianos: *pichones*¹¹.

Não digo nada, mas penso: Caramba! Nem sequer filhotes...

Depois de subir montanha acima um bom trecho, chegamos a um córrego pedregoso e aí deixamos o jipe para seguir a pé, segurando-nos em qualquer cipó ou pau firme que pudesse servir, para não rolar colina abaixo. Quase engatinhando – pelo menos, eu –, chegamos ao alto, onde o atalho se abria de repente e terminava em um pequeno planalto rochoso, com a ladeira de outra montanha ao fundo. Suar e respirar era tudo o que podíamos fazer, enquanto observávamos o puxadinho coberto por folhas de palmeiras; pendurado na encosta em frente de nós, era como um portal de entrada, mas de quê? Ali não se viam paredes nem nada que fosse semelhante a uma casa, só um portal grande de arbustos e folhas de palmeira, meio aberto, e detrás, penumbras, silêncio.

Parados em frente ao mistério daquela rústica construção, surpreendemos um cão chegado silenciosamente ao nosso lado – pele cinza, totalmente sem pelo, desses que chamam de chineses. Fareja-nos um a um, bastante inquieto. Nessa hora passaram ao nosso lado, correndo como uma exalação, dois negrinhos nus, que se perderam debaixo do alpendre sem sequer nos olhar. Ouvimos vozes dentro, no escuro, mas não saía ninguém.

– Pichón... Pichón...

O portal de folhas de palmeira se fecha imediatamente.

.....

11 NT: Filhote de pombo; diz-se também de uma pessoa sem importância, uma pessoa qualquer.

Meu guia insiste com toda a sua força, arma-se um tremendo alvoroço de pássaros assustados, mas de pessoas, nada. Quando quase estávamos voltando ladeira abaixo, responde-nos da mata próxima uma gritaria. Era Pichón que tinha nos visto e descia dando saltos e gritos.

Não podia acreditar nisso, olhava-nos como a espíritos reencarnados, ria com todos seus dentes em pleno sol.

– Como chegaram? – perguntava. E antes da resposta, confirmava para si mesmo:

– Chegaram. Chegaram – se engasgava com as palavras. Com a mão boa, tocava sua testa úmida e brilhante.

– Caramba! Pela estrada. Por onde seria?

Pichón estava vestido apenas com uma velha calça de tecido cru (saco de farinha), já quase sem as pernas, e agarrada à cintura por uma *corda de Manila*¹². Da mesma corda, pendurava uma capa de couro e dentro dela um machado de cabo preto; os pés enormes, descalços, da mesma cor da terra: as raízes de Pichón. Deu umas tantas voltas ao redor de nós e quando se convenceu de que não éramos fantasmas, que de verdade estávamos ali, subiu o tom da voz para chamar alguém.

– Mãe, mãe, *vení palé* (vem aqui).

– E se mandou correndo para dentro, empurrou o alpendre e pouco tempo depois voltou trazendo pelo braço uma mulher gorda rodeada de negrinhos de todos os tamanhos, agarrados à sua anágua descolorida, todos descalços. E Pichón falava com eles, em *patoá*, que não tivessem medo, dizia-lhes que eu era sua amiga e as pessoas que estavam comigo também. Empurrava-os adiante e ria da vergonha dos garotos, a mãe parecia não entender nada de espanhol.

– E teu pai, Pichón, onde está?

.....

12 NT: Corda rústica muito resistente formada por vários fios trançados, originária das Filipinas.

– Morto, descendo por La Yamagua, a mula o arrastou, caiu em cima dele e o esmagou.

O sol ardia, sentamo-nos em uns troncos de palmeira recém cortados e amontoados em fileiras, os irmãos de Pichón se esparramaram no chão em frente a nós, mas não muito perto, estavam ainda desconfiados. A mãe gorda ficou atrás, receosa, havia também uma mocinha de possivelmente quinze ou dezesseis anos, menos assustada e mais curiosa.

– Quais são seus cafezais, Pichón? –pergunto-lhe.

E ele responde, indicando o bosque de onde saiu antes, logo gira e mostra o contorno do local onde estamos.

– Tudo isso foi dado pela reforma agrária, por Fidel – ele diz. Continuamos perguntando e ele responde com frases muito curtas em seu castelhano elementar.

– No papel, 24 *caróces*¹³. Papai fez tudo quando veio jovem do Haiti, derrubou o mato, semeou café. Ele entendia disso. Os donos nunca andavam por aqui. Papai dava café e eles nos deixavam viver aqui na mata, não eram boas pessoas. Mamãe também é haitiana, mas meu pai a conheceu aqui, na serra.

Pichón se levanta do tronco e nos diz que esperemos um momento. Sai correndo e se perde por debaixo de um arvoredo próximo. Os irmãos mais novos correm atrás dele. Os mais velhos ficam esperando. Volta em seguida Pichón com um sorriso feliz, traz um favo jorrando mel em uma mão e na outra, uma folha de palmeira verde, que coloca no chão em frente ao grupo, coloca o favo sobre a folha de palmeira, tira

.....

13 NT: Também chamada caró (sing.) ou caróes (pl.). Medida de terra utilizada pelos haitianos e franceses que emigraram a Cuba durante a revolução haitiana. Seu uso é mais comum nas províncias do oriente, em zonas de produção de café. Um caró equivale a 0,1 de uma *caballería* espanhola. Uma *caballería*, ou seja, 10 caróes, equivale a 13,4 ha. No caso, os 24 caróes correspondem a aproximadamente 32 ha.

o machado e o corta em pedaços. Todos experimentamos, primeiro os visitantes e depois cada um dos da casa, inclusive a mãe se aproximou e comeu.

Aproveito a agitação para bisbilhotar um pouco e me aproximo da entrada daquela estranha construção, suficiente para descobrir que se trata de uma cova, uma cova na montanha que serve de moradia à família toda. A cera do favo amarga na boca, cuspo-a e disfarço, procurando outro pedaço fresco.

Pichón quer que fiquemos para comer. Pergunta se nós gostamos de *jutía*¹⁴, porque ontem pegou duas e sua mãe pode cozinhá-las num instante. Respondemos que não, que temos de continuar, temos de ir longe e já é tarde. Então ele volta a levantar-se, entra na cova e sai arrastando um cacho de cocos verdes, pega o machado de novo e começa a abri-los e a reparti-los. A água corre fresca e doce garganta abaixo, limpando o amargo do momento anterior.

Uma menina se aproxima de mim e toca a fivela dourada de minhas botas.

Não lhe digo nada; se o fizer, se assustará...assim é melhor...

A menina um pouco mais velha não abriu a boca, mas sorri, divertindo-se com as atitudes de seus irmãos.

Partimos.

Pichón nos acompanha colina abaixo, até o jipe, seguido da tropa familiar, menos a mãe, que fica com o mais novo, carregado de pernas abertas sobre o quadril.

Pichón caminha ao meu lado, vigia-me, aqui às vezes é mais perigoso descer do que subir. Escorrego e por reflexo me penduro no seu braço

.....

14 NT: Mamífero roedor, da família Rodentia, comum nos campos cubanos e em toda a região caribenha.

próximo, é o esquerdo e sinto as pontas duras dos ossos debaixo da carne.

E aí mesmo, no caminho, faço-lhe a pergunta.

– O que te aconteceu no braço, Pichón?

– Era criança, caí de uma mata de *caimito*¹⁵, alta, alta, quebrei o braço e a mão. Por pouco não me quebro inteiro – e ri.

– Não te engessaram? – pergunto.

Pelas rugas que se formam em sua testa, dou-me conta de que acabo de dizer uma tolice e corrijo rapidamente.

– Bom, está claro que não te curaram – e ele diz que não se lembra muito, mas que sua mãe o curou com ervas do mato. Estava explicado o conjunto de ossos soldados tal como ficaram ao fraturar-se; e assim cresceram com ele. Não perguntei mais nada e continuamos descendo em silêncio.

Chegamos à estrada, os meninos rodeiam o carro, em frente ao espelho lateral de uma das portas, empurram-se uns aos outros para olhar-se, riem curiosos e sem vergonha, a menina mais velha os repreende. A arrancada barulhenta surpreende os pequenos que correm para a beira do caminho.

Antes de subir me aproximo mais de Pichón com sua cara redonda aberta em uma risada plena.

– Lembra do que te prometi? Viu que eu cheguei? – digo isso mais baixo para que os outros não ouçam, como um segredo entre nós.

– Sim, sim, sim – e a palma avermelhada de sua mão negra roça brevemente meu ombro, enquanto me acomodo no assento. Olho ele bem de perto; tem os olhos úmidos de choro aguentado, saio do carro

.....

15 NT: Árvore natural das Antilhas, da família das Sapotáceas (*Chrysophyllum caimito*), dá um fruto roxo conhecido no Nordeste do Brasil como abiu.

e o abraço fortemente. Cheira a ave da montanha, a suor de terra e a seiva de ervas silvestres.

Vamos embora, e antes de fazer a curva, volto a cabeça e cumprimento o grupo com a mão.

Ainda os vejo um pouco mais ao longe, mas continuarei a vê-los para sempre em minha memória, não quero esquecê-los. Não esqueceri...

*Como se arranca o ferro de uma ferida
Seu amor das entranhas arranquei,
Embora sentindo, ao fazê-lo, que a vida
Arrancava-me com ele*

G. A. Bécquer

*Felicia e a ceiba*¹⁶

Em pleno verão, em uma manhã de nuvens densas e calor pesado, conheci Felicia.

Não me lembro por qual motivo a trouxeram para o lugar envidraçado onde eu trabalhava.

Pareceu-lhe estranho ao entrar encontrar uma mulher. Eu ignorei o gesto de apreensão – já me era familiar – e convidei-a a sentar-se.

.....
16 A Ceiba ou ceibo é uma grande árvore da família das Malvaceae, encontrada em áreas tropicais. A espécie mais conhecida no Brasil é a paineira (*Ceiba speciosa*).

– Bom dia. Sou Felicia del Toro – apresentou-se –. Sou a procuradora da fazenda de minha mãe. Embora as duas sejamos proprietárias, ela é inválida, eu me ocupo de tudo. Nos armazéns do INRA, colocaram os relatórios de venda em nome dela, agora exigem sua assinatura; quando voltar, trago os papéis para resolver isso de uma vez, mas hoje preciso receber o dinheiro destas faturas, as pessoas esperam por mim, prometi- lhes pagar quando voltasse.

A mulher deixou de falar, pôs os papéis sobre a mesa e esperou.

É evidente que se tratava de uma pessoa instruída. Suas mãos – nada rústicas – têm a cor das peles bronzeadas, mas os dedos são retos, finos, como os das mulheres que não esfregam pratos gordurosos nem lavam roupa difícil. Em seu pulso, um relógio de esfera grande indica que o tempo vale muito para essa mulher.

O sobrenome nos papéis chama a minha atenção. Pergunto-lhe se é parente de uma família muito próxima a de meu avô, vizinhos do mesmo lugar.

– Por acaso se trata da mesma família? Me lembro dos jovens de então, vêm aqui ao escritório ou os encontro em algum lugar, em seguida os reconheço, ou eles a mim. Mas de ti não me lembro.

– Isso tem explicação, vocês eram mais jovens. Eu ia pouco à fazenda, é possível que não nos víssemos, estudava no instituto e morava com os meus avós em Santiago, depois em Havana.

– O que estudava? – perguntei.

– Ciências Comerciais, mas não terminei, deixei os estudos quando o velho morreu, mamãe ficou sozinha e tive que me encarregar da fazenda. Sou sua única filha e não havia outra coisa do que viver. Passagem só de ida Havana/Santa Amélia; acabou-se a contadora pública e começou a camponesa.

O tom de humor, algo amargo, tem o sabor de ponto final.

Desvio a atenção aos papéis e solicito que paguem as faturas. Ela se levanta para despedir-se.

– Agradeço-lhe – sua voz é amável. – Vá um dia à minha casa, meus avós eram muito amigos de sua família. Minha mãe se alegrará de conhecê-la; tomara que se lembre dela.

– Com certeza, prometo a visita, mas não me trate formalmente, porque me faz sentir estranha.

– Até logo.

Assim que se apresentou a oportunidade, cumpri a promessa. Recebeu-me muito cordial e, em seguida, levou-me para conhecer a sua mãe. Na casa, moram mais duas mulheres, não são da família, mas também não são empregadas, isso se nota rapidamente pelas maneiras desenvoltas e pela forma familiar com que se tratam entre si. E pela forma de convidar:

– Como que já vão embora? Se o almoço já está pronto.

Com o tempo, minhas visitas à casa se tornaram frequentes e terminei entrando pelos fundos, pelo saguão da cozinha, onde se recebiam os íntimos e se servia a comida diária.

O pátio traseiro debaixo dos tamarindos era o lugar preferido para todas as atividades. Ali nos reuníamos com os vizinhos do bairro, às vezes para organizar coisas, outras pelo puro prazer de conversar, comer uma boa comida crioula ou tomar uns goles, que pretextos não faltavam. O caso é que nos acostumamos ao pátio, ao arvoredo sombreado e às atenções daquelas mulheres diligentes e hospitaleiras. Felícia nos ajudava quando lhe pedíamos. Mas, quais eram suas ideias? Por que o fazia?

Tão loquaz e expressiva para o geral, como hermética no que é pessoal. Sempre vestida de calças de montar e botas, camisas de homem, o cabelo murcho e comprido amarrado para trás, nada de enfeites, exceto uma fina corrente de ouro com uma pequena figura pendurada que

nunca se via por completo. E isso era tudo, nada de cores no rosto e no máximo um lenço na cabeça colocado de qualquer maneira. Ela mesma dirigia sua caminhonete e administrava seus assuntos sem depender de ninguém, cuidava dos seus negócios com a mesma destreza com que conduzia a casa e a caminhonete. A reforma agrária não a afetou de forma alguma. Anos atrás, quando morreu seu pai, vendeu as colônias de cana e ficou com o café e as árvores frutíferas. Por que vendeu esses terrenos, se naquela época todos queriam ter mais terra? Perguntei-lhe um dia desses em que surgiu o assunto.

– Eu não gosto de cana e, além disso, para que tanta terra, se com o café e as árvores frutíferas já é o suficiente e sobra para mim e minha mãe, e ainda fica para ajudar aos outros.

– Felicia é viúva ou solteira? – perguntei um dia por curiosidade a alguém conhecido.

– É solteirona – corrigiu-me o informante –, o que não é o mesmo. E seguirá sendo, porque ninguém se atreve com ela. E homens não lhe faltaram, pelo dinheiro e o resto, que boa menina sempre foi. Somente se tornou público um noivo de quando estudava em Santiago. E nunca mais – afirmou categórico.

Um dia surgiu a oportunidade de falar com ela um pouco mais de tempo e a sós. Estávamos no pátio que rodeava a casona, sentadas ao redor da mesa, e trabalhávamos em duas listas: uma de pessoas e outra de porcos. A primeira com nomes de pessoas práticas em curar animais e a segunda com a quantidade de porcos a vacinar em cada propriedade. Felicia gostou de vacinar e assumiu a responsabilidade, por isso na tarde em que fazíamos a comparação das listas de nomes e fazendas, sentadas no pátio debaixo do mais velho dos pés de tamarindo, pareceu-me o momento propício para uma conversa mais íntima.

– Me diga Felicia: como você aprendeu a vacinar, a dar injeções, a todas essas coisas que sabe fazer com os animais?

– Muito simples, observando – disse e continuou escrevendo.

Como havia notado que eu não tinha acreditado muito, seguiu com o mesmo tom.

– Sim, como você ouviu, observando. Prestava atenção como os peões trancavam os porcos e iam segurando um de cada vez, os seguravam firme e debaixo de uma pata traseira, lhe davam a espetada. Um dia meu pai me perguntou se queria dar as injeções, disse-lhe que sim, trouxe um macho pequeno, segurou-o bem firme e me deu a seringa, e aí comecei. Minha mãe por pouco não desmaia quando ficou sabendo, porque isso não era feito pelas mulheres. Mas meu velho tinha suas próprias teorias; segundo ele, mesmo que a pessoa tenha muito dinheiro e propriedades, deve saber mandar, e para mandar, saber fazer o que manda alguém fazer. Assim, sendo do agrado ou não, minha mãe teve que se resignar a me ver envolvida com os animais fazendo de tudo, menos capar touros, que isso sim, nunca fiz, nem vou fazer.

– Você nos ajuda muito, Felicia, as pessoas te respeitam. Quando você chama, elas vêm. Por quê? – perguntei e ela levantou a cabeça surpreendida.

– Qual é a pergunta? Por que vêm ou por que me respeitam?

– Bom, as duas.

– É melhor perguntar a elas, mas se quiser te digo. Olhe, as pessoas não gostam de ser enganadas, eu nunca falto com a minha palavra, nem engano ninguém. Moro neste lugar desde que nasci. Aqui cresci e aqui vou morrer, como meus pais e meus avós.

Disse mais ou menos como se fosse para ela mesma, como se ninguém a escutasse.

– As pessoas respeitam essas coisas – continuou, um pouco mais alto – É bom ter confiança em alguém, a pessoa não se sente tão sozinha.

– Claro que sim – respondi quando terminou de falar. – Mas é possível respeitar alguém e não gostar dessa pessoa. De você, eles gostam. Eu vejo isso, você é madrinha de um montão de jovens, e nesta casa, o dia todo entra e sai gente por qualquer motivo; isso é mais do que respeito, Felícia. Da sua mãe, também, eles gostam muito, dá para perceber.

Ela aproveita para desviar a atenção de sua pessoa. Sua expressão muda e o olhar se torna mais transparente, mais suave quando fala de sua mãe.

– Sim, minha velha é uma pessoa muito querida no bairro. Não me lembro dela reclamando de ninguém; para ela, todo mundo é bom; as maiores barbaridades, ela explica com um “somos humanos e cometemos erros”. Se te contasse as histórias, te assustarias. Minha mãe não podia ver miséria, as pessoas passavam por aqui e chegavam para comer como se aqui fosse uma estação de trem.

E continua inspirada com o tema.

– Tinha pena de tudo, te digo que nesta fazenda foram criados mais de quatorze rapazes. Imagine, foram chegando, ou ela os recolhia depois de alguma desgraça, e já eram daqui. Cresciam, casavam-se; essas duas mulheres que cuidam dela foram criadas por ela, Amélia e Teresa, as duas têm família, mas não a deixam sozinha desde que adoeceu. Amélia já mora aqui o tempo todo, porque o marido foi embora com outra para Camaguey.

– As histórias são tantas que parecem um rosário. Vê esse rancho grande atrás do mamoeiro? Agora é um armazém, mas antes era casa para morar e ficava morando gente até que saíam encaminhados. A alguns, meu pai dava terra para que fizessem uma colônia ou procurava em outro lugar para que se assentassem. Meu pai também era uma pessoa de bons sentimentos, e sendo do campo, era até um homem fino, lia muito bem e muito. Vê? A maioria desses livros que existe em casa eram dele. Lia para mim poesias de Martí, que eu gostava tanto, acredito que meu velho era um pouco poeta.

E Felícia se dilui na nostalgia dos tempos passados. E eu a vejo, pela primeira vez, suave e agridoce, como a polpa dos tamarindos que nos sombreiam.

– Que feliz você com esses pais! – digo-lhe para retorná-la ao presente.
– É para se ter inveja. Se estivesse vivo, ele também nos teria ajudado, como você. Não acredita?

– Não tenha tanta certeza disso – responde-me e percebo imediatamente uma mudança de tom. – Ele não gostava de política, nem dos políticos. Dizia que a política era uma porcaria que sujava os homens e os estragava – garantiu com certa hesitação, como que sentindo pena por discordar de mim. – E quer que seja franca? Eu nesse assunto penso como ele: não me interessa nem um pouco a política.

Compreendi a indireta e continuei com mais cuidado, mas sem soltá-la.

– Eu acredito que ele tinha razão no “da porcaria dessa política” – disse com muita certeza. – Mas isso terá que acabar, não é mesmo? Ou deixamos tudo igual?

Eu a desafio olhando diretamente nos seus olhos. Ela fica calada e eu continuo, aproveitando a pequena vantagem. – Se você nos ajuda é porque está de acordo com o que fazemos, não é mesmo?

– Claro, por que não vou estar de acordo? Não é errado vacinar os animais que alimentam as pessoas, eu o faço desde menina – responde-me, evitando habilmente a continuação da pergunta.

– Não falo somente de vacinas. Fazemos outras coisas: dar terra aos camponeses que trabalham, por exemplo. Há quem não esteja de acordo.

– Por avareza – responde em seguida. – Ninguém deve ter mais que o necessário para viver decentemente, e aquele que queira mais, que o busque suando, não tirando dos outros. Isso é o justo – sentenciou Felícia –, mas de qualquer maneira te digo que alguns desses, a quem se

está dando terras, não a merecem. A terra deve ser amada e trabalhada, se não, de nada vale.

– E os negócios de intermediários, enganando aos *guajiros* e especulando com os produtos agrícolas, vivendo do suor dos outros; com isso, acabamos também e existem ressentidos.

Pergunto a ela:

– Isso está errado?

– Certo e errado – responde-me. – Possivelmente eu teria ido mais devagar...Esse negócio tem seus riscos. Você vai ver – recalca. – Não é tão fácil como vocês pensam.

Ignoro o ponto e sigo adiante. Esse assunto me interessa muito para perdê-lo em uma discussão. Não quero convencer a Felicia, mas conhecer suas ideias.

– Então, você deve pensar igual sobre os créditos que damos aos *guajiros*, para que vivam enquanto fazem as colheitas. O que você acha?
– pergunto e ela me olha um pouco zombeteira, sem responder na mesma hora.

– Sim, isso está bem, mas também eu não daria a todos. Alguns são vagabundos que nunca sentiram gosto pelo trabalho e pegam o dinheiro para beber ou jogar nas brigas de galo. Não acredito que deviam emprestar a qualquer pessoa, muitos não vão devolver.

Volta-se para mim me interrogando: – Ou vocês dão de presente? Vão perder muito dinheiro.

– Não tenho dúvidas, mas, o que fazemos? – devolvo a pergunta.

– Não vão tão depressa, mulher! – diz isso de tal forma, para que eu compreenda que não deseja seguir com o tema. Ainda sentada, recolhe os papéis, levanta o rosto e me olha de frente, registrando meus pensamentos, esperando que fale. Como continuo silenciosa, ri e levantando do assento me diz:

– Vamos, não se preocupe, tudo vai dar certo. Vocês são loucos, mas persistentes. Os golpes vão lhes ensinar. Vamos tomar café.

Fico calada, tenho a impressão de que Felicia levou a conversa para onde queria. Eu dando voltas e voltas e ela com todo o rigor, pelo centro. Já de pé e caminhando, insisto para mortificá-la:

– Mas você também deve estar um pouco louca, porque nos ajuda.

– E não é? Agora sim você acertou em cheio! – ri com vontade e me lança a última frase da conversa. – Mulher, isso sim é verdade. Só mesmo estando louco para seguir vocês!

E entra na cozinha, rindo e chamando a Teresa, para que nos sirva café... café para duas loucas.

O tempo foi passando, pouco a pouco fui descobrindo Felicia.

O mais impenetrável era seu passado como mulher, com ela se podia falar de sua família, da terra, de outras pessoas, mas ela evitava, impenetrável, qualquer insinuação ou tentativa para entrar em sua intimidade. A ocasião chegou aquele dia em que passei a noite em sua casa, porque o rio não dava para cruzar de tanta água que caiu à tarde. Depois de comer, fomos as três mulheres ao quarto da senhora Elena. Dava gosto conversar com ela, tinha uma memória de prodígio, lembrava-se de anedotas, pessoas e datas com total precisão.

Que razão tinha Felicia! Para essa senhora, todo mundo era bom, mesmo os mais sem-vergonhas os qualificava, com muito esforço, de cabeças-loucas.

– O dia em que o cabeça-louca do Melquíades roubou duas noivas... – e começava a história do sobrinho e a terminava sem uma palavra de censura para aquele perfeito descarado. E assim pelo estilo.

Um pouco mais entrada a noite, voltamos para a mesa grande da sala de jantar. Pedi a Felicia que trouxesse fotos antigas da família para tratar de reconhecer alguns de meus conhecidos de menina. Veio com

vários álbuns e grandes envelopes com fotos. Chamou-me a atenção um postal sépia; de uma figura oval rodeada de grinaldas de flores, dois rostos jovens olhavam enternecidos. A moça da foto era Felícia, mas o outro quem era?

Não me atrevi a perguntar, segui olhando as fotos, e o mesmo homem, jovem e gentil, aparecia uma e outra vez ao lado de Felícia.

Ela se adiantou ao meu pensamento.

– Esse era meu noivo.

– Por que não se casaram? Parecem tão apaixonados.

– Estávamos, lhe garanto isso, mas... – sua voz se quebrou um pouco.

– Fomos noivos desde crianças, da escola, mas a vida às vezes se atravessa. Ele era um homem da cidade. Também estudava, como eu, mas o campo não lhe interessava. Quando meu velho morreu, tudo desabou. Para minha mãe, não se podia sequer mencionar a ideia de vender a fazenda, logo lhe deu a paralisia e até aí chegou o noivado da Felícia – disse com tristeza, com uma fraqueza inesperada em uma mulher tão forte.

Apertou os lábios e sorriu, recolhendo as fotos espalhadas sobre a mesa.

– Felícia, não voltou a vê-lo? – pergunto.

– Sim, muito poucas vezes, mas o vi. Tento não me encontrar com ele, me dói ainda e seguirá doendo. É o destino.

– Felícia, você é uma mulher muito prática. De verdade acredita no destino?

– Eu não acredito em nada, só na natureza, que dá e que tira. Olhe, você não pôde sair hoje daqui, porque o rio não te deixou. E agora ficou sabendo de um montão de coisas que não sabia. Isso é destino?

– Provavelmente, assim como você diz, soa estranho, mas é verdade que não entendo. Uma mulher com teu caráter e vencida com somente um golpe. Você não encontrou outro homem?

– Claro que sim, um montão! – disse humildemente, sem ostentar. Uns por interesse e outros porque gostavam, ou pelas duas coisas juntas. O problema é que já não me apaixonei mais e isso sim não tem remédio. Sou parecida com as *ceibas*. Viu você uma ceiba brotar de novo depois que a arrancam pela raiz? Nem quando a deixam jogada sobre a terra volta a enraizar! Olhe, tomara que você nunca se apaixone assim, é muito cruel depois quando a gente perde. A pessoa fica com um buraco grande lá dentro, logo não há com o que preenchê-lo, tenta, mas é inútil. É como capar o touro, não há volta.

Sinto muita pena e não sei o que dizer a essa mulher melancólica e triste, que não se parece em nada à proprietária de Santa Amélia.

– Felícia, você deixou de usar roupas de mulher para que os homens não prestem atenção em ti?

A pergunta a surpreende. Fica pensativa antes de responder.

– Bom, possivelmente sem querer e porque são mais confortáveis. Você não acha?

Essa resposta me indica que já voltou a ser a outra Felícia, a da couraça. Fica em pé e começa a recolher as fotos, sinal de que acabaram as confissões e fraquezas. – Boa noite e até amanhã.

Vou para minha cama. Por um tempo mais, enquanto chega o sono, esse dilema da *ceiba* repica em minha cabeça. Quando a arrancam pela raiz: brota ou não brota de novo?

Elvira encontra Pilar

– Põe a sela na égua, vou sair – pede Elvira a seu filho.

O jovem afia um facão à sombra do abrigo detrás da casa, detém o movimento e olha surpreso para a mãe:

– Aonde vai a esta hora? Não me avisou.

– Vou à casa da dona Pilar. Tenho que falar com ela. Eu sozinha, você não.

– E você, o que vai falar com essa mulher? Velha, tome cuidado, não procure confusões, tudo anda confuso.

Enfia-se no interior do abrigo e sai com a cadeira de montar ao ombro.

– Espere, que vou buscar a égua.

Elvira, ajudada pelo filho, monta na besta e a toca pela vereda para a estrada que leva direto à fazenda de dona Pilar. Quando chega ao portão, abaixa-se para abri-lo.

– Olha que faz tempo que não vinha por aqui.

Fecha de novo o portão, segura a égua pelas rédeas e põe-se a andar pelo atalho rumo à moradia.

– Aqui não limpam o mato faz muito tempo. Olhe isso, como tem palmeira seca lá em cima, já ninguém mais quer podar as palmeiras, arriscar a vida por quase nada. Me lembro do filho de Gerardo, o coxo, caiu arreventado... pobrezinho, tão jovem! Tomara que a dona não tenha ido para o povoado, porque perco a viagem. Nossa! Que bom!... essa que me faz sinais é dona Pilar, que já me viu.

– Elvira, venha por aqui, não dê a volta – chama a dona de casa.

– Estou indo, dona Pilar, me deixe amarrar a égua à sombra.

Elvira, um pouco intrigada, caminha com sua besta até o arvoredo próximo. Logo volta a encontrar-se com a viúva do senhor Alfonso no terraço em frente.

– Entra – diz –, e passa adiante.

– Se senta – e com um gesto lhe indica que faça a mesma coisa na poltrona mais próxima à sua.

Elvira se coloca, incômoda, na beirada do assento, cruza os pés – que não se vejam os sapatos –; não sabe onde pôr as mãos e decide juntar, apertadas, uma com a outra, sobre as suas coxas – formigam-lhe os nervos no corpo.

– Diga – anima a dona da casa, mas Elvira não responde, não sabe como começar a conversa.

Nisso, entra a mulher com o café. Elvira pega a xícara e deixa o pires na bandeja, Pilar pega o pires com sua xícara. Elvira quase se queima com o café quente, de tão rápido que pegou na xícara, e fica olhando o piso, essas lajotas floridas, de tantas cores. Quantas vezes as limpou naqueles dias quando vinha muita gente?

Pilar já se deu conta de que Elvira jamais começará a conversa, e toma a iniciativa.

– Olhe, Elvira, eu suponho que quer me falar do que andam fazendo essas pessoas do governo, nos tirando tudo, abusando e ameaçando a meio mundo, já sei que estiveram na casa de vocês e com os outros colonos também. Não é assim?

Elvira move a cabeça que sim, que é isso. E começa a falar muito depressa.

– Dona Pilar, a senhora sabe bem que nós somos pessoas honradas e que não vamos nos prestar a lhes causar qualquer dano. Essas pessoas vieram nos ver com uns papéis para assinarmos, para nos entregar a terra que trabalhamos, que dizem que vão nos dar a propriedade e dinheiro para cuidados até a colheita. Dizem que vão voltar e me deixaram os formulários. Meu filho diz que a gente deve ter cuidado, que essas pessoas não acreditam em ninguém.

Elvira fala de uma vez só, com medo de parar.

– Nem meu filho, nem eu assinamos nada, que não queremos o alheio; eu não me esqueço como Ernesto falava de seu pai, de você, que o deixou trabalhar aqui e fazer um rancho para morar; e tudo isso foi respeitado pelo senhor Alfonso, seu marido. Não, eu não tenho má vontade para ser tão ingrata. Mas, diz meu filho que essa gente é diferente e dizem que os donos têm que ser os que trabalhem na terra. Olhe, até disseram que vinham logo medir, para que a gente saiba até onde é nosso. E que já não temos que pagar nada a vocês, porque já não há mais arrendamento. Olhe, dona Pilar, a senhora também foi boa

pessoa com minha família, não me esquece nunca... – e o rosário de palavras segue transbordado:

– Eu queria que a senhora soubesse tudo isto de minha própria boca, e estou um pouco assustada, porque também andam dizendo que vocês ficaram ricos espremendo aos *guajiros* e que chegou o momento de lhes passar a conta por tanto abuso. Dizem muitas coisas ruins, senhora Pilar, e me preocupa o que vamos fazer...

Elvira soltou, vomitou todo esse discurso de uma vez só, sem olhar nos olhos de Pilar, somente as lajotas do piso, tão polidas e parelhinhas. Quando termina, levanta a cabeça, enrola e desenrola suas mãos enquanto olha as de Pilar, tão brancas e finas.

– Já imaginava isso, que por aí andava a coisa – responde a senhora, um pouco ensimesmada.

– Sim, já tinham me contado isso, todas essas barbaridades andam falando, porque tudo está ao contrário. Elvira, não há respeito, até os bêbados jogadores de galos e ladrões de galinhas se atrevem a ameaçar e gozam com a nossa desgraça. Tinha que ver, esses mortos de fome, vagabundos, mulherengos, como vinham para pedir favores a Alfonso...e agora batem no peito e são mais revolucionários que Fidel.

As mãos de dona Pilar tremem de raiva, os olhos ficam mais verdes na palidez de seu rosto. Elvira a observa e é como se estivesse em frente à outra Pilar. Parece enrugada, igual à roupa sem passar, e fala muito diferente, quase não se reconhece a voz dela, antes tão encrespada, sempre ordenando por aqui ou acolá.

A viúva do senhor Alfonso passa mais um tempo enumerando todas as ingratidões que suporta nesses dias, a do sobrinho, nada menos que vestido de verde-oliva igual a esses bandidos. E pensar que o criou aí junto com seus filhos como se fosse um deles, nem de visita veio, agora se incomoda com o parentesco conosco, mas antes se ostentava com isso.

– Ai! Elvira, o mundo está virado do avesso! – diz a frase e fica em um silêncio triste.

– A outra viúva, a do Ernesto, pensa que sonha, como é possível? Capaz que seja ela quem tenha que consolar a pobrezinha da Pilar, que só lhe deixaram não sei quantas *caballerías* de terra com tudo o que tem em cima e as casas e...– a confusão deixa Elvira sem palavras, não sabe o que dizer, e só consegue repetir a pergunta:

– E o que vamos fazer, dona Pilar?

A pergunta retira Pilar de seu ensimesmamento. Recompõe-se, recolhe a brandura do momento anterior e se inclina um pouco mais para frente. Em seus olhos, aparecem as faíscas tradicionais, é quase ela outra vez, nota Elvira.

– Olhe, mulher, paciência, temos que esperar, eles não vão aguentar com isso, já começaram a ter problemas com os americanos, e esses sim não acreditam em ninguém, voltam a meter-se aqui e se acabou a festa. Meus filhos dizem que isso é o de sempre, tiram uns e colocam outros e daqui a pouco estamos na mesma outra vez, a lástima é que, enquanto isso, acontece um desastre. O melhor é ficar tranquilos e esperar. Meus filhos já estão se movendo por Havana com gente influente e vamos ver como andamos. Essas pessoas precisam de nós; não sabem administrar negócios e acreditam que é costurar e cantar. Daqui a pouco eles vão ver.

Elvira escuta a mulher e não se atreve a contradizê-la, nunca o fez, mas de repente lhe parece que não está muito confiante. Pensa: eu acho que a senhora tem uma confusão em sua cabeça e eu não vim aqui a desenrolar isso, porque eu de política e essas coisas, não compreendo nada. O único que me interessa é ficar bem com a família, pelo que possa acontecer, que ninguém sabe. Assim, quando Pilar faz um intervalo na conversa, insiste timidamente:

– Senhora, e nós, o que fazemos?

– Ah! Vocês, pois olhe, meus filhos e eu já falamos disso. Não se preocupem, assinem os papéis, não servirão para nada depois, e se eles lhes derem dinheiro, peguem, porque definitivamente é o mesmo que tiraram de nós, logo nos arrumaremos. E sobre os campos, nem se preocupem, deixem que tudo se perca, assim vão perceber rapidamente o tamanho da confusão em que se meteram. Isto não vai durar muito e em seguida vamos voltar a deixar tudo como um brinco, não se preocupem.

E segue igual de mandona:

– Eu não vou esquecer aos que foram leais com a família, lhe garanto isso, Elvira. Vocês não vão ter problemas.

E toma as mãos da *guajira* e as pressiona com confiança, mas em seguida as separa; à pele fina, suave e delicada da senhora Pilar, dão asco as veias e calos das mãos de Elvira.

A conversa termina e a viúva de Ernesto volta a montar sua égua e vai em direção à sua casa. Na cabeça, leva um redemoinho. Afrouxa as rédeas para que o animal vá ao passo. Elvira pensa, pensa muito. Que estranha a dona Pilar! Estará ficando louca? Parecia outra pessoa. E me chamou para que entrasse no terraço pela frente. Nunca entrávamos por aí, nem para limpá-lo. Por essa parte da casa, só a família e os amigos. Olhe que me sentar em uma poltrona de vime, que nem sabia como fazer, porque, grandes que são, escorregava-me para trás e meus pés ficavam pendurados. Quarenta anos vivendo nessa fazenda, trabalhando nessa casa e pela primeira vez me sento em uma dessas poltronas. Que Deus me perdoe, mas a essa mulher, acontece algo muito estranho, até me tocar nas mãos, isso nem no velório do Ernesto, no momento dos pêsames.

E a ressabiada da jamaicana, essa mulher odiosa e presunçosa, que se achava igual aos donos, trazer-me café em xícara com pires e bandeja! A cadela, vigiando sempre as *guajiras* como se fossem ladras, e vem me trazer o café com essa risadinha hipócrita. Deu-me muita raiva e

por isso deixei o pires na bandeja, de propósito. Quando contar aos meus filhos!...Não vão acreditar, olhe para isso! Assim, que está bem assinar os papéis e pegar dinheiro das pessoas do governo? Isso eu gosto, porque faz falta para nós. Mas, abandonar os campos, não cuidar da fazenda, e essa loucura? Que se encham de inços os poteiros. E o que vão comer as vacas? E nós? Não, o que é isso, não vou dizer nada disso aos rapazes; se Ernesto ressuscita e vê a fazenda perdida, volta a morrer. E me causa um frio na espinha isso que disse de que o dinheiro que emprestam é deles e que devemos pegar, e quando isso se acabar, a gente se arruma. O quê? Vai cobrar depois?

E que está bem deixá-lo perder tudo e que logo a gente coloca outra vez como estava antes? Quem? Meus filhos? Seus filhos?

Elvira toma outra vez as rédeas, bate na égua para que apresse o passo e entra pelo atalho para chegar mais rápido em casa e soltar ao filho mais velho essa cachorrada de ideias que ladram em sua cabeça e a incomodam. Olha para um lado e para o outro da estrada. Já está dentro do seu sítio e não pode evitar a lembrança de seu marido, sempre trabalhando nesses campos, boi acima, boi abaixo, dobrado sobre os sulcos, derrubando árvores, ordenhando vacas na escuridão de um candeeiro. Assim fez tudo isto, por isso morreu jovem, arrebitado de tanto trabalho...e meus filhos, que quase nem à escola puderam ir.

– Nem de Pilar aguento o recado. Que se perca a fazenda; eles comendo e nós com fome. É claro que sim, nem que a gente fosse bobo. E se querem nos dar a terra, por que vou dizer que não? Eu não estou tirando de ninguém, e olhe que bom seria se meus filhos trabalhassem para a família e não tivessem que dar a outro, assim mansinho, o dinheiro suado.

Vamos ver, por que não? Que fique lá Pilar com sua loucura, que se arrume como possa e que continue esperando que isso se acabe, nós vamos continuar no mesmo de sempre: cuidar da terra e trabalhá-la, porque dela vivemos. Para o inferno Pilar!

Já chegou ao pátio de seu sítio. O filho sai para ajudá-la. Curioso, pergunta:

– Como foi com a dona Pilar, mãe?

– A pobre, louca de atar. Já estou tranquila, diz que não se importa que assinemos o formulário, que peguemos o dinheiro que nos derem e que, no máximo, no ano que vem, isso já se acabou. Vou tomar um pouco de água, desencilhe a égua e solte no potreiro, que vem cansada.

Não disse mais nada.

*Pois a riqueza e o poder castigam a quem se atreve,
e o entendimento não, pois enquanto é maior,
é mais modesto e sofrido e se defende menos.*

Irmã Juana Inés de la Cruz

Ana, a de Barrancas

Grávida de seis meses, vestida de verde-oliva, com patente de tenente e ar de mulher dura, Ana entrava no escritório como proprietária, punha-se diante de qualquer empregado e começava a retirar papéis da pasta, que não soltava nunca. Os tipos raposas do escritório escorregavam, incomodados com essa mulher de língua pesada, discutidora e chata, que falava com os homens de igual a igual. Com ela, não valiam vozeirões nem alardes fanfarrões, ao contrário, parecia desfrutá-los, porque nesses lances crescia e transbordava em uma inundação de insultos e ameaças, que paralisava ao mais robusto daqueles atrevidos.

Muito, em muito curto prazo, todos se convenceram de que Ana jamais se dava por vencida. Discutir com ela era verdadeiramente tempo

perdido. Aos mais insistentes, liquidava-os com um “vá se danar” e a ameaça de “vou ver Fulano”. O caso é que, talvez sendo pelo nome do Fulano ou por esgotamento, quando Ana voltava, nesse dia ou em qualquer outro, já tínhamos instruções de não rejeitar nada dela e tirá-la rápido do escritório.

Essa mulher não dava trégua! Era incansável. Quase todos os dias, aparecia, uma gestão atrás de outra. Tanto trazia doentes ao hospital, como uma viúva reivindicando pensão. Discutia cada centavo de seus *guajiros* – assim os chamava – como se todos quisessem roubá-los. Nas reuniões daqueles dias – com certeza, bem frequentes –, Ana falava e falava, concentrada e com raiva, acusando de indiferentes e outras coisas piores a quem demorava a fazer a aplicação das medidas revolucionárias. Via inimigos encobertos por toda parte e, segundo ela, merecia pendurar a muitos deles, fuzilá-los não, porque era uma pena gastar balas, escassas que andavam.

Nenhum dos homens que lideravam as associações camponesas de base naquele momento podia superar em dinamismo e energia aquela barriguda incansável e briguenta. Ana era a presidente da Associação de Camponeses de Barrancas e a única mulher com semelhante liderança em toda a região. Mesmo com seu difícil caráter, e mesmo que às vezes nos apertasse com sua rispidez, as pessoas simpatizavam com essa mulher valente e rebelde, tão rejeitada e tão livre que não dava a mínima para o que pensavam dela.

Ana pisava em terreno escorregadio. Esses homens, aparentemente rendidos, só esperavam motivo e ocasião para lhe fazer pagar o atrevimento de achar-se igual a eles e entrar em seu mundo sem pedir permissão. Nessa briga solitária e desesperada, tinha chances de perder. O momento da prestação de contas chegou quando ela menos esperava e por seu lado mais vulnerável.

Dedicava-se a organizar e reorganizar as associações camponesas. Foram vê-la na sua casa, em Barrancas, terra tão dura e ressecada como a mesma Ana, uma planície extensa e aberta batida por rajadas de vento

persistentes, cruzada por caminhos ardentes e castigada todo o ano por um sol raivoso sobre os canaviais e os milharais. Isso era Barrancas, garapa e farinha de milho, colheita de cana-de-açúcar e tempo morto. Um casario pobre a ambos os lados da via do trem *cañero*¹⁷ com sua grua de pesagem à entrada do armazém.

Perguntaram por Ana na estação, onde também mora o telegrafista.

– Sim, claro, Ana. Quem não conhece a Ana, em Barrancas? – e do mesmo guichê indica o caminho.

A casa é uma moradia de madeira com o portal faltando terminar, a porta dianteira fechada; os visitantes chamam a gritos e ninguém responde, vão direto ao pátio através de um beco que comunica o portal com a cozinha; entre um e outra, dois tanques de ferro, grandes e oxidados, servem como depósitos para a água que, pelas calhas, escorre do teto de zinco...em dias de chuva.

No pátio, também não há ninguém e quase nada, só uns velhos tamboretos de couro descascado e áspero que parecem não ter mudado de lugar por anos. A escassa sombra provém de um par de pés de *guásima*¹⁸ e de um coqueiro velho com a copa cortada. São três da tarde e o sol furioso atravessa sem muita resistência a escassa folhagem, castigando o lombo da porca amarrada ao tronco de uma das *guásimas*.

Os primeiros a chegar são os meninos, descalços e curiosos. A mais velha é uma menina de uns dez ou onze anos, que carrega um pequenino louro completamente nu. O marido de Ana chega atrás, cumprimenta e conta que vem do campo próximo, onde lhe avisaram da chegada. Domingo, que assim se chama, é um homem forte, de rosto largo e quadrado, corte ilhéu. Dá a todos sua mão áspera e terrosa.

.....

17 NT: Trem adaptado para levar cana-de-açúcar aos locais de moagem.

18 NT: Árvore baixa da família das Malvaceae, comum nos poteiros para dar sombra aos animais (*Guazuma ulmifolia*).

– Perdoem a cara, mas estava no vale, vou me jogar um pouco de água em cima e em seguida volto, ainda é cedo e enquanto isso mando avisar as pessoas. Ana está vindo, já lhe avisaram – diz tudo muito depressa e parte para a casa.

Em pouco tempo, há movimento no fundo do pátio, aparece Ana abrindo uma porteira rústica de arames, que deixa cair sem preocupar-se em fechar. Vem acompanhada de vários homens, um deles fica atrás, recolhe os arames e fecha novamente a passagem.

Como é seu costume, anda carregada com sua bolsa de couro, cumprimenta de uma só vez ao grupo, nada pessoal, gira o olhar procurando o tamborete mais próximo para sentar-se junto a nós. Os outros, um pouco afastados, ficam esperando algum sinal, finalmente se acomodam onde podem. Parece que a conversa vai começar sem esperar o marido e que Ana não vai convidar para entrar na casa. O grupo permanece silencioso. Há relutância e tensão no ar, parece que todos sabem por que estão ali reunidos, mas ninguém quer ser o primeiro. O dirigente municipal dos camponeses toma a palavra e fala devagar, medindo o terreno como quem entra em um terremoto.

– Ana, o que me diz do que a gente conversou?

Ela não responde em seguida. Olha longe e fica avermelhada, possivelmente contendo o gênio.

– Olhe, menino, você me conhece faz um montão de anos e sabe que não faço hora com as coisas. Não me convence a ideia. Nós estamos muito bem como estamos. Esta é a nossa base camponesa, organizamos com os mesmos que estiveram brigando contra a ditadura e não entendo porque, agora, vamos ter que nos aproximar de outras pessoas. Isso eu não engulo, somos pessoas do 26, *fidelistas*¹⁹; não queremos e nem temos nada a ver com outras histórias. – Estamos bem

.....

19 NT: Partidários de Fidel Castro.

como estamos – insiste Ana com força. – Que te digam isso aqui os companheiros da direção.

Esse final está dirigido aos homens que chegaram com ela, mas nenhum deles se atreve a emitir uma opinião – impossível saber se estão ou não de acordo. Além disso, o tom com que a mulher lhes fala é definitivo, é mais uma ordem de “atrevam-se a me contradizer e vocês vão ver”. Termina o aguaceiro, mas não a pressão.

Roberto, que assim se chama o homem que dialoga com Ana, rabisca figuras no pó com um raminho seco. Devagar levanta a cabeça e olha os outros homens. Espera suas respostas, que não chegam. Ninguém fala, nem concordam, nem negam; nem um gesto. Dissimulam e observam de soslaio a Ana. É certeza que não vão contrariá-la, mas também não ficarão do seu lado.

Roberto volta para a carga. Agora se dirige a todos.

– Companheiros, a guerrilha terminou, já não estamos levantados. Este é outro tempo, não somos clandestinos, não podemos seguir em grupinhos cada um por seu lado. Fizemos juntos a revolução e juntos temos que defendê-la. Ou nos comem inteiros. Que diferença há entre vocês e o *guajiro* ao lado? O que tem que eles não são do 26? E o quê? Quantos brigaram e morreram nesta guerra sem ser do 26?

Ana começa a mover-se inquieta. Percebe-se de longe que lhe incomoda o discurso de Roberto, que fala com todos, não só a ela. Mexe-se no tamborete e, por fim, salta com as mãos muito abertas pra frente.

– Olhe, menino, vou te dizer...parece que não me entende, e você não é estúpido. Aqui não queremos nada com essas pessoas de Santiago, os da Frank País de Pepe Ramírez, esses são comunistas e não vamos nos unir a eles. Somos *fidelistas*, te repito e a nossa associação se organizou em plena guerra e eu não vou entregá-la assim facilmente nas mãos dos comunistas. Eles lá e nós aqui, está claro?

– Não, Ana, não está nada claro – responde sério o homem.

A terra vai tremer.

Por sorte, chega Domingo – o marido de Ana – de camiseta e de banho tomado recente, ainda descalço. Encosta-se em um tronco de ameixeira seca, com gesto de que “nesta bronca eu não me meto”, mas sua dissimulação é evidência de que sim, de que se mete. Roberto aproveita para continuar:

– Tomara que fosse assim tão simples como você pensa.

E complementa depois de olhá-la com firmeza:

– Virão tempos difíceis, você acredita que tudo já terminou, pois você está enganada. Nesta mesma zona, há pessoas trabalhando para nos fazer brigar. Você sabe bem quem são e nem sonhe que vão ficar tranquilos, vendo como nós lhes retiramos as terras, os negócios, a boa vida que sempre tiveram às custas dos de baixo. Você não sabe?

– Eu não tenho medo de nenhum desses. Nem quando tinham os guardas; assim, como agora, muito menos – informa a mulher. – O que eu não aceito é que agora nos devam igualar aos que ficaram tranquilinhos, meio escondidos, perdidos por aí sem mostrar a cara, enquanto nós arriscávamos tudo – e recalca com violência –, *tudo*, Roberto, família, trabalho, a vida; tá ouvindo?; a vida! E que agora venham achando que aqui não aconteceu nada, que somos todos parecidos. Caramba, Roberto, nem pensar!

Ana solta a fanfarronada para impressionar, mas não consegue. Olha ao redor, para seus companheiros, como procurando apoio, e o único que encontra, no círculo de homens escorregadios com os olhos fixos nas mãos torcidas, é silêncio. Roberto começa a falar novamente com um tom mais suave. – Eu só quero que façamos algumas reuniões juntos, que venham todos e vamos ver se formamos uma só associação de camponeses neste lugar. Não importa se a pessoa é comunista e o outro, como diz você, fidelista ou do 26, se alguém disparou tiros e outro se

escondia. É necessário uma união e vamos vendo no caminho quem é quem. Mas isto deve ser decidido entre todos, Ana, entre todos! – e enfatiza o *todos*.

Ela entende a indireta e responde azeda e veloz.

– Eu não estou de acordo, mas também não vou me alterar outra vez. Contra Fidel ninguém me põe. Se querem unir-se, que se unam. Lá, eles e vocês; agora, isso sim: comigo não contem!

Ana reage a seu modo, levanta-se do tamborete meio manco com tal violência que o atira por terra, recolhe a bolsa do chão e, sem mais, mete-se na casa seguida pela turma de meninos assustados.

Roberto não quer insistir, parece-lhe que já é suficiente no momento. Fica em pé e com outros inicia a retirada. A porca atada ao tronco da *guásima* reclama para que a soltem, mas ninguém lhe dá atenção.

Já no caminho, em frente a casa, Roberto e Domingo conversam, um pouco separados do portal. Certamente suspeitam que a mulher escuta por trás da porta fechada.

– Eu te disse que ela não ia aceitar – diz o marido de Ana. – Conheço-a bem. É teimosa como um burro.

– Todas são iguais, Domingo – sorri Roberto.

O outro também sorri. – Claro, claro – e se despedem com um apertão de mãos.

Esses dois se entenderam bem e o encerramento ficou perfeito. Os outros, os que olhavam as unhas, também estavam comprometidos, por isso a deixaram sozinha e enredada no matagal de seu temperamento e de seus instintos.

Rápido e fácil a tiraram do jogo. Não lhe deram tempo nem para aprender as regras!

Ana, mulher, anticomunista sem saber que coisa é o comunismo, mandona e sabida, pois, o que ela pensava? Com sua intenção de parecer-se com os homens para mandá-los como se fosse um deles. Não, Ana, você errou de caminho, nem teu marido te segue. Acabou-se a guerra, volta ao que é teu: à cama, a parir, à fuligem dos caldeirões, a descascar mandioca e a debulhar espigas de milho.

Anita, você se apressou muito, caiu na armadilha.

Na semana seguinte, reuniu-se a assembleia de camponeses, todos juntos, fidelistas e os outros. Domingo, combatente revolucionário e lutador de antigamente, bom marido e pai de família, foi proposto e eleito presidente. A votação foi unânime, todos os homens levantaram suas mãos...e as mulheres também.

*Não foi à escola, nunca teve livros,
mas aprendeu no sol a persistência.
O camponês é uma força bruta.
A força inteligente o desata.*

Rubén Martínez Villena

A festa de Trocones e a havaneira do vestido vermelho

Previsto e decidido. Assim que a estrada nova chegasse a Trocones, haveria uma grande festa popular no bairro, o mais provável na aldeia principal, onde há umas vinte casas ao redor da loja de mantimentos e do armazém do INRA, também depósito de grãos.

Quando o aterro chegou a quilômetro e meio do armazém, começaram os preparativos da grande celebração, porque tinha de ser em grande estilo. Como grande era o sucesso histórico de contar com uma estrada de verdade, aspiração suprema para várias gerações de troconeiros

que suspiraram e lutaram por todos os meios possíveis, incluindo uma ameaça de motim, lá pelos anos quarenta, em frente à Prefeitura de Palma. Nada obtiveram, entretanto, e isso que nem era muito o que queriam, só pediam um caminho vicinal para sair da estrada sem ter de romper as patas – homens e cavalos – pelos despenhadeiros de poteiros e canaviais. E não é que Trocones estivesse tão longe, o problema é que ali somente viviam *guajiros* pobres e a quem ia interessar gastar dinheiro em uma estrada para mortos de fome?

O último lance foi glorioso, dia e noite os tratores empurrando terra, caminhões atiram que atiram pedras e rochas e logo o rolo compressor sobre o recheio. Peito com peito, todo o bairro em combate, mulheres a cozinhar, moços a carregar e repartir água, homens a dar marretadas, até os velhos faziam a sua parte para não estar sem fazer nada em meio daquele turbilhão de gente, pó e pedra. E logo, pelas noites, vigiar, porque esses brutamontes da contrarrevolução podem nos queimar as máquinas e ferrar com a estrada. Tudo bem organizado, porque para isso estava ali a diretiva da flamejante e aguerrida associação de camponeses de Trocones, liderada pelo Tenente René, descendente da velha estirpe de troconeiros nativos, guerrilheiro rebelde e charmoso da tropa da Terceira Frente, ainda com sua pistola e cartucheira presa à faixa, e seu povo, leal e atento a seus saberes e mandatos.

Anunciada a execução da obra, foi escolhida a data de sábado para as comemorações. Começariam ao meio dia – impossível prognosticar o término – e teria de tudo: corridas de cavalos, corridas *de cintas*²⁰, pau de sebo, música, dança, comidas, bebidas...e, é obvio, uma parte séria com discursos, etcétera. Cada vez que vinha alguém de Trocones ao escritório, ficava tenso com os anúncios e os detalhes dos preparativos; a espera aumentava e se faziam os cálculos para ver em quantos íamos

.....

20 NT: Esporte equestre muito popular nas zonas rurais. Os cavaleiros correm com seus cavalos, carregando uma pequena vara na mão, e competem para atingir uma fita pendurada de uma corda a determinada distância. O ganhador é o que consegue levar a fita com a sua vara, o que não é fácil, exige habilidade, boa visão e bom cavalo.

e como nos transportávamos. No grupo, incluímos convidados, entre eles as pessoas do escritório nacional que por esses dias trabalhavam conosco como parte de uma equipe de supervisão. Decidido que as mulheres iriam na caminhonete e os homens nos jipes, só restava esperar o já célebre sábado destinado a registrar-se na memória histórica do bairro como o maior folguedo jamais celebrado.

O dia começou com encanto, céu claro, sol puro e limpo, fresco o ar de novembro. Depois do almoço, juntamo-nos e bem apertados nos carros saímos para o que seria uma tarde e noite memorável. O aterro era uma joia branca, esticada e apertada da estrada de Palmarito até o centro mesmo do povoado; nossos carros ronronavam, saboreando aquele luxo de estrada por onde tantas vezes perderam uma e outra peça, de buraco em buraco, ou se entupiram na lama até os eixos, no meio de um temporal.

Pouco a pouco foram aparecendo as primeiras pencas de palmeira real atadas às cercas, grande faixa de *bem-vindos* – “*vindos*” escrito com *b*²¹ –, e seguindo a pista da gritaria próxima, já estávamos no meio da *verbena*²², antes do entardecer. Paramos frente à casa do René, saudações e primeiro gole de rum briguento, cru e direto da destilaria ao pulmão.

Houve calma por um par de horas. A multidão estava em suas casas, refrescando-se e trocando de roupas, e quando o sol se despedia, mas ainda claro, começou o ato sério na pracinha. Falaram todos os que quiseram, mas o melhor foi o pai do René e de nove filhos mais, todos com a mesma mãe. Ficou em pé em frente àquele montão de gente, exercitou a sua memória de setenta anos vividos ali mesmo, aos quase cinquenta que levava com *esta* – levantou o braço à mulher de pé a seu

.....

21 NT: Em castelhano as letras B e V têm som parecido e são facilmente confundidas pelas pessoas com pouca escolaridade.

22 NT: Festa popular, de rua, comum nas zonas rurais.

lado – e soltou em desafio tudo o que veio à mente, enquanto ela – gorda e feliz – ouvia-o, encantada, falar do passado compartilhado.

E o velho terminou, breve, curto e grosso, porque ele não era homem de muito falar, nem de palavras rebuscadas:

– Nem sonhem, *carajo*²³! Essa estrada se abriu e nunca mais se fechará!

O público grita e aplaude, arrebatando o contundente final. O pai de René, ainda tremendo de coragem, dá o braço à sua velha e se afasta, para que outros falem.

Terminado o turno dos discursos, os de confiança, junto com os forasteiros convidados, passamos por uma discreta discussão em um arvoredo próximo, onde nos espera uma longa mesa vestida com folhas de bananeira, como toalha de mesa; em cima, o porco assado cortado em pedaços, à parte os torresmos para os que gostam, mandiocas ensopadas em molho crioulo de alho e laranja azeda, torradas de banana verde como se cozinham por aqui, durinhas por fora e moles por dentro e, certamente, o que não pode faltar, *congrí oriental*²⁴. Em uma mesa menor, as sobremesas de conservas de frutas. As garrafas de rum passam de um lado a outro de ambas as mesas, aos montes, uma atrás da outra, os comensais vão perdendo a compostura inicial, o tom de vozes aumenta conforme diminui o rum.

Os forasteiros atacam com violência as massas, os havaneiros não conhecem o *cazabe*²⁵ de mandioca ralada, que se come como se fosse pão, na cozinha *guajira* desse oriente cubano. Os de casa lhes ensinam:

– Olhe que primeiro terá que umedecê-lo, porque seco não há quem o engula, coloque as carnes assim no meio, envolva e mastigue que isso é a glória, se quiser coloque um pouquinho de pimenta dessa

.....

23 NT: Expressão comum, de baixo calão; *caralho*.

24 NT: Arroz cozido com feijão.

25 NT: Uma espécie de torta preparada com mandioca ralada, semelhante à tapioca ou beiju do Norte e Nordeste brasileiros.

da garrafinha verde, mas cuidado que é uma pimentinha ”*de la puta madre*”.

Para um dos quem vem da capital, isso de “*la puta madre*” lhe soa pesado, mas ri e agarra o pacote de *cazabe*, prova-o e faz de conta que gosta; assim que o outro, o que lhe explicou, sai, disfarçadamente desembrulha o pacote, esconde o *cazabe* debaixo de uma folha de banana e joga o recheio de carne com torresmo e tudo, como tem de ser. Logo, a mesa fica limpa; sobre as folhas de banana, somente ossos de costelas, paletas e pernis, nenhuma fonte de alimento ficou ílesa; da pilha de *cazabe* úmido, sobram duas tortas, e isso porque os havaneiros não gostaram, porque senão...

Chega a noite e chegam os músicos montados em um caminhão de cana.

A pista de dança improvisada em uma parcela da pracinha está coberta por um trançado de arbustos de bambu e pencas de *guano*, os postes de pinhão florido sustentam a ramagem, tudo muito decorado com ramalhetes de sarças vermelhas e amarelas; pelos cantos, os bancos de pranchas de palmeira e alguns tamboretas para as solteironas e os velhos. Em um extremo, penduraram tábuas compridas bem coladas para que os músicos se acomodem. O piso de terra, calcado com água e cinzas, duro como cimento, suave para mover saboroso o esqueleto dos pés para cima. Em cada esquina, lamparinas a carvão esperando seu momento para acender à noite, a farra não será suspensa por escuridão.

E o baile começou. O conjunto musical arrancou com uma canção *guajira* para esquentar, as maracas suavezinho marcando o passo com a marimba, o cantor – de *guayabera* branca –, uma amêndoa são seus olhos achinesados, entra, romanticamente e um pouco desafinado, ao vale prateado de lua pelo atalho de seus amores. A essas alturas, está cheio de gente e continuam chegando. Cada qual se vira para encontrar parceiro e atirar-se à arena; os forasteiros – homens e mulheres – começam sem acanhamento, e aos poucos os aldeãos, aliviados da pena

de serem os primeiros, lançam-se a fundo nos melancólicos vaivéns da mãozinha branca que diz adeus.

Se não tivesse sido por esse costume de ceder a parceira, a festa de Trocones teria sido uma maravilha, mas isso de compartilhar a mulher enquanto se dança traz seus problemas, especialmente quando correu tanto rum garganta abaixo. E vamos, que esse vestido vermelho, com as costas de fora, que usou a havaneira para vir à festa, era complicado. Passadas as dez da noite, todos os dançarinos ativos tinham deixado suas impressões digitais bem marcadas naquele pedaço de corpo descoberto, branquíssimo, brilhante de suor depois de tanto *son* e tanta *guaracha*²⁶ seguida. Até o cantor dos olhos achinesados aproveitou as danças sem graça para deixar memória tateante, na apertadeira generalizada, naquela porção de espinhaço da moça do vestido vermelho.

O ambiente começou a complicar-se quando um dos dançarinos da vez se negou a ceder a sua havaneira em pleno apertão. “Que não, que não, que não entrego” e o outro insistindo “é a minha vez”, e nisso a mulher para de dançar e encara o solicitante:

– Olhe, eu danço com quem *me der vontade*.

E o outro vai embora, mas diz baixinho:

– Não se preocupe, vai ter troco.

O incidente, por razões óbvias, levou o escolhido a iludir-se em outros pensamentos, devido aos quais, no próximo bolero, seguiu dançando com a mesma parceira, mas um pouco mais apertado. A mão direita trocou de lugar e foi procurar a esquerda, agarrando-a pelas costas, e um pouco depois desceu pela cintura, e depois seguiu caminho à nádega direita, pudim de leite palpitante debaixo do tecido vermelho.

.....

26 NT: son e guaracha, ritmos cubanos típicos para dançar.

E aos poucos, a moça se afasta, levanta o braço e dá um bofetão no acalorado, que, perdido o equilíbrio, cai sobre os casais vizinhos, arrastando três ou quatro mais em sua queda ao chão. Inenarrável a confusão. Os empurrados, surpreendidos e sem saber o que acontece, por sua vez empurram e começa a primeira confusão, e a segunda, e alguém grita: “Corram!”. Mulheres gritando, músicos correndo para o seu caminhão e nós recolhendo havaneiros e “vamos para a caminhonete”. Nisso, chega René, furioso, saca a pistola, dispara três ou quatro tiros para o ar, grita a todo pulmão, insultando meio mundo e usando palavras fortes e mais fortes a partir da primeira pergunta:

– Que merda é esta?

Ninguém responde, mas a tropa se detém.

A calma retorna, as pessoas se agrupam novamente. Os músicos descem do caminhão, outra vez se acomodam sobre as tábuas e começam a tocar uma *guaracha* um pouco anêmica. Agora há menos dançarinos e menos solteironas nos bancos, mas continua a vontade de dançar, e em pouco tempo aquilo treme com o trompete que se ouve a uma légua de distância, na peça principal do grupo, essa que convoca a dançar no bananal de Bartolo.

Nosso grupo, esperando ao pé da caminhonete, discute se vamos ou ficamos. Nisso, chega René apressado nos procurando – a pistola devolvida à sua cartucheira.

– Não, vocês não vão embora, não me deixem preocupado, que isto é um problema político. Não me façam isso, que me desmoralizo. O que acontece, estão com medo?

A reprimenda é um desafio e o grupo inteiro se sente responsável; por algo, somos quem somos. Mas na verdade, verdade, não fica muito claro isso de que toda a confusão que aconteceu tenha algo a ver com a política. Uma das mulheres – sempre as mulheres – pergunta ao René como entender isso.

– Olhe, companheira – e René assume voz e gesto de dirigente, que, afinal, ele é –, a maioria destas pessoas eram analfabetas até quase ontem, alguns usaram sapatos pela primeira vez quando já andavam se apaixonando, passavam fome, e escola nem pensar.

– Dá para perceber o incômodo no tom de voz.

– Agora, que aprenderam a ler e escrever, que têm terra e trabalho, que a revolução os fez virar gente, vão seguir na bebedeira e na selvageria? De jeito nenhum. Aprendam a viver com decência, *carajo*, ou deixo de me chamar René. É ou não é um problema ideológico?

E a ira novamente turva o olhar do homem.

Entre o enjoo do susto e os vapores do álcool, fica uma fresta de lucidez para entender que o homem fala a verdade e tem a cabeça clara e o coração valente. Retornamos ao baile, porque devido a esse problema ideológico, temos de ser corajosos, meter o peito.

E perto da meia-noite, já estávamos colocando não só o peito, mas também todo o corpo, porque a bagunça se repetiu crescida e aumentada.

A ramagem veio abaixo estrondosamente, os postes das esquinas caíram arrastando tudo, incluídos as lamparinas a carvão, a vela prendeu nas pencas de *guano* seco faiscando e iluminando a pracinha como fogos de artifício. As pessoas saíam como podiam da confusão, aquilo era uma loucura, de repente os gritos de “encilhem os cavalos!”, “que encilhem os cavalos!”. Em pouco tempo, trazem para as pobres bestas assustadas, ainda com as cordas amarradas às selas, as mesmas cordas que alguém atou aos postes das esquinas, logo espantaram as bestas e tudo veio abaixo.

Até aí chegou a festa em celebração da estrada, como, aliás, tinham mesmo acabado, depois de uma boa bronca – conforme lembra a memória viva – todos os genuínos arrasta-pés troconeiros.

Depois da fogueira e da correria, reagrupamo-nos em frente à casa do pai do René. Fuligem e pó em cima, parecemos fantasmas no meio da noite escura. Valha a lua cheia para nos ver as caras; sobreviventes da confusão, assustados e cansados, mas firmes junto ao companheiro presidente, antes mortos que desprestigiados.

Nisso, chega o velho patriarca e nos diz tranquilamente:

– Já deve estar pronto o caldo de galinha, vamos para a casa.

– O caldo de galinha é uma sopa substanciosa, condimentada, quente, que pouco a pouco nos devolve o ânimo. Quando volta René, já estamos recompostos e a conversar sobre isso e aquilo. A conversa começa séria, mas depois, ao *guajiro*, às farras e à embromadeira.

O havaneiro de mais idade diz a René, com vontade de provocá-lo, que seu problema político é sério. René não se deixa provocar e diz ao provocador:

– Olhe, *compay*, isto é uma questão de paciência e tempo. Você não prestou atenção que a noite escurece mais quando vai madruguar? Olhe que escuridão, é mais negro que à meia-noite e já temos o dia em cima. Você não observou isso? – repete.

– Pois olhe que tem razão – responde-lhe o provocador e olha para fora, para o campo, onde, entre as sombras espessas, clareia um resplendor muito fraco.

René se levanta do tamborete e pergunta ao pai:

– Ouça velho, não sobrou uma garrafa por aí?

– Vamos embora.

A neblina sobe turva do orvalho matinal, anunciando calor e sol forte para o dia. Alguém ri e outro pergunta: “De quê?”

– Disso, do problema político, do que disse René.

A dançarina causadora dos acontecimentos confessa que ela não conseguiu entender a relação ideológica entre aquela confusão e a política.

– Olhe, mulher, deixa isso, que o problema ideológico de René começou com seu vestido vermelho – lembrou um dos sentados atrás.

– Não me diga, e a esse tipo, quem lhe mandou passar a mão na minha bunda? – fala a moça.

Primeiro o silêncio, e risadas depois. A garrafa circula e uma voz inspirada chama para que olhem que lindo é o canavial a esta hora. E dispara uma música, com mais emoção que rima.

O chofer começa a cantar:

– A Palma Soriano eu não volto mais, a procurar mulheres pela madrugada, a Palma Soriano, eu não volto mais.

O magro do fundo diz:

– Se esse Renezinho tem a ideia de me convidar a outra festa em Trocones, mando ele à...

A moça havaneira, que foi ao baile vestida de vermelho e com as costas de fora, interrompe o magro do fundo:

– Não fale besteira, ossinho, você vem e nós também.

Lina, a do Chano

A gritaria se ouvia da curva do caminho. Ao nos aproximar da casa, vemos o turbilhão de mulheres, galinhas e moços em plena caçada. Um galo avermelhado corre e voa desesperado, presentindo a desgraça no galinheiro, esforço em vão, porque a mulher que corre atrás da mais suculenta de suas fêmeas já a alcançou e ambas se derrubam na terra, uma tratando de soltar a pata que está sendo segurada e a outra disposta a arrancar-lhe, mas não, a soltá-la. A insistência não se prolonga muito, parece que haverá *fricassé* de galinha crioula no almoço. O alvoroço se aplaca, o galo faz “cocoricó” muito triste e o resto das aves, calmas, voltam não só a ciscar, mas também a seus ninhos.

A mulher – já de pé – sacode o pó e os galhos de mato presos na sua roupa. A ave capturada bate as asas em suas mãos.

– Caramba, que luta com este animal! – aproxima-se dos recém-chegados e nos convida a entrar.

– Entrem, sentem-se, estejam como em sua casa.

Um pouco depois, chega Chano, o dono da casa, e começa o bate-papo de homens, enquanto nós mulheres escutamos. Cansa e entedia o bate-papo machista tantas vezes repetido. Por sorte, aí vem a nora de Chano com uma bandeja de xícaras de café. E a mulher de Chano atrás com uma jarra pequena de esmalte branco na mão.

A jovem da bandeja distribui a todos, menos ao dono da casa, que espera – tranquilo e acostumado – que chegue sua mulher com a jarrinha esmaltada, a sua. Lina, que assim a apelidam, põe a vasilha em sua mão e fica ao seu lado – tranquila e acostumada –, esperando que o marido termine de engolir gole a gole a infusão.

– Nega, traz tabaco – pede-lhe o homem.

E lá dispara a mulher a procurar os tabacos, retorna com um maço e oferece a todos muito contente de lhes servir. Chano agarra o seu por uma ponta, remói-o, cospe, acende-o e começa a soltar a fumaça azulada do seu charuto *de ramo fino*, de primeira.

Diz a Lina que não leve o maço.

– Deixa aí, pela dúvida.

Ela o deixa sobre a mesa próxima e desaparece, com a jarrinha de esmalte branco na mão e o mesmo sorriso feliz, pela porta larga que dá para o quintal dos fundos.

Bastante cansada de ouvir as mesmas histórias dos homens, separo-me do grupo e vou em busca das vozes e risadas que saem do fundo, onde limpam a galinha preta. Uma mulher a segura pelo pescoço quebrado, afunda-a por momentos na lata de água quente e a depena pouco a pouco, enquanto uns garotos colocam as mãos com grande estardalhaço para arrancar alguma pena.

Entro na cozinha e me aproximo da proprietária da casa, que se ocupa de descascar bananas verdes.

– Você é Lina, a esposa de Chano, verdade? – pergunto. E me sento no mesmo banco ao lado de outra mulher que limpa uma pilha de arroz.

A cozinha é ampla, cômoda, bem provida, tudo limpo, limpíssimo. Essa não é cozinha de casa pobre, mas sim de mulheres trabalhadoras.

– Que linda sua cozinha, companheira!

Ela se abre, lisonjeada, em um sorriso grande e satisfeito. De soslaio, passa em revista o local, para assegurar-se de que o elogio é merecido. Há algumas penas no chão e ela reclama com a mulher mais velha – rodeada de crianças, que prestem atenção, que estão sujando o piso.

– Eu disse que fossem para o pátio, mas são cabeças duras, igual à avó.

A anciã segue como se não ouvisse e Lina encolhe os ombros e ri. O que vamos fazer! Os velhos e as crianças andam sempre juntos nas maldades.

Para fazer algo, ajudo a descascar bananas depois de deixar as mãos de molho em suco de limão, senão as manchas duram dias. Lina me conta da família. A moça é a esposa de seu filho mais novo, que vive com ela. Casaram-se no ano passado e vão ter seu primeiro filho, que não é o primeiro neto, porque o mais velho já tem dois. Esse não vive com eles, tem sua casa não muito longe, no mesmo bairro.

– Talvez o conheça, porque ele também anda enrolado em todas essas confusões políticas com vocês. Nós somos daqui, digo minha família, todos nascidos e criados neste mesmo lugar. Meu marido também é desta volta, embora um pouco mais longe. Somos meio parentes, mas distantes, eu ainda não tinha quinze, quando ele me roubou de casa. Bom, na verdade... – e outra vez começa a rir.

– Não me roubou, fui com ele. Por pouco não nos matam, mas nada, casamo-nos, e olhe! uma vida.

Lina fala, corta as cascas, dá fumadas longas no charuto forte, que põe e tira no cinzeiro em frente a ela. De vez em quando, faz-me alguma pergunta para saber quem sou e de onde venho. Escuta-me atenta, soltando fumaça e alegra-se em conversar.

– Se quiser mais café, não se acanhe. Isso é o que mais temos.

Da história da fuga com o Chano, eu gosto e a trago de novo à conversa.

Ela também sente prazer em contá-la, principalmente essa parte da corrida louca pelos poteiros, o cabelo solto, aterrada, desbocada sua égua atrás do cavalo de Chano.

Ela ri a gargalhadas (nós também) quando chega essa parte da história, em que Chano para o cavalo em frente à casa de um primo, bate à porta, e quando aparecem, diz quase sem fôlego que lhe cuidem da égua e da moça, que dentro de uns dias vem buscar. Não espera resposta: salta no cavalo e se perde em plena savana. E não voltaram a se ver até o momento do casamento apressado, uns dias depois.

– Não teve medo de que te deixasse ali plantada? – pergunto.

– Não, homem! Quem tinha medo era ele, que se o agarram meus irmãos, então, sim, que não poderia mais casar, porque não teria tido “com o quê”.

E ri desatada que dá gosto, enquanto corta as bananas verdes que caem em pedaços na vasilha com água salgada, porque assim é o costume antes de fritar... – As melhores tostadas que você comeu em sua vida, criatura!

Na verdade, foi ela quem roubou o noivo, que, convertido em marido, tirou-lhe, pedaço a pedaço, a identidade e até os sobrenomes, porque desde que Orfelina montou na égua branca e correu atrás de seu eleito, é chamada e tratada como Lina, a do Chano, coisa que a ela, definitivamente, parece não incomodar em absoluto, justamente o contrário.

O bate-papo é interrompido por uma menina mais velha, que se aproxima e diz à dona Lina que seu marido pede uma garrafa de rum. Ela se levanta imediatamente, seca suas mãos em um pano e vai para a despensa. A nora também se levanta, começa a tirar os copos e a bandeja da cristaleira. O ritual de serviço se cumpre sem precisar de palavras.

Quando fico sozinha com a avó na cozinha, pergunto-lhe quantos netos tem e ela me diz que deve estar em dez, além de quatro bisnetos e o que está a caminho, que seriam cinco.

– E quantos filhos você pariu, minha velha?

– Três, mas só viveu um, Chano, os outros dois perdi, uma mulher nasceu morta e o homem, aos nove anos, teve umas febres malignas.

Essa história me deixa perplexa. A conta não me sai. A avó, quer dizer, a mãe de Chano, ficou com um só filho, que à sua vez tem dois filhos, os quais têm dois filhos cada um e há outro a caminho. Ou a avó não anda bem da cabeça, ou não sabe somar os netos, ou aqui acontece algo estranho.

Chano não é pobre nem estúpido. Está muito bem com seu negócio, administra as posses, vive em boa casa, com cavalos finos e mulheres servis. É todo um personagem na zona, bastante influente, por certo, com suas manhas de politiqueiro e essa imagem de *guajiro* tradicional. Lina e Chano não se parecem em nada. À força de pensar mal, um quase se convence de que a herança familiar influenciou fortemente na decisão do homem para roubar a filha e a irmã dos tipos mais duros daquela volta. E não é que a mulher seja sem graça. Na verdade, não é uma beleza, mas provavelmente era bonita com sua pele jovem de índia clara, olhos negros tão escuros como a melena comprida e lisa, solta e esparramada como ela mesma. Nos traços do seu rosto, como agora, que já não é tão jovem, possivelmente ninguém se fixasse; mas em seus olhos sim, por seu olhar cândido, intenso, pleno de energia e vitalidade.

Essa é a diferença essencial dessa mulher com seu marido. Ela vive de dentro para fora, ele vice-versa. Ela é tão clara e aberta como ele é ambíguo e manhoso. Duvido da amabilidade de Chano para com a gente, na verdade me parece calculada. Alardeia da ajuda que deu aos guerrilheiros quando andavam por aqui. Se a gente fosse acreditar no que ele diz, sua fazenda tinha sido uma base de operações dos rebeldes e sua vida esteve em constante perigo por isso. Não me convence Chano. Não me convenceu nem quando ele me foi apresentado como o homem mais influente da zona, que nos facilitou, de graça, um armazém grande de sua propriedade, para que depositássemos os produtos comprados dos camponeses.

Por uma razão ou outra, o certo é que a moradia e o armazém de Chano, graças à sua generosidade, são como uma sucursal de nosso escritório. Converteu-se no centro do fervor político e comercial daquela zona outrora ocupada por *guajiros* acomodados, *guajiros* sem terra e haitianos descalços. Simpatiza-me Lina, embora me incomode tanta solicitude com o marido arrogante, que nem um copo de água vai buscar com as próprias mãos. Mas ela parece tão feliz, tão satisfeita com sua vida, que me confunde. Abre-se como uma flor da manhã, quando Chano a requer para a mais mínima necessidade, porque, para ela, não há coisa mais importante que atender ao pai de seus filhos, como frequentemente o chama.

Comecei a conhecer as partes obscuras de Chano no dia em que andávamos com uma tarefa e ele nos guiava por atalhos dentro dos cafezais para cortar caminho. Já tinha nos anunciado que almoçaríamos em uma casa por ali para economizar tempo e retornar cedo. Ao chegar ao lugar, receberam-nos uma mulher e duas meninas. A pequena, de uns três anos, corre aos braços de Chano e a mais velha se aproxima e diz respeitosa:

– Bêncão, papai.

Reconheço a menina, é a mesma que vi na cozinha de Lina, ajudando a cortar a galinha preta, a do recado da garrafa de rum. Mas, esperávamos mais surpresas.

Outro dia, andávamos em busca do filho mais velho de Chano, igualmente guiados por ele. Falava-se de procurar gente de confiança para dirigir a nova associação camponesa. Esta zona foi difícil durante a guerra, ao menor descuido a contrarrevolução se aproveita. O filho de Chano é bom candidato. Os vizinhos o respeitam e se dá bem com as pessoas.

O moço é a viva estampa de seu pai, só que mais jovem e com olhar mais limpo. Veio nos receber no portal de sua casa e quando vem nos cumprimentar, chama as mulheres da casa para avisar da visita. Vêm duas, uma maior e outra mais jovem. Esta última é a esposa, chama-se Elena e o diz ela mesma, apresentando-se sorridente, modesta. A outra, a de mais idade, é sua mãe, a mãe do filho de Chano!

– Nemesia, muito prazer, estão em sua casa.

E assim andamos, entre surpresas e encontros, com esse Chano a quem sempre lhe falta algo para nos mostrar. O único certo é que a avó velha da casa principal não anda mal da cabeça e sabe somar muito bem. Lina conhece as mulheres e filhos do marido e se relaciona com eles de uma maneira muito natural, como com sua própria família. E eu, com tantas surpresas, começo a me perguntar se essa mulher é realmente feliz com essa vida ou só aparenta sê-lo. E as outras, como eu gostaria de falar com elas! Mas, a isso sim não me atrevo.

Lina era uma pessoa muito humana e serviçal. Pouca instrução de livros e escola, mas que agradável conversar com ela. Nunca se queixava de nada nem falava mal de ninguém. Não opinava nada de nada. Nem de política, nem de religião, nem de moral. Ela acabava com qualquer tentativa de filosofar, dizendo, tranquilamente: “Eu não sei nada disso, tenho bastante que fazer, lá os homens é que sabem”. E de intrigas, nem

pensar, não havia como entrar, pois falava: “Isso não é meu assunto”. O seu era contar contos, histórias e ajudar a todo mundo.

Às vezes eu ficava vários dias na casa de Lina, para economizar o ir e vir todo dia ao povoado, que era bem longe e a estrada era ruim. Nessas ocasiões, depois de comer, ajudava-a a lavar a louça na cozinha. E entre contos e anedotas, desfilo o novelo da extraordinária vida dessas famílias.

O clã do Chano funciona de maneira muito simples, nada de complicações. Não se trata de sexo, nem sem menciona. As mulheres parem filhos, mas não são as outras mulheres do Chano, são as mães dos filhos do Chano, virgens engravidadas por obra e graça do “espírito santo do patriarca”. Ele não dorme todas as noites na mesma casa. Quando não volta à tarde, Lina lhe guarda a comida, se por acaso vem. E se não vier, diz-se que passou a noite na casa de algum de seus filhos. Lina é a principal. É respeitada e reconhecida em sua condição de primeira e legal esposa, pelo qual é, formalmente e de coração, a madrinha dos filhos paridos pelas outras. E se dão muito bem entre elas, porque são comadres de filhos batizados, vínculo sagrado; e quando alguém do clã de Chano precisa apoio, todos acodem. Claro que ocorrem disputas e desacordos como em qualquer comunidade humana, mas tudo se transforma em família, é só ter a chamada de atenção do paizão e cada qual que fique na sua. Em comum, comemoram-se, também, os acontecimentos sociais, sejam casamentos, nascimentos, batismos, aniversários ou velórios.

As festas de Chano são famosas na comarca e para além das colinas que circundam o vale. Se você nunca esteve em um desses folguedos, então lhe falta o principal para conhecer essa gente.

Mas não terá que adiantar-se, nada disso, espere para compartilhar uma véspera de Natal com o clã do Chano; até então, nem você nem eu entenderemos nada...quem sabe depois...

*Também o sol, também o sol, amou
e como todos que amamos, sorridente
pode levar a luz pela frente,
mas leva a morte nas costas*

José Martí

Rosadela

Esta tarde, assim que começou a reunião, fixei-me nela.

Estava sentada na primeira fila; um pouco estranho ver uma mulher nesses lugares onde sempre se sentavam os homens. Elas preferiam os últimos assentos, apertadas umas com as outras, para proteger-se e passar despercebidas.

Perguntei a alguém ao meu lado quem era a mulher.

– Rosadela – me disseram.

E ali permaneceu todo o tempo, nervosa e calada, a pele molhada do banho recente, com sua saia comprida estampada de flores brancas e azuis, atenta a cada palavra como se todos falassem somente com ela.

Bem entrada a tarde, abobalhada pelos discursos em sequência, entreteinha-me de vez em quando olhando os jorros de luz que entravam pelas frestas das velhas paredes e as mudanças de coloração nas partículas de pó que flutuavam e se coloriam segundo a intensidade da luz. Minha fantasia vagava entre tantos azuis e violetas, quando chamou a minha atenção como os rostos das pessoas se decompunham em gestos de desgosto ou alarme. Algo os incomodava. Deixei de ver as frestas e passei a ouvir o que se falava. Um homem destrambelhava iracundo contra o vicioso costume – bastante generalizado – de se apostar nas rinhas de galos até o dinheiro da comida da família.

– E essa conduta, companheiros – garantia, terminante –, tem que acabar. Está na hora de parar de serem roubados por esses *galleros*²⁷ trapaceiros, *garroteros*²⁸, todos esses descarados que depenam os infelizes igual aos galos e vivem muito bem enquanto o *guajiro* sua e se arrebenta em cima da terra dura, de tanto trabalhar.

E por aí seguia e seguia. Os rostos dos homens foram esticando-se, os das mulheres não. Algumas, as mais velhas, moviam a cabeça em um mais ou menos de aprovação duvidosa; outras – menos audazes – olhavam com o rabo do olho aos machos mais próximos sem atrever-se a nada mais; o ambiente se complicava. Até houve alguns que abandonaram a reunião, dizendo alto, para que os escutassem, que eles não estavam dispostos a aguentar ofensas.

O homem do discurso possivelmente captou o sinal de perigo e começou a baixar o tom, terminou um pouco correndo, menos agressivo, mas o estrago já estava feito. Sentou-se de novo em seu lugar. Silêncio, nada de aplausos nem vivas como aos outros oradores. Ali, todos quietos, sem saber o que fazer...e de repente salta Rosadela, do seu banco lá da frente, encara o auditório e começa a perguntar.

.....

27 NT: Criadores de galos de rinha.

28 NT: Agiotas, que emprestam dinheiro aos apostadores, cobrando altas taxas de juros em troca.

– E então, por que não aplaudem? Por acaso não é verdade o que diz aqui o companheiro? Só querem ouvir o que gostam, não? Pois ele tem razão no que está dizendo, e as mulheres são as que menos devíamos nos calar, porque sabemos muito bem o que acontece com os galos. E que saia um aqui e diga que nunca jogou nem um quilo de comida, heim!? Ou será que não conhecemos pessoas que já perderam até uma fazenda na rinha? E quem compra esporas para seus galos finos, mas os filhos andam descalços? Pois eu sim o aplaudo!

E com a mesma força começou a bater palmas com um entusiasmo tal que, em pouco tempo, até os homens a imitavam.

Graças à Rosadela aquela reunião terminou, finalmente, sem maiores sobressaltos.

Que boa impressão tive dessa *guajira* tão distinta e valente!

Com o tempo, essa mulher participava de todas as coisas importantes que se fizessem no bairro.

A relação entre nós se fez mais frequente e pessoal. Sua casa dava para a estrada, e ao passar, sempre chegava para cumprimentá-la; recebia-me muito contente, mesmo que eu levasse comigo pessoas desconhecidas, a quem atendia como velhos amigos.

Na cozinha, à entrada, havia um velho tamborete, cômodo para a gente se encostar em uma viga; aí eu me sentava para ouvi-la contar e contar coisas, enquanto preparava o café.

O melhor era quando triturava os grãos torrados: pegava o pilão com muita força para triturá-los até que virassem pó fino, isto em um minuto, e ficava mais saboroso. Às vezes eu ajudava, mas nunca fui muito hábil nesse pilão, Rosadela seguia meus movimentos quase com pena e terminava por me afastar.

– Me dá aqui, que se seguimos esperando por ti, ficamos aqui até de noite.

E triturava e falava com igual fortaleza, sem afrouxar o pilão.

– Finalmente, vamos abrir a outra escolinha, já estive por aqui o professor. No domingo, fazemos o mutirão para fazer o telhado da sua casa; é o único que falta; por enquanto, vamos começar com três séries.

Aí parava, ia ao fogão e soprava as brasas, colocava a lata pretíssima em cima dos tições acesos; logo, o açúcar escuro e voltava para a carga.

– Já ficou sabendo que Augusto Carbonell quer ser o presidente da associação camponesa? Esse acredita que vai seguir sendo mandão e já se imagina de vereador, representante ou algo parecido. Total, o que tem feito toda a sua vida é se aproveitar e, agora, quer se passar pelo mais revolucionário, porque quando passaram os rebeldes por aqui, sua mulher lhes fez comida. Veja você: ele, cagado de medo; a mulher, cozinhando; a guarda rural, aqui mesmo no armazém; e, agora, o come-fogo é ele e não deixa nem que a mulher vá às reuniões. *Cacho de cabrón*²⁹!

– Rosadela, você tem uma língua viperina, mulher! – comento, não muito a sério.

A água quente passa pelo coador de pano, e o jorro de café cai na jarra de lata. O aroma doce cola nos narizes, mas a descarga de Rosadela segue como se nada tivesse acontecido. É a vez de falar da associação camponesa, e diz que se fosse por eles, o lugar das mulheres seria na cozinha e na cama com as patas abertas.

– E você sabe por quê?

Aí, ela já estava diante de mim com a jarrinha de café na mão. Ficava um momento me olhando fixo para me intrigar e então soltava:

– Pois, para que não abram os olhos, os muito descarados. Dizem para as mulheres que a associação é para os que representam a propriedade

.....

29 NT: Xingamento significando safadeza ou cara-de-pau.

e, olha só, como foram eles que preencheram os formulários do INRA, botaram seus nomes e agora exigem todos os direitos. Claro, como vão levá-las às reuniões? Isso não lhes convém, porque despertam.

– Quando você despertou, Rosadela? – provoco.

– Quando a parteira me cortou o cordão do umbigo.

Nem sempre a recepção na casa de minha amiga era assim amável. Às vezes ela não estava e era seu marido quem vinha ao portão. Nesse caso, nunca entrávamos. O homem simplesmente saía e dizia: “Rosadela não está”; e dava as costas sem convidar a entrar.

Desde que o conheci, sabia que não o agradávamos. O porquê disso eu não decifrava, mas era evidente. Até estando sua mulher em casa, ele não ficava para conversar. Respondia o cumprimento tão baixinho que nem se ouvia. Depois se perdia pelos bananeais do fundo e não voltava a aparecer enquanto estivéssemos ali.

Humberto, assim se chamava, era absolutamente diferente de sua mulher. Ia às reuniões, mas nunca falava, ficava pelo lado de fora, encostado nos marcos de alguma janela; às vezes, se entrava, instalava-se no fundo. Ao terminar as reuniões, esperava – afastado das pessoas – que Rosadela acabasse seus intermináveis diálogos com uns e outros, para voltarem juntos a casa.

Algumas vezes, minha amiga aproveitava nossa passagem por lá, para ir com a gente ao povoado no jipe. Cada vez, tinha mais compromissos e reuniões.

Uma manhã bem cedo, passei para lhe avisar que andava por ali, caso quisesse ir comigo na volta. Ficamos nisso, e ao meio dia a busquei, subi no carro e ficou calada, séria, coisa tão incomum que a todos desconcertou.

– O que houve, Rosadela?

– Nada...Humberto...é que ele agora se incomoda que eu vá ao povoado. E diz que já não atendo a casa, nem aos meninos, nem a ele. Ontem veio minha mãe e ele não fazia mais que reclamar. Mas, ele que não pense que eu vou ser a mesma de antes. Isso acabou. Se quiser entender, que entenda. Se não, dane-se ele.

Não voltou a abrir a boca até sair da estrada.

E chegaram os tempos da alfabetização, e aquilo sim foi a consagração da inquieta Rosadela. Esse assunto vinha justo na sua medida. Ela se encarregou de localizar os rapazes alfabetizadores na comarca, ocupava-se deles, de organizar as salas de aula; distribuía candeeiros, cadernetas, comida. A gente podia encontrá-la pela manhã no consultório – com um jovem brigadista doente – e, à tarde, em pleno campo, carregando uma mochila cheia de cartilhas para ensinar a ler.

Lindos e felizes tempos para minha amiga!

Andava pelas estradas o tempo todo, muitas vezes com seus filhos nas costas, seus olhos brilhantes, tão esperançosa e vital.

– Sabe? Quando terminar a campanha de alfabetização, vou seguir estudando para me tornar professora. Isso é o que eu queria ser desde pequena. Só tenho a terceira série, mas vou até a sexta e aí não paro. Você vai ver.

Passaram vários meses sem mencionar Humberto em suas conversas.

Eu também não o mencionava, mas precisamente esse silêncio compartilhado era o indício claro de que as coisas entre eles não andavam bem. Era evidente: quanto mais brilhavam os olhos da mulher, mais se escureciam os do marido; algo estava se estragando nos seus miolos.

Quando terminou a campanha, Rosadela ficou encarregada de uma aula para adultos, onde seguiam estudando os recém-alfabetizados, dava aulas à noite; e aos sábados, vinha à cidade nos seminários de formação para os novos professores.

– Porque quero ser professora de verdade – dizia.

E eu me acostumei a vê-la passar cedo nas manhãs dos sábados, gritando meu nome da calçada, no meio do grupo de companheiras. Ou aparecendo nas grades da janela de meu escritório, fazendo ruído com a régua de madeira para chamar minha atenção.

– Olha! te trouxe um pouco de café – e jogava o pacotinho para ver se eu o capturava no ar. E em um sábado qualquer, todo o povado ficava sabendo que as mangas de coração, minhas preferidas, já começaram a amadurecer.

– Mas, vá buscá-las, porque eu não vou carregar um saco de mangas, assim, que você já sabe. Se demorar muito, não vai encontrar nenhuma.

O último sábado que vi Rosadela, como em outras tantas vezes, falamos um pouco e ela seguiu seu caminho.

Na terça-feira seguinte, estava morta. Vieram nos avisar no escritório.

Humberto tinha cortado seu pescoço, de um golpe de facão, enquanto ela escolhia o arroz do almoço, encostada à viga de sustentação, no velho tamborete da cozinha.

Soube-se cedo, porque um dos filhos mais velhos, ao voltar da escola, encontrou-a, ainda sentada, com a cabeça caída sobre um ombro.

Ao marido, acharam-no mais tarde, seguindo o rastro de idas e voltas de seu cão, pendurando em um ramo de algaroba, no meio do potreiro.

O velório, fizeram no mesmo velho casarão onde a conheci.

Quando cheguei, ao anoitecer, ainda flutuava o pó púrpura na luz escorrida pelas frestas das paredes. E no fundo do salão, imóvel e silenciosa, com suas mãos cruzadas sobre a saia de flores brancas e azuis, estava esticada Rosadela.

Olhei-a por muito tempo, procurando entender no rosto sangrado dessa mulher, no assombro de seus lábios congelados, a explicação de sua morte.

Por quê?

Só via minha amiga, a camponesa inquieta da casinha limpa, com seu jardim de manjericões verdes e roxos, seu pátio de terra tantas vezes varrida e esse enxame de sonhos na cabeça, que arrancaram de seu corpo.

Entrada a noite, trouxeram os candeeiros, aqueles mesmos de alfabetizar, que iluminavam seu caminho de volta a casa. Uma vez, contou-me que enquanto caminhava pelas noites, cantava para espantar o medo.

De que medos, falava?

Possivelmente o de voltar a casa para encontrar esse ciúme escuro no corpo do homem que cada vez era menos o *seu* homem, porque ela voava e voava para uma dimensão estranha e distante, onde já ele não podia acompanhá-la.

Humberto, esse infeliz, nem sequer compartilhou a terra do cemitério com sua mulher. Levaram seu corpo para enterrar no bairro onde vivia sua família paterna.

Durante muitos anos, passei pela estrada central em frente ao pequeno cemitério onde deixamos Rosadela naquela manhã. Às vezes, entrava com um punhado de flores silvestres – ela gostava das *copetúas*³⁰ amarelas e alaranjadas – para deixá-las onde há uma cruz de ferro sem nome e uma pomba presa debaixo da terra. Isso era ela: uma pomba com asas enormes. Tão igual e tão diferente das mulheres de seu tempo.

Queria ser professora e foi. Ensinou muitos a ler e escrever.

.....

30 NT: Espécie de flor.

E também me ensinou. Possivelmente, não pude perceber claramente.

Mas, nessa terça-feira em que Humberto decapitou a Rosadela, tive a certeza – antes, um pressentimento – de que as coisas não seriam tão fáceis para as mulheres como tinha me parecido no princípio.

Sigamos amando apesar de tudo
Sigamos amando apesar de tudo
Sigamos amando
O amor é o poder real
entre todos os poderes
Silvio Rodríguez

A amora e o calvo

Desde que ela entrou e ele a olhou – e ela o olhou –, ambos souberam que suas vidas iam entrelaçar-se no mesmo novelo. E não é que Juan Manuel fosse um homão desses que estremeceem as mulheres só de olhá-los com o rabo do olho; Zulema também não era uma mulher impactante na primeira olhada, nem sequer na segunda ou nas sucessivas. Assim, assim em detalhe, por partes, nada especial; entretanto, olhar de repente, dava gosto. E isso sentiu o encantador do Juan Manuel, quando Zulema chegou com sua bolsinha de falsa pele de crocodilo na mão esquerda; e na outra, uma carta em envelope fechado, e perguntou a ele, por ele.

– Esse sou eu – e os dois riram da casualidade e começaram a falar sem parar e a olhar-se profundamente, enquanto ao seu redor desaparecia o

armazém completo com máquinas, homens, ruídos, pó e todo o resto. Nisso – nunca falta –, um tipo inoportuno interrompe-os à procura da assinatura do embevecido Juan Manuel. Ele se desprende aos pedaços dos negros olhos da visitante, ela se levanta e pede desculpas.

– Tenho que ir, que pena, já sabe onde me encontrar.

– Não, o que é isso, não é incômodo, ao contrário, não vá – diz.

Com um gesto rápido, pega os papéis e, com igual rapidez, assina-os para devolvê-los ao intruso, acompanhado de um olhar impactante de “te prepara que te mato”. O outro sai, disfarçadamente olha a mulher, mas ela e a bolsinha de falsa pele de crocodilo já estão prontas para partir.

Juan Manuel acompanha Zulema até a saída, ela seguida pela curiosidade machista dos descamisados estivadores e ele feliz porque agora ao despedir-se vai tomar-lhes as mãos e, sem dizer, dirá. E exatamente assim aconteceu: alvoroçados e tenros, trocaram o até mais tarde. Retornando ao seu cubículo, o inefável Juan Manuel encontrou, ainda sem abrir, a carta trazida por Zulema.

Na noite desse mesmo dia, a esposa de Juanma – assim ele era chamado – achou estranha a demora de seu marido no banheiro, tantos anos vivendo juntos, que os mútuos horários de convivência doméstica se conheciam minuto a minuto. Abriu a porta preocupada, e fez bem, porque encontrou o seu homem parado em frente ao espelho, rindo de si mesmo como que com outra pessoa e tão abobalhado que nem a viu entrar.

– Mas Juanma, o que aconteceu? Falando sozinho? – perguntou a mulher. – E ainda não tomou banho – acrescentou, reclamando. O sobressaltado marido retornou à realidade, terminou de despir-se, tirou a cueca e de passagem percebeu como estava feia, larga e com essas pernas grandes. – “Parece a de meu avô, vou comprar uma dessas que se usam agora, amanhã mesmo vou à loja”.

A carta no envelope, para felicidade de Juan Manuel, anunciava o traslado, por razões familiares, da senhorita companheira Zulema, desde seu antigo lugar de residência, o subúrbio de Las Cuchillas, para a sede municipal: Palma Soriano, dado o qual se devia proceder a sua colocação em igual posto, se for possível, ao ocupado por ela no armazém de comercialização do lugar anteriormente mencionado. É óbvio que era possível colocá-la imediatamente. Não precisava de mais nada! E antes que ela chegasse, já tinham lhe arrumado uma mesa de trabalho, com sua maquininha de escrever em uma lateral da cabine com painéis de vidro, que ocupava o companheiro Juan Manuel, principal responsável pelo armazém regional do INRA e a quem seus colegas de trabalho chamavam Juanito, simplesmente.

E assim que Zulema se incorporou a seu posto, começou a transformar-se aquela confusão de papéis e pó, que até então tinha sido o escritório do Juanito. Acabaram-se as faturas extraviadas, os recibos perdidos. As pastas, como soldados em fila, ocuparam a prateleira de madeira, cada uma com um rótulo informando o conteúdo; e na capa, os adornos de flores e paisagens recortadas de revistas e postais, e cada escrivaninha com seu porta-bandejas duplo para os papéis: em cima entrada e embaixo saída. No armário metálico, o de guardar e trancar com chave, é que se deviam controlar os recursos; o dinheiro em espécie e os documentos importantes, na caixa forte de ferro maciço e combinações numéricas, só conhecidas e compartilhadas pelo Juani e Zuli, que assim carinhosamente se chamavam entre si.

As paredes foram pintadas de creme claro, combinando com as bandejas e as escrivaninhas, colocaram-se cortinas e portas – para deter a curiosidade externa e o pó eterno de café e milho, porque assim não se pode trabalhar –, mas sufocavam dentro com tanto calor, o que fez Juanito solicitar ao Departamento de Recuperação de Bens Desviados um aparelho de ar condicionado e, tão logo o instalaram, a cabine virou um iglu esquimó; os vidros cobertos de goteiras de água condensada, porque o único aparelho que puderam conseguir tinha uma potência capaz de esfriar o armazém inteiro. De qualquer

forma, esse detalhe – tecnicamente falando – carecia de importância, porque os dois ocupantes do cubículo despendiam tal calor com seus amores comburentes e combustíveis, que bem podiam subir qualquer temperatura por mais abaixo de zero que o ambiente estivesse.

– Zulema, você tem nome de amora e olhos de amora e cabelo de amora – sussurra Juan Manuel ao seu ouvido, ela toda esticada, nua, sobre o corpo do homem, também nu, mas peludo, ambos molhados de água doce, com cheiro a peixes de rio.

– Sou amora, meu amor, você sabe – responde ela, sem abrir os olhos.

– Eu gosto do seu cabelo comprido – diz ele e acaricia as mechas úmidas nas costas da mulher. Ela ri e lhe responde:

– Eu gosto dos seus quatro cabelos, Juani – e passa a mão por sua calva quase total.

Os dois quase explodindo de tanto rir e ela coloca a mata de cabelo sobre a cabeça despovoada.

– Eu te empresto quando for sair, e as pontas de seus seios roçam e roçam os bigodes grisalhos. Um pouco mais ao sul de seus corpos e bastante longe da garganta, umbigo abaixo, outros pelos seguem o exemplo e começam a enrolar-se, com o qual ambos os amantes deixam de rir e seriamente se derrubam abraçados pelo terreno coberto de ervas à beira do rio... Quando já é noite, sobem até a margem e, recuperado o fôlego perdido na subida e no resto, ela confirma, sentada a seu lado na caminhonete:

– Juani, de verdade eu gosto de sua careca.

No princípio, foram brincadeiras e piadinhas de duplo sentido entre os estivadores e carreteiros do armazém, logo o círculo se ampliou aos motoristas e porteiros; daí, é lógico supô-lo, aos varredores, funcionários de escritório, empregados, chefes, chefões, transeuntes e, em geral, todos que passavam – em estadia curta ou larga – pelas ocupadíssimas dependências da flamejante instituição agrária. Por sua

vez, cada um desses sujeitos, já em posse do comentário, embalava, alimentava e engordava-o, transformando em um adulto mais velho, para logo espalhá-lo a familiares próximos e longínquos, jogadores de dominó do bairro, passantes noturnos e diurnos dos quatro parques, paroquianos de salões de bilhar, cantinas, bares e anexos, músicos e trovadores, bêbados vagabundos e todo o povão, até chegar, em onda tsunâmica – para desgraça dos amantes e de seus amigos verdadeiros – aos castos ouvidos dos custodiantes da pureza ética, moral e cívica da consciência e conduta cidadãs, os quais, imediatamente, levantaram o cálice e não houve maneira de afastá-lo, embora rogos não faltaram, até a crucificação.

Enquanto corriam as labaredas pelo centro do povoado, bairros periféricos urbanos e rurais – inclusive mais além do divisor de águas das serras vizinhas – os supracitados nem sabiam do que se passava, o que é frequente na tipologia amorosa, em que é costume que os últimos a ficar sabendo sejam os implicados.

Apaixonados um pelo outro, amalgamados mais que unidos, Zumi e Juani viviam os melhores momentos de suas, até então, vidas sem sal. Zulema, quarenta anos feitos, pouco usada, ainda fresca, solteirona – nessa idade, nesse tempo e lugar, isso podia ser, e geralmente era, um estado fatalmente definitivo – pele e olhos de amora, pais mouros, emigrados de não importa onde (todo árabe ou parecido são chamados mouros). Única fêmea de três filhos paridos pela mesma mãe e, para que não haja dúvidas, do mesmo fazedor. Criação severa em família estrita, cujo pai e irmãos a faziam esperar por marido aceitável, pessoa essa que pareceu chegar – quando Zulema já andava pelos vinte e cinco – na pessoa de um primo longínquo meio encantado pela moça ou, como se pôde deduzir mais tarde, pelas posses materiais do futuro sogro.

Ou o primo se cansou de tanta viagem comprida ao campo onde vivia sua cortejada, ou ficou sabendo que o velho tinha feito testamento deixando bem claro que depois de sua morte tudo passava aos homens,

fato que, por muito bonitos que fossem os olhos de Zulema, destruíra o coração de qualquer pobretão, porque o primo era mouro, mas não tinha onde cair morto.

A conclusão é que o noivo não apareceu mais e ela ficou, Penélope de Candonga, bordando os guardanapos e espreitando a buzina da caminhonete das quatro da tarde, itinerário São Luis-Manzanillo. E aí ainda estaria se não fosse pelo vendaval da revolução, pelo fato de que as coisas mudaram e pelo seu pai, que teve de começar a fazer algo, e ao intervir nos negócios, ela seguiu como funcionária do escritório como tinha sido com seu pai, dono anterior e administrador atual, porque essas eram pessoas trabalhadoras e não de política. “É preciso ganhar a vida”, dizia o velho com seu sotaque de “erres” borbulhantes, mantido apesar de seu longo êxodo caribenho. – Tudo isto fiz para minha família e agora tenho que seguir cuidando, pois é para todos – e isso porque o velho não era político, mas quão prático a vida o fez!

Zulema chegou aos trinta e cinco anos quase virgem, e não totalmente, porque com a agitação da reforma agrária e com o resto, o pessoal do sexo masculino, entrando e saindo do escritório, era abundante e disponível, sendo que também eram mais agressivos e sem preconceitos, além disso a severa vigilância paterna cedia lugar ao peso da idade e das ocupações. Mas, a verdade verdadeira é que ela não se apaixonou por ninguém. Quando Zulema conheceu Juan Manuel já não morava na Candonga, mas em Palma, com sua mãe e um irmão, porque a velha adoecia, com frequência, com um reumatismo insuportável e um problema no coração.

Juan Manuel nasceu e cresceu no povoado, no bairro de Puntepié, que não tinha ruas nem calçadas e quando chovia, tinha de andar saltando na ponta dos pés para não enterrar-se até o joelho no lodaçal de argila escura, que o engolia como areia movediça, como as terras negras da Ucrânia, que nem vimos depois em um filme russo, e que, quando exibiram no cinema do povoado, a tropa de patifes gritava do galinheiro:

– Caramba! Igualzinho a Puntepié – e no furor da indissolúvel amizade, alguém propôs mudar o nome do bairro e chamá-lo solidariamente de Ucrânia.

Juan Manuel foi moço de família trabalhadora; quando criança, ia à escola e quando adolescente, ia trabalhar com o padrinho num armazém geral: isso era sorte naqueles tempos duros de farinha de milho e batata-doce e olhe lá! O trabalhador seguiu os conselhos e estudou para escriturário, com o qual pôde subir a empregado dos armazéns de compra e venda dos González, e anos depois a administrador do armazém principal. Aí o apanhou a revolução e aí ficou, porque Juanito não se esqueceu de onde tinha saído, nem da lama de Puntepié, que assim continuou sendo chamado, pois a história da Ucrânia não convenceu às pessoas.

Cedo em sua vida, fez família o formalzinho Juan Manuel; aos vinte anos, já tinha o primeiro filho e aos vinte e quatro, o terceiro; casado quase virgem antes dos vinte, escolheu a sua mulher entre as fileiras das que ficavam e passeavam em roda no parque Martí. Logo, o noivado da moça de família pobre, mas decente: pouco sexo e muito aborrecimento, ingredientes favoráveis para a decisão de casório urgente. Antes de completar o primeiro aniversário de casamento, já a encantadora mocinha do parque estava grávida e uns meses depois de parir, tinha se transformado em excelente esposa, dona-de-casa e mãe exemplar, além de uma companheira de cama muito sem graça para seu Juanma, que, pouco a pouco, por sua vez, igualmente se transformou em excelente marido e pai exemplar, coincidindo com a queda progressiva de seu interesse sexual e do cabelo de sua outrora povoada cabeleira.

Sorte que, aos cinquenta anos, encontrou-se com Zulema para descobrirem ambos – quase virgens – que ainda tinham tempo para dois atos essenciais: amar-se e sentir prazer.

A mulher do Juanma, sempre ocupada com coisas da casa e dos filhos, nem sequer percebeu o súbito interesse de seu bem amado marido

por modernizar seu vestuário e nem sequer – existem as ingênuas – deu atenção ao repúdio declarado às cuecas de pernas compridas, à insistência em mais goma para o colarinho das camisas e ao exagerado aroma de colônia dele; sem entrar em detalhes, como: o olhar perdido, “não vou comer, não tenho fome”.

Na outra metade do casal, a mãe de Zulema, igualmente entretida com os horários de seus medicamentos, também não notou os evidentes sintomas do amor de sua filha – possivelmente pensava no destino selado de seu celibato –, como: os olhos brilhantes, esse troca-troca de roupa, trabalhar até aos domingos e esse andar pelos campos até tão tarde, para retornar com o cabelo molhado, cheirando a peixe de água doce e a potreiro. Alguém tinha de tomar conta desse assunto.

A ordem e a moral começaram a bater palmas no dia em que Juan Manuel recebeu a citação, com caráter urgente, a fim de apresentar-se para tratar de assuntos da maior gravidade, e não faltar, sem desculpa nem pretexto. Preocupado e avoado totalmente, o infeliz caiu na armadilha de um interrogatório exaustivo sobre suas relações com uma colega de trabalho, fato absolutamente reprovável e violador da mais elementar ética, que jamais, reforçando o jamais, deveria ser cometido por um até então revolucionário e cidadão exemplar, em cuja pessoa se depositou a confiança do povo, designando-o administrador do armazém de estoques. Comunicou-lhe, adicionalmente, a decisão de consultar as massas para tratar com toda justiça e democracia popular o preocupante caso. O acusado ouviu tudo em silêncio, mudo pela surpresa e pelo susto, pálido de morte e incapaz de reagir; assim, sem dizer uma palavra, saiu depois do retire-se, já lhe avisaremos.

Para coletar opiniões, circulou entre os irrepreensíveis da não duvidosa moralidade uma espécie de formulário – pequeno formato –, cujo primeiro parágrafo continha uma breve resenha dos abafadiços sucessos acontecidos, sem mencionar santo, mas com os sinais bastante óbvios. Seguia um comentário, mostrando a necessidade inevitável de sancionar semelhantes deslizes, porque onde iríamos parar tolerando

essas fraquezas, resquícios do passado que queremos erradicar de nossa sociedade? Quanto mais rápido, melhor. A seguir, uma lista de possíveis sanções, entre as quais, devia-se selecionar – marcando com um X – a que cada um acreditasse merecida.

Desatou-se o poder de fogo da fofocaria local, e isto que o mencionado formulário tinha em seu canto direito superior: uma advertência implícita na palavra confidencial. Tentativa em vão, às trinta e seis horas, o panfleto era um best seller, tinha sido lido por toda pessoa que sabia ler no povoado e, considerando os dados obtidos, ao concluir a campanha de alfabetização do ano anterior, pode estimar-se sem exagero que mais de noventa por cento da população *palmense* adulta possuía informação sobre o questionário circulante.

Com igual rapidez e eficiência, aconteceu com a formação de critérios a respeito. Aos cinco dias exatos, era de conhecimento – não oficial – que as opiniões estavam francas e perigosamente divididas, inclusive podiam estruturar-se em setores conforme se visse: o grupo dos machistas indignados pelo dramalhão; o grupo das feministas radicais defendendo o direito da mulher a dormir com quem lhe dê vontade (como os homens); o grupo dos hipócritas, que falam: “Isso não se pode permitir!”, quando se referem aos outros; o grande grupo dos homens e mulheres decentes, defensores dos bons costumes e da sacrossanta instituição familiar (inclui reprimidos sexuais); o grupo dos idiotas tradicionais, que se perguntam: a quem, caramba, importa se fulano chifrou ou foi chifrado?; o grupo dos indecisos e indecisas, que embora admirem os que se atreveram, não marcaram “X”; um setor minoritário de crentes e débeis mentais, que remetia a uma frase bíblica: “Serão vistos horrores”. E logo, as opiniões isoladas, intranscendentes, sem peso no contexto majoritário.

No sétimo dia da distribuição, consumo e devolução do questionário mais difundido na história *palmense* – nem sequer a época dos “mass media” que veio anos depois pôde superar esse recorde –, procedeu-se a celebrar a sessão de conclusões de tão espinhoso assunto. A peça,

quer dizer, a reunião, aconteceu discretamente em um salão no meio do povoado, o que facilitou que acudissem os citados e umas dúzias de curiosos, autorizados ou não. A comissão de ética, composta por três companheiros da mais absoluta impunidade, quer dizer, integridade, ocupou uma mesa à direita do cenário, quer dizer, do palco; o caído em desgraça descansava sua triste humanidade em uma cadeira solitária e visível em qualquer ângulo do salão, posição com possibilidades de ficar frente ao jurado e ao seletor público presente. Nas primeiras filas, as personalidades; atrás, os envolvidos próximos, entre eles, os filhos do infrator e camaradas de trabalho; nas restantes fileiras, os citados e, por último, os curiosos.

A função começou com uma breve apresentação do assunto a cargo do presidente da comissão, que foi quem informou à audiência que já se tinha o cômputo dos “Xs”, mas que antes do veredito final, e em exercício das práticas regulamentares, era preciso um debate aberto entre todas as partes envolvidas. Em especial, considerava-se de muita importância escutar as impressões do companheiro desviado, que, por certo, seguia afundado em um mutismo alarmante. Quando o pressionaram lhe outorgando o direito à palavra, falou algo, mas só o escutaram os sentados nas duas primeiras filas, por isso teve de repetir mais alto:

– Digo que não tenho nada a dizer.

Houve um momento difícil, porque parece que a votação dos “Xs” não era tão esmagadora como se esperava e logo, na hora de pedir palavra, alguns cabeçudos indisciplinados ou rebeldes apareceram com o assunto das provas, que se alguém tinha visto Juanito em coito com a companheira secretária. A explosão produziu murmúrios, chamou-se silêncio, o acusado respirou um pouco menos oprimido, pensando que era impossível encontrar testemunhas, que os peixes dos rios não falam, nem as vacas dos poteiros, nem os bancos traseiros, nem... e nisso chamam o companheiro fulano, encarregado do controle de vasilhas no armazém de comercialização administrado por Juan Manuel.

O mencionado se levantou e veio à frente, já fazendo uso da palavra, começou a descrever, com minuciosidade impressionante, os encarniçados rolos sexuais dos dois amantes. Estendeu-se nos rodeios do Juani e Zuli para ocultar seus afãs amorosos, tais como: ficar até tarde, os dois sozinhos encerrados em seu iglu-escritório; inventar percursos pelo campo para andar juntos por aí; meter-se no armazém quando não havia ninguém; entrar de noite pela porta dos fundos que dá à outra rua, para que o sereno não os visse; viagens a Santiago para levar relatórios fictícios, etcétera..., e quanto ao ato sexual propriamente dito, os mesmos rolavam em cima de uma mesa e em cima dos sacos – não importa se cheios ou vazios –, assim como sobre os *pallets*³¹ de madeira limpa...e os coitos eram com penetração, não uma, mas sim em múltiplas ocasiões. E que faziam de tudo, em pé, deitados, ajoelhados, de frente, de... e até aí chegou, porque os da mesa o interromperam.

– Suficiente, companheiro – que o murmúrio crescia e começava a juntar público.

O final se precipitou. Juanito não abriu a boca, olhava o vazio como se deve olhar a caldeira fervendo, quando uma pessoa é recebida no purgatório. Os filhos o olhavam como deviam olhar os apóstolos a Judas, os santos homens da mesa o olhavam como um cão olha um carrapato depois de esmagá-lo com as patas. Algumas mulheres o olhavam gulosas (ah! se eu encontrasse um assim!), outras o olhavam como se olha o porco na pocilga, alguns homens enviavam mensagens solidárias com o olhar: Bravo Juanito! (assim que puder vou lhe perguntar o que toma).

A loquaz testemunha ocular não olhou ao pobre Juani nem uma só vez. Terminado seu prolixo descarrego, voltou a sentar-se muito feliz pelo cumprimento de tão honrosa missão e imaginando projetos de investimento para as trinta moedas ganhas simplesmente com

.....

31 NT: Plataformas usadas em armazéns para empilhar sacos ou caixas.

a cópia da chave do armazém que mandou fazer às escondidas do administrador, umas poucas noites em atividade escondido atrás dos sacos e um que outro domingo encerrado em espera.

O assunto estremeceu o povoado durante várias semanas, o fofocógrafo a ponto de quebrar por excesso de vibração e de comentários, lendas e anedotas acumuladas sobre os dois amantes e seus feitos sexuais reais ou inventados. Os folcloristas, em sua imaginação, já pensavam em como montar no próximo carnaval uma *conga*³² de sucesso: A Amora e o Calvo. Por sorte, a ideia não progrediu, porque, caramba, bom é o bom, mas não o muito.

O resto é coisa simples. Zulema não voltou ao escritório, mudou-se para morar em Santiago com a mãe doente, na casa do outro irmão. Juan Manuel foi rebaixado a operário comum por um ano e depois veremos. Os filhos o expulsaram da casa, apesar dos protestos da mãe de que a coisa não era para tanto. Os de Recuperação de Bens Desviados recolheram o equipamento de ar condicionado. Nem se sabe onde foram parar as cortinas floreadas combinando com as paredes cor de creme. Trocaram as chaves do armazém. Nomearam outro administrador, trazido de longe. A testemunha ocular foi promovida a um cargo superior por sua valentia, probidade e fortaleza ideológica.

Passaram uns meses, não muitos; um dia se soube que a velha da Zulema já não precisava estar perto dos médicos; não precisava mais que lhe vigiassem os horários de medicamentos: estava morta e enterrada. Juan Manuel também se inteirou.

Na tarde de seu último dia no armazém, deixou o carrinho de mão mais limpo que nunca e encostado à pilha de sacos que tinha estivado durante a jornada. Vestiu a camisa de colarinho sem goma, abotoou-a bem correta sobre o peito grisalho e se mandou.

.....
32 NT: Marcha de carnaval ao ritmo de tambores e cornetas, muito típica da zona oriental do país.

Ainda no povoado, perguntam-se por quais caminhos deste mundo andam esses dois, porque a amora desapareceu da casa de seu irmão no mesmo dia que o calvo saiu do armazém rumo ao mistério.

A noite de Natal com o clã do Chano

Com o raiar do dia da véspera de Natal, chegam à casona da Lina as famílias dos filhos do Chano com todos os seus membros, incluídas as mães; imediatamente, cada qual se ocupa das suas coisas, as tarefas são repartidas entre todos. Os cabeças da família são os açougueiros dos animais, porque isso é coisa de homens fortes. Os animais mortos, já despedaçados e limpos, são entregues às mulheres cozinheiras.

O porco para assar, esse não. Esse já foi sacrificado no dia anterior e desde a noite repousa em tempero de alho e laranja azeda, bem envolto em folhas de goiaba para que pegue o gosto. O assado será no mesmo lugar de sempre, um buraco na terra, brasas de carvão acesas, a vara

pronta e, da mesma forma, o homem perito em assar – o assador – famoso no bairro, que já tomou os primeiros goles, porque isso de girar e girar o porco terá de amenizá-lo com uma boa carga de aguardente entre as costelas.

O ritual do porco assado *en púa*³³ é seguido passo a passo pelos meninos, que não perdem a oportunidade para bisbilhotar e incomodar o homem da vara; as mulheres vêm de vez em quando da cozinha para ver como anda o assunto. Quando o couro do animal bronzeia, espetam para escorrer a gordura e calcular o tempo que falta para assar. Como de costume, o assador termina bêbado e sem provar a comida. Alguém o levará à sua casa, porque quando levantam a vara, a feliz criatura já nem se lembra onde mora.

Ao entardecer, servem comida aos meninos menores e aos velhos.

Entrada a noite, o jantar é na mesa grande montada no quintal dos fundos, tão comprida quanto o número de comensais que possa aparecer. Chano é quem decide quando começa o festim. Então, as pessoas se sentam nos bancos improvisados em ambos os lados da mesa enorme e começa o ir e vir de bandejas, pratos, garrafas, baixelas e mais baixelas de comidas, carnes, saladas, arroz branco, *congrises*, sobremesa. E no que desaparecem e reaparecem comidas e bebidas, as conversas ficam mais altas, as piadas e farras mais provocantes e as risadas se escutam para lá da estrada, por onde segue chegando gente.

A avó sai com o pressentimento de que talvez esta seja sua última noite de Natal e Lina lhe diz de passada que, a vida inteira, ouviu essa mesma história.

O chato da família – Pedro, o irmão mais velho de Lina – pega uma garrafa vazia e com o lombo da faca começa um *cutín cután*, som de uma garrafa e “que não me separo dela até que não veja o seu fim”, e as pessoas alegres e embriagadas o seguem, e de repente há um coro

.....

33 NT: No Brasil, “porco no rolete”.

coletivo que fecha cada estrofe com “e quando voltará, noite de Natal, quando voltará?” E tio Pedro, que se faz passar por tenor, faz o solo de “lá na Síria há uma amora que tem os olhos mais lindos, que um luzeiro encantador”, e o coro entra, glorioso e alcoolizado com a cantiga, “quando voltará, noite de Natal, quando voltará?”

Noite adentro, chegam os músicos de verdade, os *guatequeros*³⁴ do bairro. O folguedo levanta voo. Os meninos gritam quando se ouvem os primeiros acordes de afinar cordas e o repique de esquentar tambores, que isso é imprescindível para que soem bem. Dançar-se-á no secador de café, sobre o cimento liso, enfeitado, limpo desde cedo e tudo ao redor adornado com palmas e cachos de flamboyán florido e muitas lâmpadas para iluminá-lo.

Depois de comer e beber, a tropa musical se acomoda em uma esquina e começa o *riquichín, riquichán*, justo no momento em que os mais jovens se levantam primeiro para procurar par e começar o baile.

À meia-noite a marimba e as maracas soam até arrebentar-se e ali está metade da população do vale se metendo *son* e rum com o mesmo entusiasmo. Isso não vai parar até o amanhecer. De vez em quando, vêm os sentimentais e os cantores que acreditam em soltar sua descarga de boleros e *corridos*³⁵ e matam outra vez Juan Charrasqueado na cantina, e Paloma, não chore, mas não atende e segue voando baixo, mas o amor está pelas nuvens. E a apoteose de “se for ao Cobre, quero que me traga uma virgenzinha da Caridade”, pedido que termina em um grito irreverente, coletivo e estrondoso de “contigo vou minha nega mesmo que me custe a morte”.

.....
34 NT: Festeiros, gente que está em todas as festas. Expressão típica das zonas rurais de Cuba, onde se fazem os guateques (festas populares com muita música e dança).

35 NT: Música típica mexicana.

Ainda na madrugada, quando cada violão perdeu pelo menos uma corda e a marimba algum parafuso, dança-se no secador, *conga* em fileira e o coro de garrafa na mão, “ao carnaval do Oriente vou...”.

E chega o dia seguinte e a agitação continua.

A maioria das pessoas ficou dormindo, o que restava de noite ali mesmo em qualquer lugar. Os pequenos nas camas dos quartos, com os velhos, outros pelos pisos, sobre colchonetes, em redes penduradas nos corredores, sem contar os casais perdidos pelos cafezais, e os assombrados, os que com o sol da manhã descobriram que a noite de Natal já tinha passado.

A tortura na cozinha não termina nunca. Esquentar-se, requeimar-se, cortar, ferver, temperar, fritar, em uma sequência interminável de mulheres rodando para alimentar todas essas bocas, que vão despertando uma a uma sonolentas e ávidas. O café e o leite em fogões de lenha, fora, porque dentro não se dá conta. As mandiocas e bananas também fora, em grandes caldeirões ferventes. Na cozinha, prepara-se um animal caçado e as carnes do jantar.

Diz a avó, é óbvio que foi a primeira que se levantou na manhãzinha e acendeu os fogões, que ela gosta mais da comida do dia seguinte. Da mesma forma que os feijões pretos, o macho assado é mais saboroso dormido. E pica bem pequenas, mexendo-as para mesclá-las, peles, gordurinhas, massinhas tenras, tudo o que aparece como sobras nas panelas e baixelas da noite anterior.

E assim, pouco a pouco, cada um acorda, joga água no rosto, gargareja e vai ao fundo seguindo o rastro do aroma que vem do alpendre, apura o café quente e forte, pouco açúcar, porque é melhor para a ressaca, e entra na cozinha de onde sai com o prato na mão cheio e fumegante do saboroso animal de caça inventado pela avó, que sabe que nesses momentos exerce, sem discussão, o controle da parte mais importante da casa. Não se põe a mesa. Os que saem com sua comida servida se sentam onde preferem, conversam, riem, lembrando das besteiras da

noite, convidam para seguir a farra, porque hoje é na casa de fulano e amanhã, na casa do beltrano e isso não para até o Ano Novo.

Passa Lina disfarçadamente, que já foi jogar milho às suas galinhas e comenta zombadora, ouvindo a confusão.

– Se continuarem assim, *se goteó el café maduro*³⁶.

Perto do meio-dia, só ficam na casa os familiares próximos, que conversam e se arrumam para a partida; despedem-se contentes e cansados, com a promessa de voltar logo. Montam nos seus cavalos ou põem-se a andar, crianças na frente pulando e gritando.

Lina e Chano se despedem de todos e de cada um.

Os filhos e netos mais velhos pedem a bênção e cumprimentam com respeito.

As mulheres se prometem entre si coisas de mulheres. As mães dos filhos do Chano se abraçam e agradecem. Todas iguais, alegres e vitais. Como se parecem seus olhares aos de Lina!

E a casa grande, no que avança a tarde, vai-se desprendendo dos aromas e rumores de todas essas pessoas barulhentas e felizes, que se dispersam pelos atalhos do vale em busca de seus próprios lares.

Eu vou embora ao entardecer.

Lina me dá de presente um vidro de doce de laranja e me diz que descanse, que durma cedo, porque eu sou uma das que amanheceu no secador.

Lina e Chano, abraçados, vão até o mesmo portão da estrada, onde me espera o jipe que veio me buscar. Digo adeus e, também, que foi, de verdade, uma linda noite de Natal, das melhores que passei e disse:

.....

36 NT: Expressão típica que significa “se põe tudo a perder”(quando o café passa do momento exato da colheita, cai da planta como gotas, perdendo a qualidade).

– Obrigada por tudo.

Chano me dá sua mão, amável e gentil.

– Que obrigada, nem obrigada! Não diga isso, esta é sua casa e sua família.

A mulher, como sempre, com seus olhos cheios de luz.

Pelo caminho, volto a repassar o dia anterior, alguns detalhes que o rum e o barulho me enuviaram no momento. E me detenho em um fato curioso. Chano bebeu seus tragos sem embebedar-se. Dançou com muitas mulheres, menos com as suas, que dançavam com quem queriam, menos com ele. A única a seu lado era Lina, ela o atendia e acompanhava o tempo todo. Logo depois da meia-noite, foram juntos dormir. No outro dia, cedo, saiu ela do quarto com seu roupão amarelo, procurando a jarrinha branca esmaltada, para levar o café na cama ao seu marido. Um pouco mais tarde, saíram juntos do quarto. Eu estava na cozinha quando ela entrou. Seus olhos brilhavam mais que o cimento do secador com a lua da meia-noite.

Depois dessa noite de Natal, mudei algumas de minhas ideias sobre o Chano e suas mulheres. Ele continuava me parecendo um camaleão politiquero, mas como esse homem se arrumava para ter todas essas mulheres tão satisfeitas de suas próprias vidas? Não quero dizer felizes, porque não me atrevo, mas bem que pareciam. Não consigo imaginar as reações dessas mulheres se alguém lhes disser que seu Chano é um grande sem-vergonha.

A noite de Natal me esclareceu algumas coisas e me embolou em outras. Isso de nos liberar, de que somos iguais aos homens e de termos os mesmos direitos, bem, pois acredito que não vai ser fácil de explicar a mulheres convencidas de que vivem a melhor vida possível. Quando eu comentava com a Lina que as mulheres da região deviam ir às reuniões para informar-se, opinar e ocupar o seu lugar, ela nem sequer discutia, simplesmente me dizia que não há tempo para isso. E se me dava vontade de discursar sobre o porquê das mulheres terem de se

unir para lutar, com nossa própria organização, que esse caminho foi aberto pela revolução e que não podemos seguir como animais brutos, ocupando-nos com nada mais do que servir aos machos, e etcéteras, etcéteras, aquela mulher me liquidava com um simples raciocínio:

– Espere, mocinha...você acha que além de atender aos pais, aos maridos, aos filhos e aos filhos dos filhos, devíamos nos ocupar também das coisas que fazem os homens? Olha, minha filha, a mim você não põe em uma reunião dessas nem que eu esteja louca de atar – bom, se me amarrar, quem sabe...

E dava uma risada. *Punto em boca*³⁷.

Se esses eram os argumentos de Lina, podiam imaginar-se os das demais mulheres do clã do Chano. E veja que tarefa difícil falar com elas de se acabar com os vícios do passado, que não se podia continuar humilhando às mulheres com esse tipo de relações servis e promíscuas. Humilhadas, elas, que com o paizão do Chano conseguiram casa e comida segura para sua família? Pior andavam suas parentes que se casaram com *guajiros* pobres e andavam cheias de filhos e misérias, vivendo de puro milagre por esses caminhos de Deus.

Que missão difícil para nós, que andamos querendo mudar o mundo de um dia para outro. Parece que vamos ter de esperar pelas netas, para ver se conseguimos algo, porque as mães dos filhos do Chano e suas filhas vão demorar bastante com a jarrinha de café na mão e “a bênção, papai”!

E veja você se tinha razão nisso. Mais de vinte anos depois, ainda Orfelina não tinha resgatado seu sobrenome natal. Seguiu sendo Lina, a do Chano, como quando a conheci no El Mogote, aquela manhã de novembro, levantando do chão com sua galinha *malaia* pendurada de uma mão e a outra sacudindo o pó do avental; sua mata de cabelo menos negro e seu andar menos inquieto, mas com o mesmo olhar

.....

37 NT: Ponto final, não se fala mais nisso.

intenso e infantil, e tão feliz como quando fez história e se mandou em sua égua, galopando atrás do Chano, pelos potreiros de La Margarita.

*Hoje senti o rio inteiro em meus braços...
o senti em meus braços,
trêmulo e vivo como o corpo de um homem verde...
esta manhã o rio foi meu:
Levantei-o do velho leito... E o joguei no peito!*

Dulce María Loynaz

Víctor e o rio

Entramos no cafezal quando o sol ainda não ultrapassava as colinas próximas. O dia clareava e a neblina subia do chão às copas altas e verdes, verdíssimas. O orvalho dificulta caminhar, e dos ramos se escorre a umidade da noite em gotas grossas e frias. O rumo é costa acima e o homem que me guia, às vezes me segura pelo braço ou na mão para me ajudar a subir. Meu companheiro é forte e falador, e enquanto caminha, conta-me coisas de seu mundo, deste seu pequeno e formoso reino pessoal.

– Sabe que este cafezal foi meu avô que plantou? Ninguém se lembra mais quantos anos tem e olhe como floresce!

– E o bosque, Víctor?

– Isso é mais difícil de saber. Aqui tem árvores que devem estar aí faz um século. Olhe, por exemplo, esses cedros, que não dá para se abraçar o tronco!

Faço a prova com o mais próximo e, efetivamente, minhas mãos não se tocam quando rodeio o tronco enrugado.

O atalho se perde entre tanta vegetação e nós, visitantes novatos, corremos o risco de nos desorientar. Apresso o passo, sufoco e sinto os primeiros fios de suor descendo pelas costas.

– Víctor, espera, está indo muito apressado. Não sou cutia do mato como você.

O homem se detém para me esperar e de passagem arranca um galho com tangerinas pequenas e redondas. Entrega-me as tangerinas como se estivesse pedindo desculpas.

– São pequenas, mas as mais doces que há por aqui. Prove! – comemos as frutas, sim, estavam muito doces e o aroma da resina fica nas mãos e nas roupas.

Seguimos, ele me mostra as árvores:

– Esse é o *búcaro*, uma árvore que faz boa sombra para o café, e aquela da casca avermelhada esfolada, essa é *almácigo*. Quer ver algo curioso? Vem atrás de mim.

Afasta-se do atalho e me leva pelo braço: é preciso subir por uns pedregais até a rocha mais alta. Dali se divisa uma parte da mata na ladeira em frente, entre o matagal de folhagem e a borda do barranco, duas palmeiras reais crescem entrecruzadas como se se abraçassem e se acariciassem com seus penachos...Nunca tinha visto tal raridade e fico imóvel contemplando a paisagem até que Víctor lembra que temos de seguir caminho.

– Estão nos esperando.

– Você gostou da curiosidade? – pergunta.

– Claro, é assombroso. Se não visse, não acreditava. Como se sustentam assim ao ar? As palmeiras não têm raízes muito profundas, os cachos pesam. Desde quando estão aí? Não me diga que desde seu avô, porque não acredito que essas palmeiras tenham resistido a muitos vendavais.

Ele ri com vontade. Não me responde em seguida, preocupado em me abrir caminho para voltar para o atalho por entre o matagal de ramos e cipós, com cuidado dos enxames de *santanitas*, formiguinhas mínimas de picadas gigantes.

Quando saímos do enredo de folhagem, volta ao tema das palmeiras. Conta que houve um tempo em que choveu muito, muito, e que as camadas de terra vegetal da superfície, com plantas e tudo, foram deslizando sobre a base rochosa até que se assentaram em terreno firme e aí ficaram. O que sobreviveu seguiu crescendo, lançou raízes e seguiu vivendo. Parece que as palmeiras ficaram tão perto que se apaixonaram. Não há vento que as tombe nem machado que as separe. Víctor conclui:

– Ou elas caem juntas ou vivem inseparáveis.

Eu gosto do conto, me parece fantástico, é lindo e Víctor tem dom para contar histórias. Assim o conheci, em sua escolinha, dando aulas como contos. Uma manhã que chegamos trazendo cadernetas e livros, não quisemos interrompê-lo e ficamos fora, escutando contar como sobe e desce a água do céu à terra e depois ao contrário. Tinha de ver as caras dos garotos boquiabertos com isso do vapor, os cristais gelados, partes de nuvens, fios de chuva, rios e mares. Êta! professor *guajiro* para meninos *guajiros*!

A partir desse dia, vimo-nos com mais frequência por conta de organizar os camponeses. Víctor e sua família eram pessoas muito respeitadas no lugar. Com seu respaldo, podia-se chegar às pessoas. Nesse dia, encontramos-nos para visitar um grupo de camponeses que querem formar sua própria associação.

Enquanto caminhamos, a paisagem clareia. Vamos, nas copas altíssimas, que o verde único, escuro, quase sombrio, começa a matizar-

se em legiões de verdes, tão verde e tão belo “que dói olhá-lo”, como dizia a criança do conto, no qual pela primeira vez vê o mar e pede a seu pai “que o ajude a olhá-lo”.

– Víctor, a mata é como o mar, não se pode olhar tudo de repente.

– Verdade – responde-me. – Nunca é a mesma, vivo nela desde que nasci e sempre me surpreende com algo diferente; é lindo.

E segue em voz baixa contando do bosque, das plantas, como se fossem amantes, do chão que gostam e em que tempo crescem e frutificam melhor.

– As plantas sofrem, isso lhe garanto. Às vezes, também se entristecem como as pessoas e os animais. Gostam de ser amadas, cuidadas, protegidas.

Nisso se parecem com as mulheres; as plantas dão flores e frutos, as mulheres florescem em amor e parem filhos.

Para o quase monólogo, porque escorrego enquanto subo pelo chão úmido e inclinado e vem me ajudar.

– Estás cansada, mulher? Falta pouco, agora começamos a descer. É mais fácil, você vai ver.

– Não importa, não estou tão cansada.

Acredito que me picou uma vespa, ardem-me as costas, mas aguento o ardor arrepiada e não digo nada. Não me atrevo a pedir a Víctor que olhe debaixo da camisa. No meio da mata cheia de aromas e de sombras, e com todo esse falatório em minha cabeça, inquieta-me esse homem.

Chegamos ao local onde era a casa antiga de sua família. Da velha casona, ficou pouco, apenas uns restos do piso e algumas vigas de sustentação escurecidos.

– Aqui era a sala. Era bem grande a casa. Comíamos no fundo, na mesma cozinha, os de casa e os que apareciam. Eu me lembro da minha bisavó, já velhinha, sentada em sua cadeira de balanço, com uma bengala na mão o tempo todo, quanta gente passava e entrava para cumprimentá-la. E ela, como uma santa, benzia todo mundo. Que energia a dessa mulher! Era a primeira a levantar e a última a deitar, nem na hora da sesta dormia. Da cozinha e de sua poltrona, não havia quem a movesse, aí mesmo morreu. Já estava fria quando minha mãe a tocou para que acordasse e tomasse o café do meio-dia. Ninguém sabe quantos anos tinha. Como ela estava sempre ali!

Esse final me faz rir, com perdão do Víctor, que não debocho da avó, mas sim da história e desse tom com que disse, “como ela estava sempre ali!”.

Aproximamo-nos de um poço, ainda ficam algumas pedras do brocal amontoadas e cobertas de moitas. Taparam o buraco com tábuas grossas. Pelas frestas se vê, profundo, o brilho da água quieta. Olho o fundo com medo de cair por aquele buraco escuro e me seguro no braço de meu acompanhante, que me afasta do lugar sem comentário.

– Venha, por aqui deve andar o rastro. Há uma cova de morcegos onde a gente se escondia. A gente caçava os morcegos e botava um cigarro na boca deles; ficava parecendo que eles fumavam. Que barbaridades a pessoa faz quando é criança!

– Nós colocávamos as lagartixas para brigar para ver como se tiravam a crista vermelha debaixo do pescoço e se mordiam. Quando se agarravam de verdade a gente não conseguia mais separá-las. Estripavam-se. – Quer algo mais cruel? – termino perguntando.

– Sim, afirma o professor. Mais cruel é não ter infância, não ser criança alguma vez. Há quem chega a velho sem passar pela infância. Você não acha?

Concordo fazendo sinal com a cabeça.

– Bom, já chegamos. Não se nota, mas por aqui é a boca da cova.

Move-se um momento, afastando os matagais até encontrar uma depressão na parede rochosa, que aos poucos vai se espalhando para o interior.

– Isso, devagar e em silêncio. Se os morcegos se assustam, saem em bandos e podem machucar com o bater das asas.

Cheira a umidade e quase não vemos nada. A pancada na rocha é somente o começo. Sinto o roçar de algo muito veloz sobre minhas botas, possivelmente um rato ou uma serpente. Estou aterrorizada, mas calo, sinto o homem perto de mim, seu cheiro e o da resina das tangerinas.

Não, não digo nada, e o sigo até o fundo da cova, onde dormem os morcegos pendurados da abóbada de pedra como guarda-chuvinhas fechados. Abaixo, na terra, um colchão de excrementos amortece as pisadas.

De covas, tinham me contado e em algumas, já tinha estado perto, isso sim, mas entrar, propriamente dito, não. Em silêncio, observo este estranho mundo de sombras aparentemente inanimadas, onde, entretanto, existem tantas e tão diversas vidas.

Víctor me toca o ombro para me avisar que é tempo de sair. Fora, o sol já está alto.

– Que horas são? – pergunto um pouco sobressaltada.

– Perto das nove. Vamos, já devem estar nos esperando.

De repente, inclina-se e não vejo o que faz até que vem para mim com uns ramos de manjerição nas mãos.

– Venha, ponha isto na cabeça. O aroma espanta os mosquitos *guasasas*. Por esta hora, começam a incomodar. Afrouxa o nó, assim.

E ele mesmo coloca os dois raminhos atrás de minhas orelhas, apertadas no lenço que amarra meus cabelos compridos. É somente um ligeiro roçar, mas tenho certeza de que ele percebe como palpita acelerado o sangue onde pôs suas mãos. Nervosa, digo a primeira coisa que me vem à mente.

– Vamos ver, me dê seu chapéu, vamos colocar nele manjeriço também.

Dissimulo minha confusão, ocupada na colocação das folhas na fita do chapéu. Quando o devolvo, muda o olhar, nervoso. Eu também não tenho muita certeza, espremo as folhas que ficam nas mãos e volto a cheirar meus dedos molhados do suco verde. Começamos a andar incomodamente silenciosos.

Nas copas dos *pinhões búcaros*³⁸, brilham as flores vermelhas. Enquanto caminhamos, sentimos vozes. Vem alguém nos alcançar, que alívio!

Passado o meio-dia, terminamos a encomenda, dissemos o que tínhamos de dizer e estamos de acordo em que aí vamos organizar uma base camponesa antes de começar a colheita do café, que agorinha vem em cima de nós.

Fizeram almoço na mesma casa onde conversamos com as pessoas do lugar – todos vizinhos do Víctor –, que já estavam pensando que o professor seria indicado para dirigi-los, quando formassem sua própria associação.

– Pois, quem melhor que ele, instruído, da zona, bom produtor, que foi rebelde e guerrilheiro.

– Aqui a gente o conhece de toda a vida. Isso não tem discussão.

.....

38 NT: Flores que se parecem com um vaso de flores.

Falavam contentes, enquanto comiam as *malangas*³⁹ brancas e fumegantes, o *congrí* de feijão guandu, que por esta zona se come bastante, e os torresmos. As mulheres da casa circulam da cozinha à sala de jantar. Nenhuma delas participa da conversa ou nos acompanha na mesa.

Víctor se sentou na posição exata para não me olhar de frente. Agradeço; posso comer tranquila as frituras de milho tenro que a dona da casa preparou especialmente para mim, pela primeira visita.

Trazem o café, preto e amargo. Com o último gole, os homens se retiram da mesa, cumprimentam e partem. Alguém oferece cavalos para nos levar à estrada. Ouço Víctor agradecendo e dizendo que não, que ainda ficaremos um pouco mais pela zona.

Chega o momento de nos despedir. No mesmo pátio traseiro, depois de uma segunda taça de café, dizemos adeus e vamos cortando caminho pelos poteiros da vacaria próxima. Seguimos o mesmo beco por onde entra e sai o gado, pisando em terra dura, pedaços de esterco seco e montões de pétalas rosadas que o vento desprende dos pinhões floridos. Das pastagens, passamos de novo aos campos de café, à penumbra cheirosa e ao bosque adormecido na sesta do meio-dia. Durante o trajeto até aqui, quase não nos falamos.

– Agora vou te mostrar algo que você nunca viu antes – diz, desviando-se um pouco do rumo.

Em seguida, penso que tenta me distrair para aliviar o ambiente e que começará a contar histórias de novo. Mas não, no silêncio ouço um som de água mansa correndo próxima, logo topamos com um córrego pequeno e Víctor me faz subir pela borda em sentido contrário a seu curso. À medida que avançamos leito acima, a corrente perde força, afunda-se entre pedras e samambaias e brota mais adiante ainda mais fraca. De repente acaba o leito, desaparece a água, perde-se na terra e

.....

39 NT: No Brasil, tubérculo conhecido como cará (*Colocasia esculenta*).

reaparece, saltando por cima de uma pedra redonda, grande e polida. Chegamos ao manancial onde nasce o rio.

É impressionante o lugar, com sua pequena fonte saltando da rocha como um acrobata ao vazio. Ajoelhada sobre as ervas úmidas, coloco minhas mãos em concha para que a água caia nelas, fria e limpa; é uma sensação agradável que percorre o corpo.

Víctor se aproxima de mim; eu tremo e não de frio.

– Olhe as suas mãos debaixo do jorro. Retire-as um momento e volte a colocar.

Obedeço, a água começa a cair na concha formada por minhas mãos unidas.

– Agora, observa. É um instante único. No mesmo momento em que você põe as mãos, interrompe-se a corrente.

– Sim, mas logo transborda a água e volta a correr. Nada a detém – respondo.

– Te disse que era um instante. Só isso, um segundo, um quase nada de tempo, mas tinha o rio em suas mãos ou não? Esse fio de água que deteve é o mesmo rio que lá embaixo acaba com tudo, quando transborda sobre a ponte. O que você acha?

– Quer dizer que neste momento, exatamente nesta mínima fração de tempo – e volto a repetir a operação de interromper o jorro de água –, eu sou como uma deusa com um rio nas mãos?

Ele não responde em seguida, seu olhar vai e vem da água aos meus olhos, e ao fim diz muito devagar, dolorosamente, como se tivesse tomado uma picada de abelha:

– Não, nesse momento não, sempre...

Fico como a pedra do manancial. O que quis dizer e não disse? ou...O que disse realmente?

Separo as palmas de minhas mãos para que a água flua, veloz como meu sangue, para a terra. Ele não se aproxima. Ou melhor, afasta-se, calado, rodeando o atoleiro debaixo do manancial. Tira o seu chapéu e molha com água fresca a cara e a cabeça, o cabelo muito negro. Sigo seus gestos, quero entendê-lo, quero saber por que espera. Em um momento o compreendo, está inseguro, duvida ainda. Duvida do que vai acontecer comigo, como vou reagir. Esse homem me respeita tanto quanto me deseja. Tenho de me apressar, porque só há uma maneira de resolver esse dilema. Vou para ele, procuro suas mãos e abaixo o jorro de água.

– Víctor, por que não quis que nos levassem a cavalo até a estrada? Você se adiantou a responder e respondeu pelos dois. Por que tanta certeza de que eu viria contigo?

Víctor não responde. Beija minhas mãos molhadas, vem para mim e nos abraçamos como as palmeiras azuis, penduramo-nos como morcegos das covas escuras, afundamo-nos na água fria do poço esquecido, cheiramos todos os sucos da mata, pisamos em tapetes de pétalas rosadas e detemos o rio, um instante, só um instante.

Sáímos da mata ao entardecer; nunca mais voltamos sozinhos.

Eu amava outro homem e ele vivia com outra mulher; no entanto, fomos livres, livres e fortes para acabar com tudo o que ficasse entre ambos. Acredito que nós dois preferimos guardar intacta – exata e perfeita –, irrepetível, aquela lembrança. Possivelmente, tememos que a natureza não voltasse a nos dar uma tarde como aquela, quando os cafezais arrebetavam em flores brancas e nós, em tanta vida e amor, para levantar o rio de seu leito e jogá-lo em nossos peitos.



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

